FON FON
ANNO XXIII — N.º 41
Rio, 12 de Outubro de 1929
Preço: 1$000

—Como faziam soffrer a probresinha as suas 'pontadas' nevralgicas!

Um dia, porém, elle a convenceu de que devia experimentar a CAFIASPIRINA, e o effeito foi assombroso.

Em poucos minutos cessou a dôr, sem que o seu delicado organismo soffresse consequencias desagradaveis de especie alguma.

Eis porque o unico remedio que inspira aos dois absoluta fé e inteira confiança, é a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

O Conto Brasileiro

A Salomé do Celeste Imperio

De

R. Magalhães Junior

* * *

REZAM as chronicas, fixadas nas paginas amarellecidas de velhos papyrus, que ha tres mil annos appareceu, nas terras do Thibet, um propheta extraordinario, pregando entre as gentes hereticas os sublimes principios da religião de Buddha.

Descalço, envolto, em um longo manto azul Láo-Tsé, o Iluminado, andava, de cidade em cidade, espalhando os ensinamentos elevados do buddhismo e seduzindo as multidões com a sua palavra eloquente de apostolo fervoroso do novo credo.

Facil foi o triumpho da religião de Buddha naquella região, tal o prestigio que conseguiu Láo-Tsé entre os thibetianos. A principio, apenas os pastores e os moleiros, a gente simples da região, o escutavam. Não tardou, porém, que os ricos senhores o recebessem nos seus palacios, para ouvir-lhe a palavra inspirada e cheia de fé.

O illustre Wuang-Sen, dono de largos dominios e de grandes rebanhos, foi um dos primeiros thibetianos ricos que acolheram, em sua casa, o propheta Láo-Tsé.

Um dia, ali o viu a poderosissima senhora Tsesú-Li, viuva do grande Mandarim Chang-Li, aristocrata de alta linhagem, que tivéra grande influencia na côrte do Celeste Imperio.

Havia dezesete luas, o grande Mandarim Chang-Li seguira para o Paiz do Silencio, deixando Tsesú-Li a chorar amargamente a sua viuvez.

A illustrissima senhora, que ficou na posse das fabulosas riquezas do seu fallecido esposo, teve logo, como em geral acontece com as viuvas ricas, varias propostas de vantajosos casamentos.

Tsesú-Li, entretanto, rejeitou todas as offertas. Nenhum dos cortejadores falára ao seu coração e ella preferiu não casar, consolando-se da perda do marido com os desvelos do seu amoroso e unico filho, o joven Tong-Li, que dous annos mais tarde devia ser investido das altas honras de mandarim.

Ao ouvir a palavra fluente e suggestiva de Láo-Tsé, a illustrissima senhora Tsesú-Li sentiu que um novo amor nascêra no seu peito, onde o coração vibrava docemente ao contacto dessa emoção embriagadora.

Láo-Tsé falava, com assombrosa eloquencia, dos preceitos da religião de Buddha. Aconselhava a caridade e o amor ao proximo. Condemnava o egoismo dos ricos que mandavam chicotear os pobres que lhes batiam ás portas, pedindo-lhes uma migalha de pão. Ensinava a ser bom, para que a grey humana attingisse á perfeição.

Tsesú-Li, extasiada, acariciava com o olhar a figura esbelta do propheta, que realizava o typo per-

feito de belleza mascula de sua raça.

Depois da reunião em casa de Wuang-Sen, a illustrissima senhora Tsesú-Li procurou falar a Láo-Tsé. Disse-lhe das riquezas que possuia, declarando, afinal, que se sentir'a immensamente feliz si o propheta quizesse occupar o logar que outr'ora pertencêra a Chang-Li.

Láo-Tsé, sem se interessar pelas riquezas da illustrissima senhora Tsesú-Li, declarou-lhe que não podia se preoccupar com outra cousa além do seu apostolado da sua santa missão de doutrinar o grande rebanho humano.

Tsesú-Li soffreu rudemente com a indifferença do propheta. O seu amor por elle, entretanto, não abrandou. Tornou-se mais impetuoso, mais forte, mais vehemente

(Continúa na pagina 80)

O Commentario

EM uma carta publicada no "Diario de Lisbôa", a escriptora portuguesa Branca de Gonta Collaço, declarou que a lingua lusa, dentro de algum tempo, se tornará antinoma no Brasil, creando-se um idioma brasileiro derivado do portuguès, com grammatica e diccionario proprios. Accrescentou ainda que essa aspiração é do sr. Monteiro Lobato e sensata, embora prematura.

Cabe aqui, em primeiro logar, um reparo. Tal aspiração não é "inicialmente" do sr. Monteiro Lobato. Antes desse grande escriptor apparecer, já o povo brasileiro vinha, pela construcção da frase e sobretudo pela phonetica, constituindo através do tempo o dialecto brasileiro, hoje innegavel. Certo, tambem, os primeiros passos para a independencia da linguagem escripta deste lado do Atlantico se devem a José de Alencar, cujo pensamento nesse sentido está visivel na sua obra formidavel. Depois delle e ainda antes do alludido escriptor paulista, outros espiritos emminentes pugnaram pela mesma idéa.

Em segundo logar, a aspiração não póde ser de A.. nem B., porém da nação, cujos quarenta milhões de habitantes lhe dão o direito de estatuir definitivamente sobre sua lingua. Foi o que o sr. Gustavo Barroso deixou bem claro quando se occupou por mais de uma vez do diccionario da Academia Brasileira dentro dessa illustre corporação. E, quando se constituiu naquella casa a commissão da grammatica, que acaba de apresentar seu formulario orthographico inteiramente brasileiro, esse ponto de vista predominou, graças principalmente á opinião do mesmo sr. Gustavo Barroso, do professor João Ribeiro e do sr. Humberto de Campos.

As linguas não se represam como as aguas dum açude, porque, obedecendo as leis da evolução, ellas rompem todos os obices e se espraiam como uma innundação. Será o que se ha de passar no Brasil, quer Portugal queira ou não queira e mão grado todos os esforços em contrario dos eruditos e das academias.

O "BOM" COPPÉE

DE JAQUES NORMAND

O "bon" Coppée...

Era assim que se costumava nomear o autor das *Intimidés*, não sem uma pequena nuance de ironia.

A bondade, com effeito, tem agora o singular privilegio de fazer sorrir. A blague corrente a associa á tolice. Dizer de um individuo vulgar que elle é bom, é um elogio; dizer de um homem que elle é bom, quasi uma disfarçada censura.

Em todo caso, actualmente, a bondade parece ser uma das qualidades ás quaes se dá a menor importancia — justamente quando devia ser considerada a primeira de todas, honrada num culto ardente e fevoroso, amada com indeclinavel e glorioso amor.

Sim, Coppée era bom, muito bom. Certamente, a sua *verve gamine* não recuava, em occasião alguma, deante de uma palavra picante.

Elle tinha um espirito saltitante demais para não se deixar attingir por certas flechas aceradas; mas estas paravam á flor da sua pelle.

A indulgencia, a grande indulgencia foi a sua perpetua inspiradora. Elle era, como se diz, a bondade em pessôa, o obsequio vivo, se dispensando com inesgotavel prodigalidade. A lista daquelles a quem Coppée prestava os seus serviços era longa. Mil e tres vezes mais longa que a das victimas dos Dons Juans...

Digamos, pois, si assim querem, o "bom" Coppée. Mas apressemo-nos em ajuntar — o encantador, o espiritual, o delicioso Coppée. Elle teve a sua hora de rutilante celebridade.

Foi eleito, apreciado, amado por todos, desde a grande dama á *medinette*, desde o parisiense mais *raffiné* até o provinciano endurecido.

Saboreavam a sua poesia clara, simples e commovida; e, por isso, mesmo emotiva. E' verdade que foi accusado de certa vulgaridade. Alguns versos lhe foram censurados. Julgaram-n'os burguezes, excessivamente burguezes, talvez.

Mas a par dessas pequenas fraquezas — que encanto, que graça, que sensibilidade e que espirito! Não é pelas suas obras dramaticas — excepção feita de *Passant* — que o nome de Coppée é lembrado. E pelos seus pequenos poemas, onde reflectem todas as qualidades, todas as ternuras de uma alma delicada e sensivel, tão finamente franceza.

Conheci-o bastante.

Eu vi, muitas vezes, fosse em casa da princeza Mathilde, de quem era familiar; fosse no seu modesto e tranquillo porão da rua Oudinot; fosse em almoços de amigos. Era um brilhante "causeur", — de uma verve inexgotavel e fina.

Abundava em anecdotas e recordações. Zombava dos outros como um verdadeiro garôto — rindo do que elle mesmo dizia ou do que os outros diziam. Era de uma alegria vivida — que revelava, mui as vezes, uma sombra de melancolia de sua alma.

O fim de sua vida foi de uma grande nobreza.

La Bonne Souffrance é um livro admiravel.

Pobre Coppée! Elle conheceu demais o soffrimento; elle o conheceu até o seu ultimo dia. E com que resignação christã elle tudo supportou!

Que ninguem mais tenha duvidas sobre isto: Coppée era uma bella figura humana, digna de toda affeição e respeito.

Si bem que de humor pacifico, Coppée e eu fomos, certo dia, testemunhas de um duello, ou antes, para um duello.

Nessa época distante — ahi por volta de 1876 — Porel — cujo nome verdadeiro era Parfouru — e que devia, mais tarde, chegar a notoriedade, como notavel director do theatro, era comediante no Odeon.

Elle representava com talento os papeis de galã amoroso e, sobretudo, de *rai sonneurs* elegantes, muito em moda, naquelle tempo.

Aquelles que o conheceram devem lembrar-se desse homem de uma intelligencia viva, activa, amavel e, como "signal particular" — tinha elle um olho escuro e outro claro, que dava ao seu olhar uma estranha dualidade.

Certa manhã, Porel chegou á minha casa muito agitado.

— Meu caro amigo — disse elle — venho pedir-lhe um grande serviço.

— Um dos meus collegas do Odeon me insultou fortemente. Exijo uma reparação pelas armas.... Saio agora da casa de Coppée. Elle consente em servir-me de testemunha. Quer reunir-se a elle nesse acto?

Eu não podia recusar. Tinha muita sympathia por Porel. E depois eu nunca havia sido testemunha. Nesta grave funcção, nova para mim, iria ao encontro de minha vaidade.

Acceitei o encargo e na mesma tarde, tendo ido procurar Coppée na rua Oudinot, encontrámo-nos com as testemunhas de V... (por discreção, eu me limito a essa inicial.)

As arranhaduras que Porel havia soffrido não eram muito serias. Não havia motivo para um encontro. E o menor ruido a esse respeito seria excessivo.

Conversámos bastante sobre varias coisas... e tambem sobre o duello.

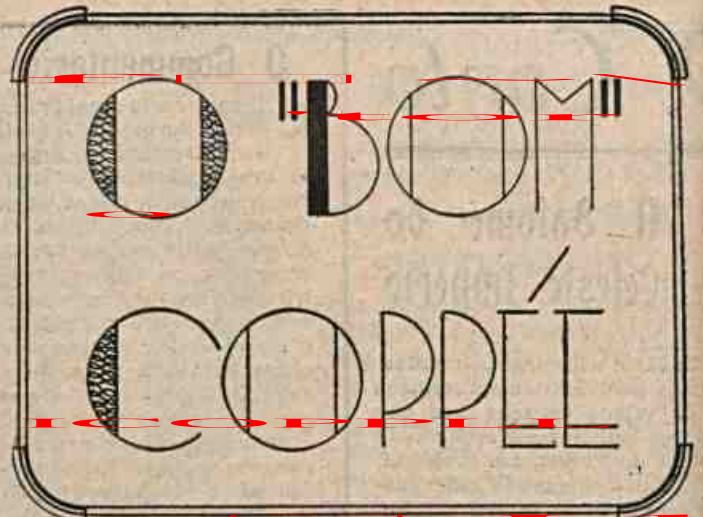
Todos acharam que este era inopportuno e inutil.

Coppée fumou numerosos cigarros; falou com abundancia, demonstrando o seu espirito habitual.

Separámo-nos.

No dia seguinte, V... apresentou ao seu collega as mais delicadas desculpas; e no outro dia, um excellente jantar offerecido pelos dois combatentes, agora mais amigos do que nunca, nos reunia os seis em casa de Foyot, onde saboreámos, regado de vinhos generosos, o tradicional canard dos encontros abortados.

Um destes

Canards avec soin engraissés
Que traitreusement on égorge
Lorsque deux messieurs sont pressés
De... ne plus se couper la gorge

O que nem todos sabem

Os prenomes raros e esquisitos, de tanto agrado no Brasil, são tambem apreciados na França.

Um jornalista parisiense teve a paciencia de procurar nos registos civis os prenomes esdruxulos e encontrou, entre outros, os seguintes, ainda não adoptados entre nós: Aster, Nacar, Mair, Adzir, Yonda, Faina, Benonie, Alide, Orsmar, Sylvice, Colide, Adena, Antheme, Forine, Nission, Albanee, Chomette, Libert, Arille, Almie, Cygues.

•

Os naturalistas citaram, como casos muito excepcionaes de longevidade, o de uma gata que attingiu a edade de vinte e dois annos e dois mezes, e de uma cadella que viveu vinte e oito annos. Muitos são os cavallos que têm alcançado os cincoenta annos, e citam o caso de um cavallo que morreu com sessenta e dois annos.

Os jumentos apresentam o exemplo de longevidade a mais impressionante, chegando mesmo a centenario, conhecendo-se um caso de um que morreu com cento e seis annos.

Os burros, no emtanto, não chegam ao meio seculo. Apenas foram citados dois que se aproximaram dos quarenta annos.

Desses exemplos tiraram a conclusão de que os herbivaros vivem muito mais tempo que os carnivoros, sobretudo quando são obrigados ao trabalho — provavelmente — porque são bem alimentados para poder produzir muito.

•

O medico allemão doutor Herr Kuttner descobriu que o arsenico que contêm as tintas de alguns tapetes é a origem, até hoje ignorada, de certas enfermidades.

•

Observando bem as plantas, a gente póde saber o estado do tempo com bastante certeza. As folhas do trevo emmurchecem quando o barometro annuncia bom tempo, e, em compensação, se revigoram quando está para chover. Ha plantas cujas folhas se fecham e se recolhem antes de uma tempestade.

•

O nome *Banco* é judeu. Os estabelecimentos bancarios foram estabelecidos na Italia, pelos judeus lombardos, que lhes deram o nome de *banca*, porque até então trocavam dinheiro em bancos e mesinhas que installavam na praça publica. O primeiro banco publico foi fundado em Veneza, no anno de 15..

•

O doutor Morage fez, recentemente, uma experiencia curiosissima. Com o auxilio de uma corrente electrica muito fraca, conseguiu fazer com que se contrahissem os musculos da larynge de um cão, immediatamente depois da morte do animal, e a larynge começou a ladrar, como si o cão estivesse vi...

URODONAL

evita a obesidade

Gotta
Rheumatismos
Arterio-esclerose
Nevralgia
Areias da bexiga

12 GRANDES PREMIOS

COMMUNICAÇÕES Á

Acad. de Med. 10 de Nov. de 1908
Acad. das Sciencias 14 de Dez. de 1908

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro [illegible] 10 de junho de 1910.

Cem kilos?!... E' preciso que tome o URODONAL!

lava o figado e as articulações, dissolve o acido urico, activa a nutrição e oxyda as gorduras

«Quem quizer permanecer joven e evitar os rheumatismos, o endurecimento das arterias, a areia dos rins, as varizes e a obesidade, deve eliminar o excesso de acido urico, este veneno do nosso organismo e fazer tratamentos regulares pelo Urodonal».

Établissements Chatelain

Fornecedores dos Hospitaes de Paris, 2, r. de Valenciennes, em Paris, e em todas as Pharmacias.

«Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

"O URODONAL fabrica-se em granulado e PASTILHAS"

Estrategia

DE A. R. BONNATO

— Com vossa permissão.

— Você manda. Menina, afasta um pouco.

— Não, não. Não que se incommode a menina, nem você, nem siquer a taça. Mas é que não ha outro logar, e tenho um encontro com um amigo, marcado para esta hora...

— Não faltava mais nada!

O garçon:

— De que se vae servir?

— Café.

— Só?

— Não; acompanhado destes senhores.

— Como você está trocista, hoje, Atenedro!

— Homem, que casualidade! Chama-se Atenedro?!

— Que? Conhece alguem que tenha este nome?

— Não. Por isso é que digo que casualidade. Nós sahimos de casa sem suspeitar que iamos ter a honra de alternar na mesma mesa com um senhor de um nome tão comico!

— Cavalheiro.

— Por Deus, Silvino! Não sejas imprudente! Desculpe-o, cavalheiro; é que meu esposo é muito trocista.

— Trocista e esposo da senhora? Não faltava mais nada que me aborrecesse por tão pouco. Nem todos temos o prazer de chamar-nos Silvino, como o senhor. Puxa! Que nome lindo! Talvez seja appelido, não?

— Nome authentico.

— Algum capricho da senhora sua mãe, talvez. Claro! A pobre, com certeza, era neurasthenica. Deu-lhe o nome do padrinho, que talvez fosse élinico...

— Ouça... esses insultos!

— Insultos! De modo algum! Tambem eu gosto de fazer minhas pilherias.

— Mas, como não o conheço...

— Não importa, porque para dizer estes humorismos, estas tolices, não é preciso que tenhamos estudado juntos ou moremos na mesma casa...

— Claro que não.

— Pelo que vejo, gosta de vir ao café.

— Regular. Foi minha senhora, aqui presente, e minha filhinha, tambem presente, que quizeram que viessemos.

— Quá! quá! quá!

— O senhor sim, que deve ser assiduo concorrente, pelo que ouvi do *garçon.*

— Assiduidissimo. A esta hora costumo vir com uns amigos leprosos.

— Que diz?!

— Leprosos, — desses que têm lepra. Oh, mas rapazes muito bons!

— E deixam-nos entrar?

— Naturalmente. A' parte alguma cousa estranha, são como o senhor e eu, e até como sua senhora...

— Mas, o contagio?...

— Ria-se disso. Quem está livre do contagio estando em contacto com a gente? No melhor estará o senhor no theatro, junto a alguma pessoa que tem sarna, ou no bonde, pegado a uma bôa moça que...

— Cavalheiro! Repare que minha senhora está presente.

— E' verdade. Pois supponhamos que é sua senhora quem vae no bonde ao lado de um moço que...

— Ouça, senhor! Repare que meu marido está presente e...

— Bem, bem... Não supponhamos nada e nos limitemos a dizer que eu tenho uns amigos leprosos como podia têl-os boticarios, os musicos ou poetas... Tambem costuma vir de quando em quando um que é assassino.

— Horror! E assassinou alguem?

— Naturalmente. Matar é uma profissão que, si não se cultiva, não existe. Segundo elle, o meu amigo, é encantador, isso! Elle proprio lh'o explicará, porque se vier esta noite, terei o prazer de lh'o apresentar.

— Oh, não! Por favor!

— Pois faz muito mal, cavalheiro, em repellir a amizade de um semelhante. Não podemos prever o dia de amanhã. Meu amigo é assassino...

— Mas, é verdade isso?!

— Sim, senhora. Meu amigo assassino tem grande desejo de estreitar sua amizade com outro amigo que tambem vem á nossa tertulia.

— Outro amigo?

— Sim. Um que foi, em sua mocidade, verdugo na Hespanha.

— Ai! Ai!

— Que tem a senhora?

— Acho que o senhor é muito impressionista e nos está amargando a noite com seus amigos leprosos, o assassino e o verdugo.

— Que quer a senhora? Nem todos podemos ter relações selectas. Eu quizéra que á minha tertulia de café só viessem magistrados, senadores, ministros... Mas isso não póde ser, pela profissão que tenho...

— Mas... que é o senhor?

— Eu? Salteador de caminhos.

— Vamo-nos!

— Cavalheiro!

— Como! Já se vão?

— Sim. E' um pouco tarde.

— Abur, abur...

— Vão com Deus, e fiquem sabendo que tive o maximo prazer. Quá! quá!... Vês, João, como os expulsei da mesa?

O garçon:

— Obrigado, senhor Atenedro, porque estava vendo que com dois cafés iam ficar aqui a noite inteira...

NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

Restauração — Renascimento — Conservação

PELA

Loção Brilhante

PATENTE N. 5730

Formula Scientifica do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.
Approvada e licenciada pelo Departamento Nacional da Saude Publica pelo Decreto n. 1213 de 6 de Fevereiro de 1923
Recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro.

A LOÇÃO BRILHANTE É O MELHOR ESPECIFICO INDICADO CONTRA:

Quéda dos cabellos — Canicie — Embranquecimento prematuro — Calvicie precóce — Caspas — Seborrhéa — Sycose e todas as doenças do couro cabelludo.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios, está hoje completamente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma molestia. O cabello cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A Loção **Brilhante**, pela sua poderosa acção tonica e antiseptica, agindo directamente sobre o bulbo, é, pois, um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Multiplas e variadas são as molestias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a quéda dos cabellos. Dastas, a mais commum são as caspas. A Loção **Brilhante** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixando a cabeça limpa e fresca.

A Loção **Brilhante** evita a quéda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabello. A Loção **Brilhante** tem feito brotar cabellos após periodos de alopecia de mezes e até de annos.

Ella actua estimulando os folliculos pilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias determinadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer, despegam-se das raizes. Em seu logar nasce uma penugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou degenera.

A Loção **Brilhante** extermina o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabello, impedindo a sua quéda.

TRICHOPTILOSE Ha tambem uma doença, na qual o cabello, em vez de cahir, parte. Póde partir bem no meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrilhas. Além disso, o cabello torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A Loção Brilhante, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, cura-a facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os macios, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1.º — Ser absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

2.º — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contém nitrato de prata e outros saes nocivos.

3.º — A sua acção vitalizante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4.º — O seu perfume é delicioso, e não contém oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam a saude do cabello.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a Loção Brilhante pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão e enxugar bem.

A Loção **Brilhante** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte: Deita-se meia colher de sopa, mais ou menos, em um pires, e com uma pequena escova embebida de Loção Brilhante, fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz do cabellar, deixando a cabeça descoberta até seccar.

PREVENÇÃO

Não acceitem nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a **Loção Brilhante.**

Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos.

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabello que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabello.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais conveniente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **Loção Brilhante.**

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **Loção Brilhante.** Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta opportunidade.

A **Loção Brilhante** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar **Loção Brilhante** no seu fornecedor, córte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico capillar.

Unicos concessionarios para a America do Sul:
ALVIM & FREITAS — Rua Wenceslau Braz nº. 22-sob.
S. PAULO.
C. Postal. 1379.

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS — (F. - F.) Caixa 1379 — S. Paulo

Junto lhes remetto um vale postal da quantia de réis 10$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....
RUA ....
ESTADO ....
CIDADE ....

VEIU em seguida ao grande desenvolvimento que tomou aqui a installação e venda de apparelhos de radio. Então, o carioca, onde fôsse, encontraria aquella voz rouquenha, estalando, interrompendo-se: "Allô! Allô! Fala—"

Para mim, tornava-se difficil procurar comprehender o prazer que se pudesse sentir em ouvir reproducção inexacta de discos através o auto-falante, tendo-se ainda de supportar, de intervallo a intervallo, as propagandas, que são a vida de tudo e por isso mesmo insupportaveis: "Para tingir em casa"... ou "Formidavel liquidação"... Para ás vezes se ouvir o homemzinho de lá, de voz artificial, falsete engrossado, ler erradissimamente o nome estrangeiro de compositor ou interprete qualquer...

Si, á tarde, a gente ia á procura de seu vehiculo, com o espirito mais ou menos consciente e tranquillo do cumprimento de um dever quotidiano, e com a esperança feminina de socego de casa; onde a gente fôsse, á procura de vehiculo encontraria irremediavelmente pela frente, pelas costas, pelos flancos, o fantasma radiophonico, num cerco ou bloqueio de tornar neurasthenico o homem mais calmo.

Quasi insensivelmente, foi tudo melhorando e consequentemente diminuindo...

Os programmas das sociedades de radio começaram a ser bem cuidados, escolhidos os seus diversos numeros, e dahi sua quasi impopularidade *rural*.

Houve quem respirasse e houve quem recobrasse o bom humor e a saude. Eu resuscitei.

O carioca, porém, tem hoje um pequenino e novo jogo de paciencia e um tanto de azar. Tenho-me distrahido com esse jogo. Venho, ha dias, procurando localizar aqui e ali futuras casas de victrolas.

O certo é que ellas apparecem em todos os pontos da cidade, numa proporção extraordinaria, cada dia facilmente observada.

A's vezes ganho, ás vezes perco.

Questão de pratica. Passo por uma rua. Vejo uma casa de negocios qualquer, vazia de freguezes, com um ou dous melancolicos caixeiros encostados ao balcão; o chefe, de olheiras e barba por fazer; inicio de calvicie: paro mais adeante, tomo nota da rua e do numero: — dentro de uma semana, ali estará uma casa de victrolas e discos...

E', pois, o grande negocio de hoje. O grande commercio... "o alto commercio desta praça"...

As entradas para os sobrados, no centro da cidade, as grandes portas dos grandes predios, tudo tem sempre uma incansavel victrola orthophonica ou não. Quasi motu-continuo.

O certo é que tudo isso vae até estabelecendo no ouvido uma não pequena confusão. Não ha mais ninguem de ouvido são nesta leal cidade. Porque as referidas casas estão já tão proximas umas das outras, que quasi será preciso o comprador se enfiar por dentro de uma victrola para lhe ouvir sómente o disco...

Nos bairros, ha de tudo: desde a orthophonica do valor de um predio, até a portatil, de menos de 100$000... com dous discos... de voz cavernosa e associante...

E' o vizinho da direita e o da esquerda. E' a casa que fica á frente da nossa. E' a rua toda. E' o bairro inteiro. A cidade inteirinha...

Não se póde escrever, nem lêr, nem falar. Só se tem o direito de ouvir o direito e o dever. O dever e a fatalidade de ouvir!

* * *

E' preciso parar. Chamam-me e faz-se necessario acudir.

Vou experimentar meus novos discos numa de minhas victrolas...

LUIS PAULA FREITAS.

"A BELLA E A FÉRA"

DURANTE cinco annos os conjuges Cuide viveram sem ter outra aventura que não fossem as catastrophes quotidianas que alegram a vida com todas as "ménages". Mirella Cuide era uma graciosa mulherzinha que, certamente, não havia inventado a vassoura mecanica, mas sabia coser e ficar calada.

Edmundo Cuide sahia para o trabalho de manhã e voltava á noitinha. Que mais se póde dizer em seu favor?

Ora, ao cabo de cinco annos, a senhora Cuide, que era a razão personificada, teve o capricho mais estranho, mais louco, mais inconcebivel, mais extravagante, um capricho que deixou Edmundo Cuide.

Este estava preparando a sua valise, em companhia de Mirella que esvasiava caixinhas, parou bruscamente, e perguntou com a voz mais natural deste mundo.

— Meu caro, tu serias capaz de trazer-me uma cabeça de zebra?

Edmundo Cuide afrouxou o collete, e repetiu como si sonhasse:

— Uma cabeça de zebra.

— Por que não? Uma cabeça de zebra. Quero possuir a cabeça de uma zebra, para collocal-a sobre a penteadeira.

Edmundo Cuide deixou-se cair n'uma poltrona...

— Uma cabeça de zebra! Em cima da penteadeira! Tu estás louca, Mirella; ou então, tu és...

— Não sou nada! Que ha de extraordinario em querer uma cabeça de zebra?

— Não ha nada de extraordinario. O que ha é ridiculo. Ainda se fosses a ultima descendente de uma casta de caçadores... Mas tu sabes muito bem, Mirella, que teu pae era mercieiro e, nas suas viagens mais longas, nunca foi além da porta Champerret. Que necessidade teus de possuir um trophéo de caça e, sobretudo, na tua alcova, uma alcova a Luis XV laqueada de marfim? Tu nunca viste uma zebra?

— Não! E é por isso que desejo possuir uma cabeça de zebra.

— Mirella, a zebra é um animal espantoso. E coberto de pellos e de dentes. Corre com uma velocidade extraordinaria.

— Não te peço as suas patas, peço-te a cabeça da zebra.

— Mas onde queres que vá buscar uma cabeça de zebra?

— Procura-a!

Germana

— Vou visitar fabricas de massas alimenticias...

— Indo de fabrica em fabrica, obterás informações.

— Mirella, reflecte bem.

— Já reflecti — disse Mirella. — Quero uma cabeça de zebra. Nunca te pedi nada. Tu tens aproveitado a occasião para não me offerecer coisa alguma. Hoje é necessario que mude esse estado de coisas. Traze-me a cabeça de zebra, ou eu requeiro o divorcio.

Edmundo Cuide desappareceu, batendo a porta.

* * *

Quando regressou, oito dias depois, pensando encontrar uma Mirella confusa e arrependida, encontrou-se deante de uma pessoasinha secca e severa.

— De que é esta cabeça, Edmundo?

— Minha querida, trouxe-te um macaco.

— Que me importa o macaco? Tu sabes o que foi que te pedi.

— Não encontrei cabeça de zebra, Mirella. Mas na proxima occasião...

— Dou-te ainda um mez.

Durante a primeira quinzena daquelle mez, Mirella foi odiosa. Reclamou a sua cabeça de zebra e toda hora e em todos os tons, tanto e tanto que Edmundo, exasperado, resolveu viajar, jurando trazer, fosse por que preço fosse, uma cabeça de zebra, reservando-se o direito de pedir o divorcio, quando ella devesse cohabitar com o monstro, no proprio quarto.

Por um extraordinario acaso, na primeira cidade onde passou correu a um antiquario e descobriu, na vitrine, uma cabeça de zebra, um pouco mofada e com um olho de menos. Mediante quatro francos e pouco obteve o trophéo.

— Põe-se-lhe um pouco de naphtalina, disse o antiquario, por causa das traças. Leva-a comsigo ou prefere que a envie pelo correio?

— Expeça-a — ordenou Edmundo, aterrado com a idéa de conduzir debaixo do braço aquelle craneo decrepito.

E alegrava-se da surpreza de Mirella quando, num pacote postal, recebesse o objecto dos seus sonhos.

Mas o objecto sonhado não havia ainda chegado, quando Edmundo reappareceu no domicilio conjugal.

— E a cabeça da zebra, Edmundo?

— Como? Ainda não chegou? Eu a fiz expedir pelo correio.

Mirella teve um sorriso sarcastico.

— Deveras? Quem a expediu?

— Eu te dei o recibo da expedição.

— Juro que não!

— E' curioso. Emfim, quero acreditar em ti! Dou-te ainda oito dias, a mais. Escreve ao negociante para que elle te mande o recibo do correio.

Mas Edmundo nem o nome do negociante, nem o nome da rua sabia. Desorientado, tomou o trem, voltou á cidade, onde havia feito a sua acquisição, encontrou a rua e a loja do negociante.

Esta estava fechada, por motivo de fallecimento: o antiquario havia morrido na vespera, envenenado.

Desta vez, quando Edmundo voltou á casa, Mirella não lhe veiu abrir a porta. Havia partido, levando tudo comsigo. Deixou apenas ao marido uma carta de adeus, insultuosa e definitiva.

— Si ao menos a cabeça chegasse, soluçava Edmundo. Eu mesmo lh'a iria levar. Veria assim que não mentira.

* *

Um anno se passou. Nada da cabeça chegar. Mirella requereu o divorcio por injurias e sevicias graves. Obteve-o.

Depois, um outro homem lhe fez a côrte, e ella decidiu casar com elle.

Quando voltou do municipio, pelo braço do seu Adolpho, viu no seu novo apartamento uma caixa e uma carta.

A caixa trazia as mais variadas etiquetas. Havia andado por Angoulême, Salvador, e depois, na Guyana Hollandeza.

Chegava exhalando um odor insupportavel.

A carta de Edmundo trazia apenas estas simples palavras: "O negociante havia escripto mal o endereço. Sinto é muito tarde, recebe esta cabeça, como si fosse uma saudade do meu amor."

Mirella havia esquecido, inteiramente, o seu capricho.

— Que quer dizer isso?

Adolpho, que nesse interim, havia aberto a caixa, descobriu uma nuvem de traça e um objecto disforme e pestilencial, sobre o qual formigavam os germes activos e destruidores.

— Que foi o sinistro engraçado que se permittiu...

— Foi o meu primeiro marido — esclareceu Mirella. — Eu sempre te disse, meu querido Adolpho que aquelle homem era um grande patife.

Beaumont

RAUL PENTEADO (S. Paulo) — O seu soneto *Dinorah* vae ser publicado, apezar de ter soffrido uma pequena emenda.

SAUDADE (Portugal) — E' sempre um encanto uma cartinha que me chega da terra lusitana. Portugal! Quanta poesia encerra esta palavra clara e sonora! Portugal é ouvir o rythmo lento e plangente dos seus fados! Portugal é sentir as noites enluaradas do Minho, cheias de guitarras e bandolins soluçantes! Portugal é evocar as paisagens mansas, onde os casaes alvejam e rolam os carros de bois carregados de feno, nos carreiros tranquillos! Portugal é vêr, na imaginação, (ou através dos livros de historia e da geographia?) as asas dos moinhos nostalgicos, bracejando para o céo azul e doce! Portugal é relembrar as vinhas ricas de sangue vegetal, as estradas vestidas de amores e o rio Minho, lento e lento, reflectindo, no seu curso longo, as bellezas da patria de Camões!

Portugal! Como tu és bello! E como nós, homens de espirito, sabemos querer-te bem — pelos teus descobridores, pelos feitos de tuas armas, pelas tuas tradições encantadoras, pela alma da tua gente, pela graça da mulher portugueza!

Viu, senhorita *Saudade*, como a sua carta me enthusiasmou? Toda vez que alguem me fala da terra que deu Anthero, Eça, Camillo, Guerra Junqueiro e tantos outros espiritos de élite, tantos outros super-homens, a minha alma vibra como aquella guitarra do lindo fado minhoto:

Guitarra, guitarra geme
que o meu peito todo geme
ao cantar o meu amor...

Não, depois de tanta evocação lyrica, depois de tanta poesia, é melhor silenciarmos sobre a sua graphologia: seria um sacrilegio falar de coisas desagradaveis.

E, como vê, attendi o seu pedido: não publiquei a sua carta...

EDELWEISS (São Paulo) — Ah, minha illustre consulente! Esquecer! Como é difficil esquecer, em amor!

Ha, entre duas pessôas que se amam com ardor e violencia, uma especie de fusão dos dois sêres, pela força de attracção dos elementos chimicos da mesma natureza que residem na materia dos corpos. E essa fusão é mais completa porque nella entra o elemento psychico, que é o consenso de vontade, orientadas para o mesmo fim: a amor.

Não é erradamente que M. Donnay exclama: "Amants! Il y a des forces fatales qui accrochent les êtres l'un a l'autre."

Ora, quando se dá uma ruptura entre elles, os amantes, o que verifica é, de facto, uma ruptura de almas, ou como quer Petigrilli, uma laceração de affectos, de sentimentos, de vontades, de anseios, etc.

Resultado: não se pode esquecer a pessôa de quem nos separamos porque, egoisticamente, o que deploramos são os fragmentos do nosso *eu*, que se foram com a creatura querida.

Perguntará V. Ex.: "E os que ficaram comnosco, pertencentes ao seu *eu*?" Ora, muitas vezes, o que fica é só a recordação, essa amarga tristeza de relembrar aquillo que já era nosso, nos pertencia, se incorporaára aos nossos actos, aos pensamentos, aos nossos habitos.

Por isso não creio que uma ruptura sentimental não importe em soffrimento profundo, em saudade, em martyrio, em desespero, em desvario...

A sua dôr pode ser muito artificial, muito sensivel, muito literaria, mas humana e possivel. As mulheres não são tão indevassaveis como se julgam.

A alma feminina é um Atlantico. (Ou um Mar Vermelho?) Ha dentro della monstros marinhos, algas, coraes, sargaços, conchas, etc. Tudo depende da sorte do mergulhador — achar ou não achar, na sua immersão, a concha que traga a sua perola preciosa. Mas que msabe? E' possivel que haja lá essa perola...

Mas voltando ao caso do esquecimento no amor... "Valois oublier quelqu'un c'est y penser" — diz La Bruyère. Não será assim mesmo? Mas ouça lá, senhorita senhorita ou madame?) *Edelweiss*...

Tambem eu procuro esquecer uma *Edelweiss*; e, por uma fatalidade, V. Ex. me vem fazer relembral-a...

Não será possivel applicar no caso o principio da medicina homœpathica — *Similia similibus curantur*? "Os semelhantes se curam com os semelhantes..."

G. SOUSA (São Paulo) — O seu conto não pode ser publicado.

CLARA CARMEN (Minas) — Uma missiva rôxa, triste como uma saudade de viuva... pobre e feia. Nella V. Ex. me pede um estudo de sua letra. Ahi é que está a questão. Ha deante de mim, uma, duas, tres, quatro pilhas de cartas que me falam sobre a mesma coisa. E não as attendo. Por que? indagará. Porque, pela letra, eu sei que, de antemão, qual é o consulente, ou a consulente capaz de uma descompostura. E V. Ex.? Não será capaz de escrever-me uma carta insolente, mas dirá lá, na roda dos seus intimos: "Esse Yves é um imbecil... Não entende de graphologia. Veja só: Descobrir tanta coisa má num anjo como eu..."

Terá razão? Vejamos a sua carta:

"Yves — Vencendo uma timidez natural, atrevo-me a escrever-te. Luctei muito antes de fazel-o, principalmente porque o meu desejo era pedir-te o estudo de minha letra. Sim, porque escrever-te dizendo cousas amaveis... (e toleraveis), ou fazendo litteratura, seria ridicula, dado a minha incompetencia. Mas... eu desejava tanto saber o que revela minha letra. E somente a ti, eu teria coragem de recorrer. Serei imprudente talvez pedindo uma cousa que te desagrada, principalmente em se tratando de uma desconhecida. Affirmo-te, porém, que seja qual for o resultado, ficar-te-ei muito grata, promettendo-te de antemão não te passar nenhuma descompostura.

Desde já agradecida ficará.

P. S. Peço responder para Clara Carmen." Quando sahirá o teu livro "Uma garçonne carioca.

Minas 24-9-929."

Muito bem. Vamos a sua letra. Indica ella que V. Ex. é muito timida e preguiçosa. Ih, que horror! V. Ex. é lenta como... como quê? Imagina uma soisa muito lenta. A ascenção da lua, em noites de setembro? Gostou da tirada poetica? E' sovina. Que coisa feia! V. Ex. não é capaz de pagar um bonde de cem réis para as suas amigas. Deve passar carona no conductor. (Estou brincando: carona é por minha conta.)

Vamos adeante. E' delicada, suave, apezar do seu temperamento frio e enfermiço. Velhaca, maliciosa e opportunista. Isto é, gosta de tirar bom partido de tudo. E' simples, nos seus modos. A sua vontade é fraca, e quasi nulla. E' vaidosa apezar da sua simplicidade e pouco firme nos seus sentimentos affectivos. Melancolica, retrahida, dissimulada, nunca tem vibrações de alegria. E' calma que desorienta os circumstantes.

— E agora — muito obrigado, sim?

UM MILAGRE MODERNO

As execuções maravilhosas dos mais eximios artistas do mundo são reproduzidas com uma exactidão tão assombrosa na Victrola Orthophonica, que V.S. tem a impressão de que os cantores ou musicos se acham alli presentes, dentro de seu proprio lar.

Os principios scientificos de sua construcção, os quaes são exclusivos da Companhia Victor, fazem com que a Victrola Orthophonica seja a unica que proporciona uma fidelidade de tom absoluta, incrivel. Compare este instrumento com qualquer machina fallante e V.S. se convencerá de sua incomparavel superioridade.

Este instrumento sobresae não somente pelos seus meritos musicaes mas tambem, como movel, é uma joia primorosa . . . . o producto de peritos famosos na arte da marcenaria.

Visite hoje mesmo qualquer commerciante Victor desta localidade e peça-o que lhe faça uma demonstração dos ultimos modelos lançados no mercado pela Companhia Victor. Existem Victrolas Orthophonicas para todos os gostos e todas as bolsas.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., rua do Ouvidor, 153; Nascimento Silva & C., rua Sete de Setembro 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington Barbosa & C., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & C., Galeria Cruzeiro.

Radio-Electrola Victor Modelo RE-45. Reproduz tantos os discos como a musica transmittida pelo ar com surprehendente realismo.

Preço

VICTOR TALKING MACHINE CO — CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

Não é legitima sem esta marca. Procure-a!

PROTEJA-SE!
Somente a Cia. Victor fabrica a "Victrola"

VIOLETA IMPERIAL (São Paulo) — Uma carta côr do céo. Eu gosto do azul porque elle me conduz a idéas serenas. E' curioso! Porque é que os temperamentos suaves preferem as nuances, as côres esbatidas, ternas e mansas?

Uma creatura violenta como D. Patrocinio da *Reliquia*, de Eça, escreverá em papel côr de abobora, vermelho, verde ou rosa vivo. Uma creatura suave não vae além do cinza, do azul pallido, do lilaz e outras nuances.

Por que será?

A sua missiva é côr do céo. Vejamos o que V. Ex. me escreve:

"Yves — Por admirares tanto as paulistas, é que me atrevo a escrever-te.

Não tenho competencia para isto. Entretanto não ignoro que possues um coração magnanimo. Yves e se eu te pedisse minha graphologia... Será que me mandavas?...

Espero. Dizem que a esperança é a ultima flor que morre no jardim da vida...

Desde já fica-te muitissimo grata a amiguinha — *Violeta Imperial*. São Paulo, 3 de agosto de 1929."

Ora, a sua letra não me amedronta. Por esse motivo...

V. Ex. é uma creatura finissima de attitudes gentis, fidalgas, affaveis, temperamento extremamente sensivel, doentiamente não-me-toques — mas de élite — "et pour cause"...

E irrequieta, vivida, fantasista exaltada, ciumenta, (é capaz de dar pancada no marido) imaginosa. (Sonha com "princes charmantes".) Tem bom gosto, muito bom gosto, porque é muito cocoquette. Sarcastica, de ironia fina e prompta a ferir os palermas e os pretenciosos, V. Ex. é uma creatura fragil, e paradoxalmente combativa. Deve ser alegre, ardente, sensorial, affectiva, facil de emoções principalmente de ordem artistica. Egoista, no sentido superior das idéas da vida, e prodiga, liberal, franca, no sentido economico.

V. Ex. é dessas que gostam de dar presentes e não se limitam a recebel-os, pela theoria do "venha a nós"...

A sua vontade não é forte, mas é intelligente e superiormente orientada.

Em summa: o traço predominante do seu caracter é a delicadeza.

Gostou?

ALÉM-MAR (?) — Vejamos o que me escreve esta angelica creatura de outros mundos. Dois pontos:

"Rio, 14-9-29

Yves. — Escute-me. Ha muito

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

tempo, desde que foi iniciada no querido Fon-Fon a Secção Saibam Todos", tenho tido o desejo impetuoso de pedir-lhe o estudo dos traços do meu caracter. E' muito util conhecer-mo-nos; não é, Yves? Quer ajudar-me?

A minha letra, não sei qual o motivo, nunca é igual. Sendo possivel, sem sacrificio nenhum de sua parte, estude-a e diga-me tudo, tudo sem reserva; sim, Yves?

Si custar muito, retiro o meu pedido importuno, sem zanga alguma, e peço-lhe que me desculpe.

Attendendo á minha sollicitação curiosa, seja qual fôr o resultado, oh, por quem é, não duvide de mim! — sentir-me-ei muito feliz, jamais olvidando o obsequio muito precioso concedido por si, Yves.

Assim, pois, paciente, aguardando a resposta que certamente não me negará, aperto-lhe a mão com muita sympathia, em signal do mais profundo e perenne reconhecimento.

P. S. — Será muito gentil respondendo para "Além-Mar", guardando desse modo, só para si, o nome que lhe confio em sigillo absoluto.

Mais uma vez grata por tudo. — A mesma."

Ah, minha senhora, não me é possivel dizer o que a sua letra revela. V. Ex. deve ser implicante, violenta, etc. Não diz bôas não attenda o seu gentil pedido coisas á sua graphia.

Eis, pois, uma razão para que — como dizem as "jeunes filles" nas cartas escolares...

AMY (Pernambuco) — A carta que me dirige é dessas que me enchem o coração de saudade. Como vê, a phrase é banal. Ma[...] nenhuma exprimiria melhor [...] pensamento do que ella...

"Yves — Essa é a segunda ve[z] que lhe escrevo, pedindo o ob[...] posta de fazer o estudo da min[ha] letra.

Poderá fazel-o, Yves?

Não tive o prazer, nem a hon[ra] de receber uma pequenina re[...] postaque fosse, pela minha pr[i]meira cartinha.

Tenho porém, a esperança de que esta, não terá a mesma sor[te] da primeira.

Quem sabe? Talvez ella n[ão] tenha chegado ao seu destino, n[ão] é mesmo, Yves?

Não quero crer, que voce d[ei]xasse sem uma resposta, emb[ora] desagradavel, uma conterra[nea] sua.

Não é esse o juizo que faço d[e] voce.

Yves, não sente voce saudad[es] daqui, da belleza da nossa ter[ra]?

Não tem saudades das nos[sas] noites enluaradas, da mages[tade] do nosso Capiberibe, do azul d[o] nosso céo, do encanto de Pern[am]buco?

Quando apparece aqui? Rec[ife] sente a sua ausencia.

Venha visital-o, Yves, Ven[ha]. Senão elle fica triste, pensa q[ue] voce é ingrato, que o esqueceu.

Bem, Yves, desculpe-me o tem[po] que lhe roubei.

Caso mereça eu, um pouco d[e] attenção da sua parte, peço u[ma] para resposta do pseudonymo Amy."

Não ha duvida: a missiva é muito delicada. Acredito mes[mo] que tudo isso que V. Ex. testem[u]nha, apparenta e manifesta p[ara] mim, com essa firmeza do cor[a]ção da nobre gente do norte, se[ja] muito sincera. Creio mesmo q[ue] V. Ex. me desejasse ver ahi, e[m] nossa terra, (pagas pelo me[u] bolso a conta do hotel, etc.) e q[ue] a sua admiração seja real.

Por meu turno, é com nostal[gia] que me recordo desse formo[so] Pernambuco, meu berço nata[l] cujo povo é tão nobre quanto a[l]tivo (Vide "Guerra dos holland[e]zes".) Mas o que não é possive[l] a sua graphologia.

Peço-lhe que tenha corag[em]. Não desmaie. E, si por ahi [ha] algum vidro de ether, ou agua d[e] melissa, pode empalmal-o des[de] já. Ouça o que lhe vou dizer: A sua letra... Mas, não! Dê lem[]branças a Olinda, á Bôa Viagem, a Caxangá, a Magdalena e ao meu querido Espinheiro...

MARIANNA (São Paulo) — Procure os livros de sciencia [e] literatura na Livraria Alves, rua do Ouvidor, 166, nesta capital. Em São Paulo ha uma filial desse estabelecimento.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitam, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 12-10-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

Pobre Diabo

O sr. Amadeu chegára ás 7. Vinha carregado de embrulhos, suado e poeirento, cansado de um dia inteiro de trabalho e da longa viagem de omnibus que aos trambolhões fizera.

Mal abrira a porta, e quatro garotos lhe cáem em cima, puxando os embrulhos.

— Cuidado que isso quebra! A mamãe é quem repara, — dizia elle.

Mas, apesar disso, foi aos empurrões que o homemzinho chegou até a mesa da sala de jantar, onde deslocando pratos e talhares, deixou cahir a pesada carga.

— Ahi é logar de pôr embrulhos? Sabe-se lá por que mãos andaram? Arruma-se, para esses diabos chefiados pelo pae, que é o mais culpado, desarrumarem num instante! — vociferou D. Amelia, entrando na sala.

— Ora, mal chego é para ouvir desafôros! — resmungou o Amadeu, sentando-se a lêr um jornal.

Afinal, a criançada, aos gritos de "João ganhou mais", "isso eu não quero", se retirou, indo queimar os fogos no terreiro.

Mme. Amadeu, tendo a criada trazido a terrina de sopa, sentou-se, no que foi acompanhada pelo marido.

Mal humorado, o Amadeu toma a cabeceira, provando apenas a primeira colherada, para logo desabafar:

— Todo dia é isso, todo dia essas ralhetices!

— Que?... Ralhetices?... Ralhetices aturo eu de você e daquelles demonios! Lida-se o dia todo, lá va-se para vocês sujarem! Depois, porque reclamo são ralhetices...

E a mulher, enfurecida, uma vez com a palavra só deu uma pausa á sobremesa, com a chegada de Lia, sua filha.

Immediatamente, os dois esposos procuram justificar-se aos olhos da filha, resultando nova série de desafôros.

— E eu que queria ir á festa em casa de Lucia... Vinha pedir...

— Qual festa qual nada! Daqui para a cama! Si vocês têm a vida ganha, eu não tenho! — gritou o Amadeu, interrompendo-a.

Lia dirige-se ao pae, abraça-o e chora. Quando boa dona de casa, não gosta de sahir, mas quando insistem...

— Por mim você ia... Mas arranje-se com seu pae.

Lia dirige-se ao pae, abraça-o, beija-o e chora.

Amadeu não podia vêr mulher chorar. E em casa todos sabiam disso, fazendo do pranto a arma mais forte.

— Vá lá, vá lá... — disse elle.

Paulo Vicente

O desdém do officio

VOU falar-te do heroismo em qualquer profissão e do heroismo em qualquer aprendizagem.

Aquelle homem, meu filho, que veiu visitar-me esta manhã — aquelle homem de caçadora côr de terra — não é um homem honesto. Em doçura, em bondade, em operosidade, em rectidão como pae de familia exemplar, poucos o ganham. Mas aquelle homem exerce a profissão de caricaturista numa revista illustrada.

Isso lhe dá que viver: enche-lhe todas as horas do dia. No emtanto, elle fala sempre com asco de seu officio, e me diz: "Si eu pudesse ser pintor! Mas sou obrigado a desenhar essas cousas ridiculas para poder comer. Não olhes os bonecos, amigo! Não os olhes! E' pouco negocio...." Elle quer dizer que faz isso unicamente por ganancia, e que deixou que seu espirito pairasse bem longe do trabalho que occupa. Porque tem sua tarefa formalissima.

Digo-te, porém, meu filho, que, si o trabalho de meu amigo é tão vil, si seus desenhos podem ser chamados bobagens, a razão está, precisamente, em que elle não metteu alli seu espirito. Quando o espirito nelle reside, não ha trabalho que se não torne nobre e santo.... E' o o do caricaturista como o do carpinteiro, e o do que recolhe o lixo, e o do que vende jornaes.

Ha uma maneira de desenhar caricaturas, de trabalhar a madeira e tambem de varrer as ruas ou de escrever endereços, que revela que na actividade se por amor, cuidado de perfeição e harmonia. E' uma pequena chispa de fogo pessoal. Isso que os artistas chamam estylo proprio, e que não ha obra humana em que não possa florescer, é a maneira bôa de trabalhar. A outra, a de menosprezar a profissão, tachando-a de vil, em vez de redimil-a e secretamente transformal-a, é má e immoral. O visitante da caçadora côr de terra é, pois, um homem immoral, porque não ama sua profissão.

Filho, tu és um menino. Mas eu falo em ti a todas as almas jovens que estão ou estarão breve estudando, aprendendo o officio, cargo ou dignidade.

Além disso, nunca é perdido o tempo que se emprega em executar humildemente cousas que não se entendem. Essas cousas trabalham no intimo, e ha de chegar o dia em que o proveito se encontra." Tranquilliza-te, pois.

Deixa, menino, que tuas mãos descansem nas minhas. Olha com olhos estranhos sahirem de minha bocca as palavras com um movimento de labios e de dentes.

A palavra *espirito*, eu ta hei de repetir muito. E tu me perguntarás, talvez, o que significa ella. Tu não o podes saber ao certo, e creio que tambem eu. Mas é bom que sempre falemos disso, que, si nós não o entendemos, elle, o espirito, saberá entender-nos, e, por conseguinte, nos fará melhores.

Eugenio D'Ors

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Bagé	15 Outubro
Ruy Barbosa	30 Outubro
Raul Soares	15 Novemb.
Cant. Guimarães	30 Novemb.
Cuyabá	15 Dezemb.
Alte. Alexandrino	30 Dezemb.
Bagé	15 Janeiro
Ruy Barbosa	30 Janeiro
Raul Soares	15 Fevereiro
Cant. Guimarães	28 Fevereiro
Cuyabá	15 Março
Alte. Alexandrino	30 Março
Bagé	15 Abril
Ruy Barbosa	30 Abril

NORTE

LINHA RIO - BELEM

Pedro I	18 Outubro
Manáos	25 Outubro
Santos	1 Novemb.
João Alfredo	8 Novemb.
Cte. Ripper	15 Novemb.
Pedro I	22 Novemb.
Manáos	29 Novemb.
Pará	6 Dezemb.
João Alfredo	13 Dezemb.
Cte. Ripper	20 Dezemb.
Pedro I	27 Dezemb.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Affonso Penna	25 Outubro

LINHA MANÁOS-B. AIRES

Rodrigues Alves	10 Novemb.
Duque de Caxias	20 Novemb.
Baependy	30 Novemb.
Alte. Jaceguay	10 Dezemb.
Campos Salles	20 Dezemb.
Santos	30 Dezemb.

LINHA RIO - RECIFE

Cte. Vasconcellos	30 Outubro
Cte. Vasconcellos	30 Novemb.
Cte. Vasconcellos	30 Dezemb.

SUL

LINHA RIO-PORTO ALEGRE

Cte. Capella	17 Outubro
Cte. Alcidio	24 Outubro
Cte. Alvim	31 Outubro
Cte. Capella	7 Novemb.
Cte. Alcidio	14 Novemb.
Cte. Alvim	21 Novemb.
Cte. Capella	28 Novemb.
Cte. Alcidio	5 Dezemb.
Cte. Alvim	12 Dezemb.
Cte. Capella	19 Dezemb.
Cte. Alcidio	26 Dezemb.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Duque de Caxias	26 Outubro
Baependy	4 Novemb.

LINHA MANÁOS - B. AIRES

Alte. Jaceguay	13 Novemb.
Campos Salles	28 Novemb.
Santos	3 Dezemb.
Affonso Penna	13 Dezemb.
Rodrigues Alves	23 Dezemb.

LINHA RIO - LAGUNA

Asp. Nascimento	15 Outubro
Asp. Nascimento	30 Outubro
Asp. Nascimento	15 Novemb.
Asp. Nascimento	30 Novemb.
Asp. Nascimento	15 Dezemb.
Asp. Nascimento	30 Dezemb.

VARINHA DE CONDÃO

DE UM ANNO PARA O OUTRO — Todas as mamães economicas sabem a grande difficuldade dos trajes infantis. Na verdade as crianças se vestem com qualquer retalho, na verdade suas roupinhas cuja maior graça está na simplicidade não exigem tecidos de luxo nem córtes complicados.

Mas... e nesse mas está o secreto desasocego das mães de familia, pois não ha roupa que baste e dure porque de um anno para o outro nada mais serve nas crianças.

"Como Lili está crescida! — exclama a mamãe entre satisfeita e desesperada, o vestido do verão passado, tão bonito, tão caro já não lhe chega mais!"

Fig. 4, mod. I, II e III

Cinderella, que se preoccupa com tudo que interessa suas leitoras lembrou-se desse problema e pediu conselho á habilidosa madrinha fada.

Esta fez logo apparecer os tres vestidinhos da fig. 4, cercados das explicações necessarias. Vou reproduzil-as.

Supponhamos que o vestido de Lili esteja curto e apertado. No modelo n.° 1 sua mamãe poderá cortal-o bem abaixo da cintura e armar a saia em pregas sobre um corpete de sêda lavavel da mesma côr. A blusa, encomprida da por uma pala formará um blouzon atado na cintura. Para alargal-o embutir tanto na saia quanto no corpo tiras da mesma fazenda da pala. Essa fazenda deve ser em tom e tecido que combine com os do vestido reformado. Assim, crêpe da china branco para um vestido de crêpe da china rosa, georgette azul mais claro ou creme para um georgette azul-rei, etc. Os viezes da gola e das mangas são do primitivo tecido do vestido.

Na segunda hypothese o vestido está sómente curto. Póde-se encompridal-o par meio de umas hombreiras, fechando as cavas um pouco sob as mangas, e completando o decóte que ficará talvez exagerado por um vieze largo que uma golinha encobrirá. As hombreiras e a gola serão de tecido e tom condizentes com os do vestido e uns botões na mesma côr enfeitarão graciosamente o dianteiro.

O terceiro modelo presta-se para o arranjo de um vestido curto e apertado. Nelle, porém, a pala é maior, a ausencia de mangas simplifica a questão e a fazenda nova, combinando com a primitiva, formará além da pala os dois grupos de pregas do dianteiro para dar largura. Uns ramos bordados sobre a fazenda nova na côr da antiga darão maior realce ao vestido.

Uma bôa medida de economia que facilitará extraordinariamente esses arranjos é a de comprarem as mamães um pequeno excesso de fazenda que guardarão cuidadosamente e aproveitarão em tempo opportuno. Na peior das hypotheses, sendo o vestido lavavel e estando um pouco desbotado, si bem que aproveitavel, o tecido não desempenhará perante elle o papel da mesma côr em nuança mais carregada tão usada nas combinações de tons.

MODAS PARA DOENTES — Minhas amiguinhas, as gentis leitoras do Fon-Fon, sabem por certo que ha modas para de manhã e modas para á

tarde, trajes de visita e trajes de sport, modelos para crianças e modelos para senhoras... mas talvez ignorem que ha modas para doentes. Pois ha.

Ha dias li num artigo sobre condemnados á morte que as mulheres até para subirem á forca ou á cadeira electrica mandam pedir em casa

o melhor vestido que possuem e se enfeitam com esmero. E' já lenda rio o caso da famosa Mata Hari, a bailarina fuzilada por crime de espionagem, a qual, para a execução apresentou-se tão formosa com seus

(Fig. 1)

melhores atavios e todas suas joias, que foi preciso ao official commandante do pelotão repetir tres vezes a ordem de "Fogo!" antes que os soldados se resolvessem a obedecer fascinados pela visão de graça e belleza que iam destruir para sempre.

Si nem para morrer abandonam as mulheres a preoccupação da faceirice, nada tem de extraordinario que mesmo doentes se preoccupem com modas.

Demonstrou entender de psychologia a americana que se lembrou de estampar numa revista de sua autoria o gracioso modelo para convalescentes da fig. 1.

A convalescencia, e o tempo de prisão no leito por doenças leves mas que nem por isso deixam de exigir longo repouso, são muitas vezes as occasiões em que mais visitas se recebe.

E' pois natural que a enferma cuide de parecer bem, principalmente quando traços do passado soffrimento ainda a enfeiam.

Os arranjos para o leito não devem, entretanto, incommodar a doente. Mais praticos para esse fim do que o *peignoir*, são os casaquinhos curtos ou batas, que se vestem sobre a camisola e compõe o busto até onde a coberta attinge. O encanto do modelo da fig. 1 está em que o casaquinho de crêpe da china côr de rosa enfeitado de renda valenciennne se completa com uma colcha do mesmo tecido aberta com entremeios. Uma tira de crêpe da china rosa bordada da mesma valenciennne que orna a bata serve para emmoldurar o rosto e compôr os cabellos, evitando a touquinha que principalmente no verão aquece em demasia a cabeça, podendo causar mal-estar.

ACCESSORIOS ELEGANTES — Ainda e sempre a moda ordena o esmero nos pequenos detalhes da toilette. Pelo bom gosto e harmonia dos pequenos complementos de um traje julga-se, de relance o chic de quem os traz.

A bolsa combinando com o sinto e a écharpe forma um dos conjunctos mais modernos e bem acceitos. Esse da fig. 2 compõe-se de uma écharpe de georgette branco trazendo largas tiras applicadas uma preta, uma vermelha e uma rosa, acompanhada por uma bolsa e um cinto de pellica branco com incrustações pretas, vermelhas e rosadas.

Quando o vestido não traz écharpe como succede nos trajes de pleno verão, a bolsa continúa a combinar com o sapato e o chapéo. Na fig. 3, vemos um chapéo estival de largas bordas, de palha beije transparente, enfeitado por uma tira de velludo côr de pão tostado. Uma bolsa de antilope beije com fecho de marcasite, e finos sapatos de pellica beije completam admiravelmente um vestido de renda ou de georgette beije creme ou azul para visitas ou passeios á tarde.

CINDERELA.

Uma Cura Milagrosa

Léon Freich

NO seculo XVIII, o doutor Hill, aborrecido com a Sociedade Real de Londres, que o tinha recusado para um de seus membros, imaginou, para vingar-se da mesma, levar a effeito uma troça de um novo genero: enviar ao secretario dessa Academia, sob o nome supposto de um medico de provincia, a narração de uma cura recente de que se annunciava autor.

"Um marinheiro, — escrevia elle, — quebrou a perna. Encontrando-me, por acaso, presente, uni as duas partes da perna quebrada e, depois de tel-as amarrado fortemente com um cordel, molhei todo o ponto com agua de breu. O marinheiro, dentro de muito pouco tempo, — continúa o satyrico do medico, — sentiu a efficacia do remedio e não tardou em servir-se da perna como d'antes."

Ora, esta cura fôra publicada na occasião em que o famoso Berkeley, bispo de Clyone, fazia apparecer um livro sobre a virtude e a propriedade da agua de breu, obra que estava alcançando muito successo, e que excitava opiniões pró e contra dos medicos inglezes.

Essa carta, na qual o doutor Hill explicava os beneficios da cura pela agua de breu, foi lida e ouvida com muita gravidade na assembléa publica da Sociedade Real, e nella discutiu-se com a melhor fé do mundo a cura maravilhosa. Uns não viram naquillo senão o testemunho flagrante em favor da agua de breu; outros sustentaram, ou que a perna não estava realmente quebrada, ou que a cura não poderia ter sido tão rapida. Iam já ser impressas as opiniões divergentes, quando a Sociedade Real recebeu uma segunda carta do medico provinciano que escrevia ao secretario:

"Na minha ultima carta, carta em que lhe narrava uma cura maravilhosa levada a effeito com agua de breu, esqueci-me de dizer que a perna do marinheiro era uma perna de pão."

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 41

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1929

Uma cabana e um coração...

ELCIAS LOPES

A natureza amanheceu, hoje, como sempre, nem alegre, nem triste: impassivel. Através, porém, de minha visualidade interior, a refractar-se, inquieta, na janella verde-claro de meus olhos, toda ella, apezar da louçã garridice de sua primavera em flôr, e da estonteante farra de luz deste sol de verão, sinto sombreada de amargura e de tristeza, de desillusão e desencanto.

Mas, somos bem nós — os homens, como dizia Amiel, que emprestamos á natureza os nossos sentimentos, que ella recebe como se fosse um enorme espelho em que elles se reflectissem. E, porque estou triste, é que ella, illuminada e verde, magnifica e maravilhosa, carreando, em seu vasto seio porejante, o leite sagrado da vida, no continuado trabalho de sua eterna fecundação, surge a meus olhos tambem triste, tambem angustiada, tambem cheia de inquietação.

Por que estou assim? Qual a razão superior, qual a força emotiva, determinante deste estado de alma? — pergunto-me a mim proprio.

E chego, de analyse em analyse, quasi á mesma conclusão daquelle principio com que certo philosopho fundamentou e construiu sua bizarra theoria do *bovarysmo*: a impossibilidade se conceber tal qual é todo homem que ama.

Porque todo anseio de felicidade na terra presuppõe, um ideal romantico de amor, quer dizer, uma illusão, porque *l'homme a besoin d'un mirage pour marcher sur le sol de la vie*.

E o amor, apezar de lhe decantarem a morte os poetas, como Jacopone, a dizer *chora porque o amor já não é amado*, e de lhe malsinarem a divina pieguice philosophos como Nietzsche, ainda é e, sempre será a formula em que se enquadrarão as mais nobres e as mais bellas attitudes da vida, como expressão de sentimento e senso de felicidade.

"O Pagão"... Sabem o que é "O Pagão"? Uma fita de... cinema e tambem da vida real, um film tão bello no seu ambiente physico, no seu *décor* natural, como profundo na significação mesma de seu motivo concepcional.

O "pagão" é o homem preso ás forças mais intimas e mais profundas da natureza, ás raizes mysteriosas da terra, de que elle haure a seiva, a vida, o amor; o homem, *en état de nature*, cujo espirito rudimentar nada percebe do universo, mas que, nem por isso, deixa de conter um pouco do fogo que o anima; o homem capaz de realizar o milagre da felicidade na vida, porque não deseja mais do que "uma cabana e um coração".

Aquelle amor selvagem, de uma rusticidade encantadora, cheirando á terra aberta em flôr, em que a brutalidade do animal contrasta, de vez em vez, com a delicadeza de seus gestos de coragem e de carinho, é o amor palpitação do infinito, o amor-fogo sagrado, sôpro quente de Deus, a arder no immenso e mysterioso coração das coisas...

Ao redor de mim, para todos os lados que me volto, a natureza parece abrir-se num sorriso, engalanada e festiva. Mas, sobre ella faço descer o velario da minha tristeza interior e do meu desencanto de homem moderno, no tempo, mas, preso, no espaço, á divina ancestralidade dos que, no seculo da civilização que vem matando o amor, e, com elle, todas as grandes e generosas illusões da vida, são ainda um residuo atavico dos amorosos á antiga, dos que careciam apenas de "uma cabana e de um coração" para realizar a formula de sua felicidade.

Une chaumière et un coeur... Ha, por ahi afóra, tão lindas cabanas... Onde, porém, encontrar um coração, nos dias de hoje?

O coração da minha cabana — o coração da minha felicidade, serás tu mesma, meu amor?

Quem o sabe, dir-me-ás, e eu tambem te responderei que nossas almas são um continuo amor e um continuo adeus...

Uma cabana e um coração — um sentido para a vida, uma formula de felicidade — coisa tão simples tão accessivel, mas só apparentemente...

O BRASIL UM SO'

O sr. ministro Mangabeira, que á frente do Itamaraty, tem tomado varias medidas de grande repercussão patriotica, resolveu incumbir um maestro brasileiro da organização de diversas partituras do Hymno Nacional, assim como as partes em separado dos instrumentos respectivos, para serem distribuidas, pelos nossos representantes no estrangeiro, ás sociedades de concertos symphonicos, theatros lyricos, companhias de navegação e a outros interessados, evitando-se ao mesmo tempo a execução de falsos trechos, não raro publicamente apresentados como sendo o hymno da nossa terra.

Este acto, tão singelo, tem alcance notavel, pois o hymno, como a bandeira, são symbolicamente a Patria que nós reverenciamos, e que temos o dever de fazer respeitada através do espaço e do tempo.

Depois de impôr o culto da nossa lingua na Assembléa de Havana, o ministro Mangabeira deseja tornar conhecido, em toda a sua belleza, o hymno do Brasil, cuja situação musical tem o enthusiasmo da Marselheza.

Mas, a propaganda do Hymno Nacional não se faz necessaria apenas no exterior.

Desgraçadamente, dentro das nossas proprias fronteiras, o hymno brasileiro vae sendo esquecido, e substituido pelos chamados hymnos dos Estados!

Ainda ha pouco, Paschoal Carlos Magno, que andou pelo Norte em missão espalhando a sementeira d'essa obra grandiosa que é a "Casa do Estudante", confessava-me, compungido, ter ouvido o Hymno Nacional duas vezes, sómente, em toda a sua excursão, ao passo que ouvira muitas vezes, em solemnidades officiaes, os taes hymnos dos Estados.

Esta observação accudira-me tambem ao espirito, por vezes, através do sólo brasileiro, como repugnára ao meu sentimento de patriota as chamadas bandeiras dos Estados, pannos sem significação historica, espalhados aqui e acolá.

Em nenhum paiz do mundo, a unidade do sentimento patrio talvez seja mais sensivel que a nossa.

As nossas qualidades e os nossos defeitos se fazem notar ao norte, ao centro e ao sul do paiz, onde o povo se apresenta com as mesmas caracteristicas.

Por isso, essa invenção de bandeirinhas e hymnos estadoaes nenhuma razão de existencia apresenta, antes aberra ao nosso sentimento patriotico.

E, si o ministro do Exterior procura dignificar o Brasil ante o conceito do estrangeiro, seria de louvar que o ministro do Interior cuidasse de extinguir as bandeiras e os hymnos dos Estados, que afinal são méras e inexpressivas caricaturas do regionalismo, sem nenhuma significação plausivel, deante da Patria, que é uma só, e cujo esplendor está bem vivo nas côres do pavilhão que reflecte a imagem do Cruzeiro.

Por MARIO POPPE

UM grupo de officiaes da Marinha brasileira prestou, no Club Naval, expressiva homenagem ao almirante Noble Irwin, offerecendo um jantar ao chefe da Missão Naval Americana.

LAMPEJOS

Seus olhos, hoje, neste domingo tão amargo para o nosso amor, não tiveram para os meus olhos aquel le lampejo de esperança que tantas vezes illuminou meu coração desolado. Seus olhos, hoje, não derramaram nos meus olhos aquella promessa doirada que tanto me confortava nas minhas horas inquietas.

Você, hoje, estava tão differente de hontem, minha amiga... Tão differente, que nem siquer me deu o consolo fulgurante de um olhar demorado.

E eu, que tanto a quero, senti que não posso mais viver sem você. Senti que o mundo nada mais valerá para mim, si seus olhos de tópazio deixarem de clarear as sombras do meu caminho. Senti a angustia das ameaças tremendas. E fiquei mais triste. E pensei no desmoronamento da torre dos meus sonhos. E tive medo de ficar só no deserto immenso do meu amor.

Pela primeira vez, eu li, hoje, nos seus olhos, o desalento e a hesitação que você procurava occultar dos meus olhos.

O Club São Paulo Tennis offereceu mais um dos seus rutilantes bailes á sociedade paulistana. Foi uma nota de grande brilho mundano.

GLYCINIAS

Ando com uma saudade louca dos teus olhos. Dos teus olhos azues, que lembram o céo desta tarde de outubro e já illuminaram, noutras tardes — tardes longinquas de amor — as sombras e a melancolia da minha vida.

Penso em ti e fico mais triste quando me convenço de que não posso, agora, beber a ventura turqueza dos teus olhos, num enlevo lyrico de contemplação amorosa... Porque estás longe de mim. E apenas meu pensamento te póde alcançar ahi na serenidade provinciana dessa cidade que eu não conheço, mas que admiro, só porque te possue.

Mas eu não me contento com esse mutilado consolo de pensar. Não me contento em poder evocar o teu vulto esplendente de boneca loira... Desejo ver-te perto de mim, olhando-me com os teus olhos luminosamente sonhadores. Desejo a tua presença, o teu sorriso, a tua doçura plácida, a tua linda melancolia dolorida. Desejo os teus labios para matar a sêde dos meus labios...

Meu amor, por que prolongas tanto esta ausencia que me desola?...

As figuras femininas que tomaram parte no programma da vesperal de arte realizada sabbado ultimo, no Club Naval.

O MUNDO

O Mundo é eterno e não teve começo como não terá fim. Deus é o Espirito, o Pensamento, o motor intellectual; Elle é eterno como o Mundo.

O homem, ser transitorio, possue o privilegio de conhecer-se a si proprio (na medida em que os seus sentidos o permittem); sua consciencia lhe revela que existe acima delle uma força intelligente, que preside aos destinos da raça cujas gerações successivas vão passando de mão em mão a chamma da vida.

* * *

ALAS

(DE ROSALIA SANDOVAL.)

Alas, alas! Quien me diese tenerlas
Fuertes, pujantes, cual de los condóres,
Y, dejando la Tierra y sus horrores
A las estrellas, por encima verias.

Ni en un astro siquiera, detenerlas
Al impulso de vuelos promisores
Hacia el reino de luz y resplandores...
Alas, alas!... Mejor es no tenerlas.

Si las tuviese! Un mundo de armonia
Donde la vida hablase de ventura,
De Justiça, de paz, yo buscaria.

Mas, ah... Si esta ilusión por fim lograse!...
Las alas quebraria en la tortura
De un ay! que el corazón despedazase.

Versión de AVELINO SERRA.

Bs. As. Mayo, 1929.

O AMOR

O amor é a chamma que illumina a humanidade triste, a unica que espalha algumas scintillações de alegria e de ebriedade pelo rude caminho que percorremos do berço ao tumulo.

Os delegados do VII Congresso de Credito Agricola e Popular reuniram-se, quinta-feira penultima, num almoço de despedida, no qual tomaram parte, tambem, varios jornalistas, especialmente convidados.

E VANIDADE...

PRIMEIRO DIA DE UM CONVALESCENTE

QUEM se ergue do leito, após longos dias de enfermidade, e se encontra com uma linda manhã cheia de sol, é como quem atravessa a escura extensão de um tunnel fumacento e, de novo, se vê sob a claridade do dia.

Respira a bons haustos. Sente-se feliz em revêr a luz e repousar os olhos tontos da treva, no colorido alegre da paizagem.

Como o viajante, o enfermo, digamos, o convalescente, gostaria de ficar em silencio, olhando as mãos pallidas como aquelles doentes da Rodenbach, no doce primitivismo com que sonhava Rousseau, longe dos homens, longe do bulicio, longe do fragor da vida civilizada.

* * *

Foi com essas disposições de espirito que acordei hoje, ainda alquebrado pelos rigores da febre comburente, para o insano labor de todos os dias. Estou identificado com o ar balsamico desta manhã de arrabalde, com os jorros desta luz, com a magia destas flôres, com o verde-esmeralda destas copas e daquellas montanhas que alli se erguem; sinto tão bem a doce poesia desta vida pantheistica e a pureza desta manhã, que posso bem comprehender toda a philosophia dos Vedas e de todos os livros sagrados do Oriente.

Dentro da manhã crystallina, sentindo que só a Natureza é bôa, medito nas palavras de Vivekananda: "Os Vedas nos ensinam que a Creação não teve principio nem terá fim...

Creação e Creador são duas linhas sem principio e sem fim, que vão parallelas uma á outra."

E penso como os meninos brahmanicos: "O sol e a lua foram creados pelo Senhor como todos os sóes e todas as luas dos cyclos anteriores."

* * * Depois, recordo a doce voz dos poetas. Agora é Rabindranath Tagore quem fala, nas paginas dos seus "Poemas de Kabir:"

"A luz do sol, da lua e das estrellas brilha num vivissimo clarão. A melodia do amor se eleva sempre, mais alto, e o rythmo do amor chega ao seu termo.

Dia e noite, o côro musical enche os céos claros; e Kabir disse: "O meu unico Bem Amado me deslumbra como o resplendor celestial.

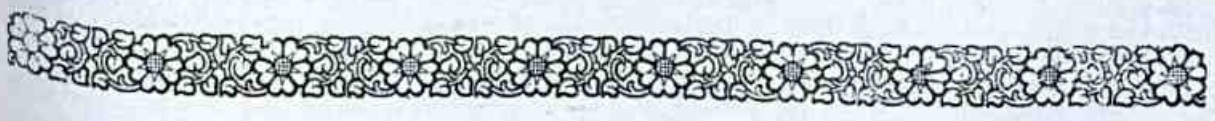
. . . .

Conheci em mim mesmo o dynamismo do Universo; escapei dos erros deste mundo."

* * *

Como estas palavras me cantam bem na memoria — na radiosidade desta minha primeira manhã de convalescente... De convalescente que bem desejaria o silencio, o isolamento, a quietude e a doçura desta clara hora matinal, em vez de entrar no "fervet opus", no "struggle for life" quotidiano...

Porque, vamos e venhamos, os convalescentes, vindos da dôr para a dôr, estão mais affeitos ao perdão, á bondade, á clemencia, porém, entre homens que se degladiam, a unica bondade e clemencia possiveis são as ditadas pelo Terror; a indulgencia seria "atroz"; a clemencia, "matricida".

CARMEN Castello Branco, a brilhante e consagrada «virtuose» patricia, vae deliciar a culta platéa carioca com seu proximo recital de violino, a realizar-se sabbado vindouro. Para esse magnifico concerto, que vae constituir um grande acontecimento artistico e mundano, a gentil e eximia violinista organizou um programma a rigor, em cujo desempenho sua technica prodigiosa, a admiravel segurança de seu arco e sua intensa emotividade, mais uma vez revelarão á alta sociedade desta capital a grande e vibrante artista que ella é.

Duas silhuetas elegantes.

OS HOMENS... AS MULHERES — De Yves — Espere... espere... De vagar...

— De vagar, como?

— Assim... Você bate as palpebras muito depressa... E a ferrugem turva da iris parece apagar o disco negro das pupillas.

— Não diga tolices, Elza. Que baralhada é essa! Quer você misturar uma coisa com outra? Acaba por me deixar cego como Homero ou como Milton...

— Não, fóra de brincadeira Deixe ver o fundo dos seus olhos... Creio que vi lá dentro a imagem de um anjo muito triste...

— Ah, já sei: é *La Muse malade* de Baudelaire: "Tes yeux creux sont peuplés des visions nocturnes"...

— Lá vem você com a mania das citações.

— Então é *L'Ange Pale*, de Rolinat...

— Peorou.

— Então é você...

— Ah! — fez Elza n'um amuo. Você sempre a fazer *blagues*, não é?

— Mas assim me macera as palpebras, como as das monjas do soneto famoso...

Elza irritou-se. Retirou as suas mãos morenas dos meus olhos. E sentou-se á cabeceira da mesa.

A sala estava deserta. A tarde se erguia em nuvens roxas — que mais pareciam fumaças subindo da fogueira do ocaso.

— Zangou-se, Elza? — acheguei-me a ella.

— Perfeitamente. Pedi para vêr a imagem que adormecia nos seus olhos...

Atalhei:

— Pois venha vêl-a... Venha... Essa imagem que você vê é uma illusão. Pura illusão.

Ella voltou a abrir-me as palpebras sem dó e a devassar-me as pupillas como quem olhasse para o fundo de um abysmo.

— Olhe, ali está... Não é illusão... Você tem a imagem de um anjo dentro dos olhos... E' um phenomeno... Que graça! Eu só queria ser assim... Queria ter um egual, nos meus olhos...

— Os seus são volúveis. Não lhes seria possivel fixar uma imagem... E esse anjo que você vê lá dentro, nas meninas dos meus olhos, é a imagem de uma alma, é um espectro, um fantasma...

— Credo! — apavorou-se Elza, afastando-se de mim, e fitando, como magnetizada, o fundo turvo do meu olhar. Alma de quem?

— Do meu amor... O meu unico amor... O maior e o mais puro. Morreu.

— Ave Maria! — fez ella, persignando-se.

— *Requiescat in pace* — ajuntei.

MELANCOLIA — Não! Nunca mais! A interjeição é tragica e impressionante, como a de Poe. Mas é só a que me vem aos labios, neste momento em que me revejo ahi, na tua terra, sob a garôa parda, melancolica, esterilizante, a cair dos dedos invisiveis das nuvens: Nunca mais!

A minha imaginação me leva para ahi, para a febre dessa Manchester enfeitada de glycinias e rosas. Toda uma noite, o trem rolou, por entre o seio verde das montanhas, ao longo das planicies desertas. E quando, resfolegando, envolto em poeira e fumaça, fende a estação terminal, verifico, na multidão fervilhante, que falta alguem sobre a *gare*. E esse alguem, que ali não estava, eras tu. Tu, que resumias São Paulo. Tu, que, para mim, eras a Paulicéa, o Rio, Paris, todas as cidades do mundo.

No hotel, observo tambem que as flôres do quarto, aquellas flôres de aluguel, como certas creaturas lindas e artificiaes, não estão arranjadas com arte.

Que falta áquelle jarro esmeralda? A marca da tua mão? E por que aquelle "store" de renda está franzido, arregaçado? Porque, desta vez, não vieste pôl-o em ordem, para que a luz, a fria luz da tarde, entrasse mais á vontade, e não como que rasteja, humildemente.

E por que é que a minha valise

está alli eventrada, numa promiscuidade de quem viaja com pressa? E por que aquelle vidro de perfume ainda se conserva lacrado?

Por que aquelle volume, que me deste, ainda está com as suas paginas virgens como as de uma camelia em botão? Por que? Aquelle livro é "La Vita cominciu domani", de Guido da Verona. *A vida principia amanhã!* Que ironia! Não! Vou abril-o! Mas para que? Elle já estava aberto, justamente nesta passagem sarcastica:

"Io sono il funerale d'un povero uomo, — che è morto di malinconia; non c'e nessuno che dica un requiem per l'anima mia...

Non c'e nessuno che mi tessa — una ghirlanda con le sue mani..."

Oh, sim! Que ironia macabra: "Eu sou o funeral de um pobre homem que morreu de melancolia..."

Medito em tudo isso... Considero o que seria essa minha viagem á terra de um antigo amor que não é mais meu amor... Antevejo toda essa desolação, todo esse vacuo, toda a solidão das minhas noites sem beijos e sem o luar dos teus olhos... Percebo toda a immensa amargura que me esperaria. E repito, então, como a voz de *Egla*, em *Belkiss*, de Eugenio de Castro:

"Só tu me prendias aqui com o teu amor... Esse amor morreu... para que hei de eu ficar?..."

E como não irei — nunca mais! nunca mais! — e toda essa minha viagem foi feita só com a imaginação, direi, ainda, imitando *a voz de Egla*: "Para que havia eu de ir?»

FARPAS — De Yves — Os senhores já repararam na mania dessas moças? Sim... quero dizer, dessas "jeunes filles" (ou "vieilles filles"?) que nos telephonam?

São de uma singeleza de espirito, que muito as recommenda, para o grande dia em que deverão entrar no reino da gloria eterna. *(Amen.)*

Beati pauperes spiritu"...

Imaginem...

Ellas telephonam. Quando chegamos ao apparelho, e nos ouvem a voz, dizem sempre:

— Que decepção!

— Por que?

— Suppuz que o sr. fosse mais suave, mais terno.

E si nos revelamos tal qual somos, isto é, homens como os outros, preoccupados com as coisas materiaes, ficam escandalizadas com o seu platonismo unilateral, isto é, platonismo que só se explica em relação a nós. Quanto aos outros, são uns felizardos.

Suppõem esses "bibelots" de ceramica, esses *lilium candidum* (lirios dos poetas) de talagarça, que um poeta não tem direito a ser homem como os outros.

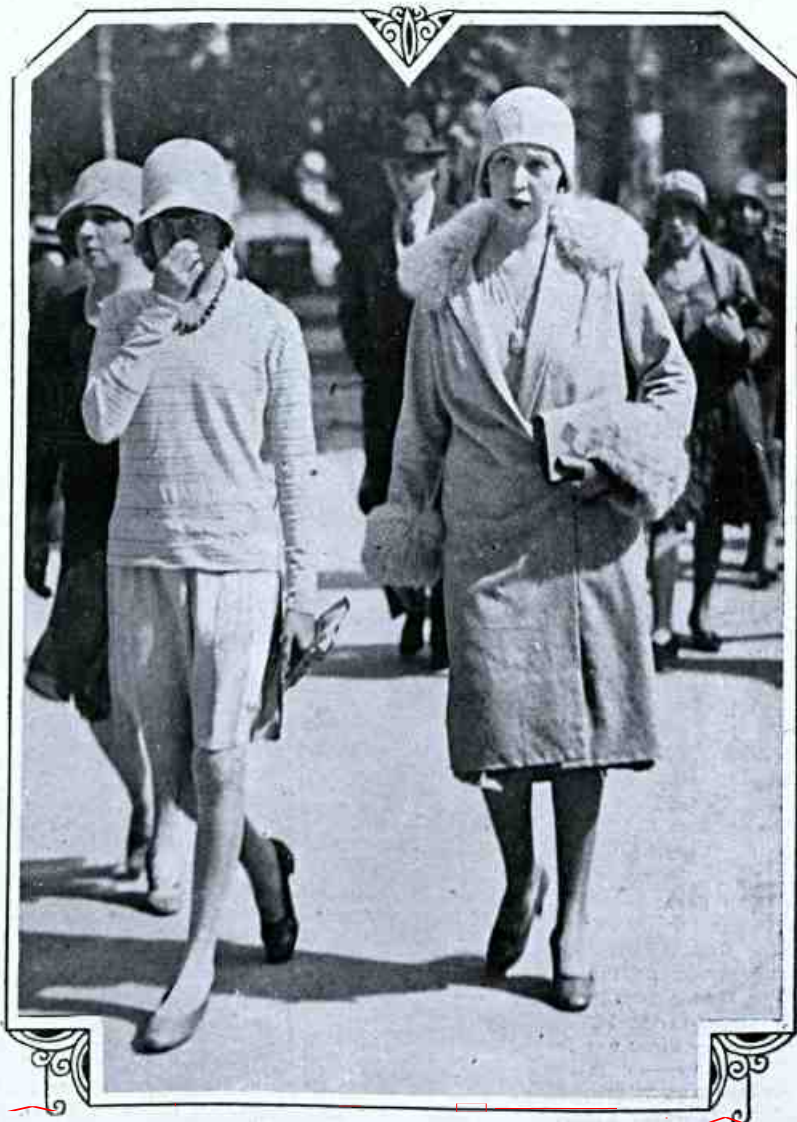
No consenso dessas heroinas da mediocridade e prestidigitadoras do amor á Paulo e Virginia, nós outros devemos ser uma especie de asexuados, de espiritos ambulantes, em commissão poetica neste vasto planeta de prazeres inferiores.

Certa vez, Anatole France, ironisando uma dessas castas pudicas, que lhe offereciam o seu espirito, teve esta phrase: "Mas onde é que hei de metter o seu espirito? Uma alma é um grande trambolho"...

E um escriptor italiano (já sabem que é Pitigrilli?) faz notar em um dos seus livros: "Querer que um escriptor seja differente dos outros homens é exigir que um palhaço viva a dar cambalhotas pela rua e não faça outra coisa senão dizer pilherias."

Mas as mocinhas que dão trote pelo telephone entendem que nós outros somos umas decepções, "porque não temos nada daquelle outro cujo espirito se denuncia em nossos escriptos."

Ingenuas! Não comprehendem que o estylo não é o homem (A's favas, Buffon.) Julgam que nós sejamos mesmos capazes de escrever o que sentimos, o que somos, o que pensamos.

Tambem ellas são uma terrivel mentira de si mesmas, e não nos admiramos disso. Pintadas, artificiaes, enfeitadas, differentes da verdade, ellas se nos apresentam sempre como a expressão viva do embuste, e nem por isso vamos pedir que sejam o que devem ser: — reaes (sem a pintura, bem entendido); sinceras sem o artificio da moda; authenticas sem o apparato dos seus adornos e adereços...

— Esse perfume é de malva-rosa.
— Será o dessa senhorita que passou?

PAINEL DE AZULEJOS

A URUCUBACA DAS MUMIAS

Em pleno fastigio do imperio de Napoleão III, o sabio Dénon, conservador do Museu do Louvre, trouxe do Egypto a mumia da esposa dum pharaó de antiquissima dynastia. Exposta ao publico, a decantada curiosidade parisiense, de que Rabelais já falava, levou verdadeira multidão á sala egypcia onde se achava a vetusta carcassa real.

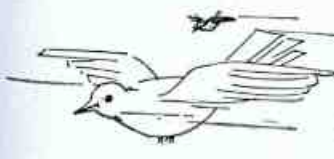
A mumia trazia no annular magnifico argolão de oiro com signos hieroglyphicos complicados, que parecia ser poderoso talisman. Uma viuva das mais illustres familias da capital franceza, evidando apropriar-se do estupendo thesouro de felicidade, furtou-o. Taes foram, porém, as desgraças que lhe choveram em cima que, discretamente, procurou Dénon e restituio a joia fatidica.

E' crença antiga que os sacerdotes do Nilo punham encantos nos cadaveres embalsamados de seus reis, afim de evitar os roubos e profanações. Agora mesmo, em pleno reinado da sciencia e do progresso, não se póde deixar de meditar nesse mysterio, tal a comprovada urucubaca que persegue todos quantos se mettem a descobrir hypogeus, abrir sarcophagos e carregar com as mumias.

A senhora Elisabeth Carnavon, esposa do archeologo desse nome, famoso por ter encontrado o tumulo de Tutankammon, morreu no mez de março ultimo picada por um insecto mysterioso. "O facto — disse um jornal londrino — não mereceria commentario especial, si essa morte brusca não fôsse a setima occorrida entre as pessôas ligadas desta ou daquella fórma á violação do tumulo daquelle pharaó morto no verdor dos annos."

Em 1922, Lord Carnavon descobrio essa sepultura pharaonica em companhia do professor Newbery e do sr. Davis. Em 1923, um anno após, falleciam de molestia desconhecida, essas duas testemunhas do memoravel achado. Pouco tempo decorria e o proprio lord, mordido por um escaravelho sagrado, morria apezar dos esforços de seus medicos assistentes. Mais um anno se passou e, em 1924, o sr. Reid, que realizava experiencias sabias com a mumia real, expirava repentinamente. Tres semanas depois, o professor canadiano Zafleur, que assistira ás excavações do sepulchro de Tutankhammon, morria tambem de repente. Em março de 1926, o director do Museu do Louvre, ao partir para fazer pesquizas nos templos e hypogeus de Luksor, era fulminado por um ataque subito de molestia que se não póde precisar. Emfim, lady Carnavon lá se foi, mordida por um insecto como seu marido...

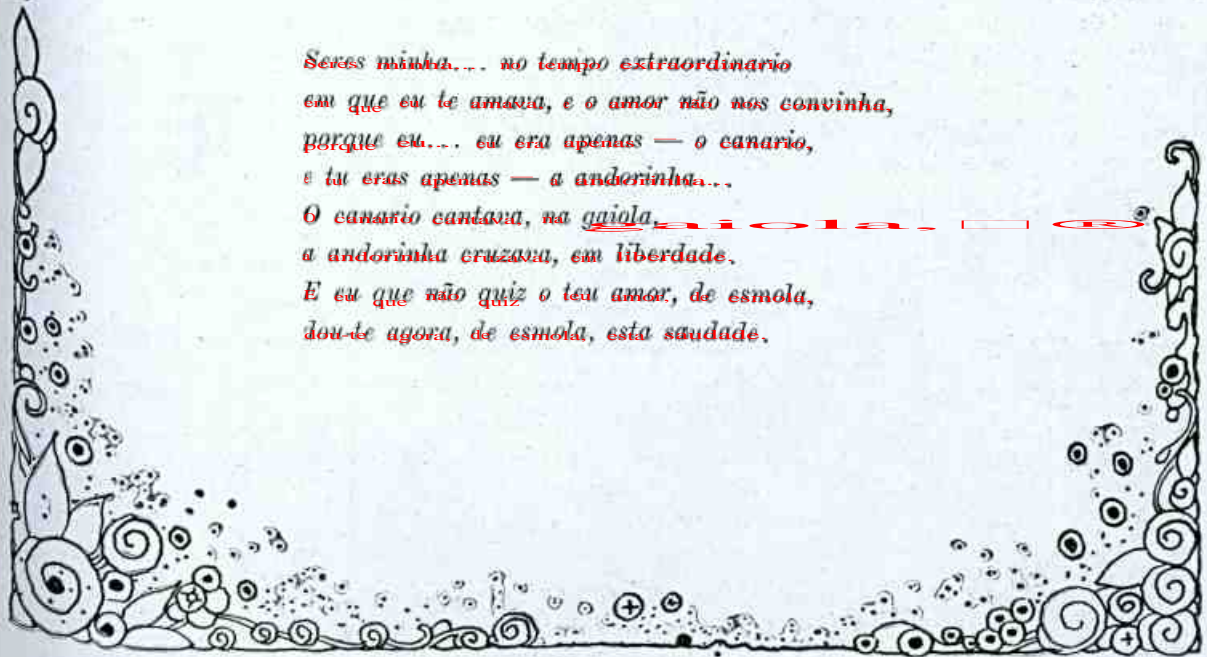
Que poderoso encantamento será esse que tão terrivelmente protege os despojos funebres dos pharaós desapparecidos na grande noite da morte? Que poder estranho defende os seus restos mortaes enterrados na sombra das cavernas africanas? Que força colossal atravessou, assim, em estado latente os millenarios decorridos desde o seu desapparecimento da face da terra? Ou a influencia do seu Ka, do seu duplo astral, do seu perispirito, da sua larva erra em volta das mumias silenciosas embrulhadas nas suas tiras de linho embebidas em natrol

A sciencia nada explica. O scepticismo moderno vê nessas mortes que parecem mysteriosas simples coincidencias. Mas, além da sciencia e do scepticismo, na esphera ampla da meditação o espirito humano indaga do insondavel que o cerca os motivos dessa fatal condemnação dos violadores de tumulos. Os livros antigos falam de pessôas que adquiriram até a lepra por terem tocado nas coisas sagradas do templo. A Biblia refere-se ao hebreu que, por tocar na Arca de Jehovah, caio fulminado. E a tradição da humanidade affirma a existencia da urucubaca das mumias. — D. JAYME.

ESTA' proxima a eleição da Academia de Letras para a vaga de Luis Murat. Hermes Fontes, o grande poeta, que fez no Brasil, com «Apotheoses», a renovação lyrica da nossa emoção creadôra, affirmando-se, desde logo, um valor á parte na mentalidade nova do paiz, é candidato. Deste poeta, que se diria «hors concours», só tem a esperar a Academia com a sua eleição um feixe mais de luz, e rara luz!, a projectar-se e a diffundir-se no seu glorioso seio. Hermes Fontes é desses candidatos, que a Academia devia desejar sempre se interessassem nos seus pleitos: candidato natural que, antes de officializada, já tem inconfundivel a sua consagração.

. . .

Tenho-me por vencido — e ainda lucto!
Nada espero colher — e ainda semeio!
Solitario, atravesso a pé enxuto
o Mar Humano, de que vivo alheio...
Mas, si ainda me apaixono pela vida,
si me aventuro assim, si, assim me exponho,
não é que dentro em mim haja guarida
para os resmanescentes de algum sonho.

Não, não é sonho. E' só vaidade fria
de mostrar-te, nas luctas que ainda ouso,
tudo que eu ousaria
de fabuloso, de miraculoso,
todos os reinos virgens que hastearia
em minha heroica, immaginaria lança
si, ó esquiva Rainha,
eu ousasse essas cousas, com a esperança
de, um dia, seres minha.

Seres minha... no tempo extraordinario
em que eu te amava, e o amor não nos convinha,
porque eu... eu era apenas — o canario,
e tu eras apenas — a andorinha...
O canario cantava, na gaiola,
a andorinha cruzava, em liberdade.
E eu que não quiz o teu amor, de esmola,
dou-te agora, de esmola, esta saudade.

QUANDO eu a conheci, você tinha nos olhos a melancolia esfumada das manhãs de inverno. Seu sorriso era triste. Havia na sua figura o encanto sereno das madonas. Pouco você falava. Era calada e pensativa. Não se queixava da vida, mas eu adivinhava na sua angustia silenciosa um mundo de confidencias amargas. Seu olhar salpicado de topázio dizia ao meu olhar que o destino lhe fôra adverso. Todo o seu desalento feminino estava reflectido na pallidez de seu rosto. Sua belleza era uma belleza dolorosa, macerada pelo soffrimento e pelo desengano.

Amei-a por isso. Amei-a desde o primeiro instante. Meu coração impregnou-se da sua melancolia. Minha alma tocou-se das amarguras de sua alma. Commoveu-me esse ar de monja que aureolava a sua ternura eloquente e impressiva.

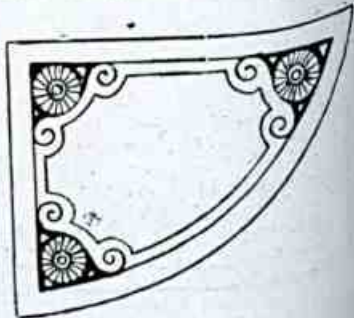
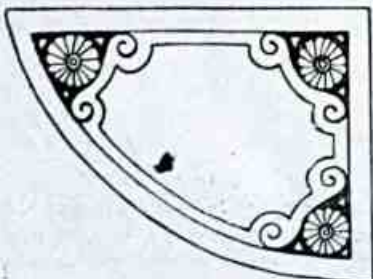
Você não foi indifferente aos meus sentimentos. Correspondeu a todas as palpitações amorosas que os meus olhos revelavam. Deu-me a esperança, que consola, e a promessa, que fascina. Acenou-me com o lenço branco da felicidade. De uma felicidade que ainda hoje inutilmente espero.

Faz apenas um mez que eu a conheci. Um mez de inquietudes, de emoções intensas de alegrias ephemeras, de brumas e de sóes. Um mez em que você e eu nos illudimos docemente. Um mez que valeu por uma vida.

Mas, você cansou de ser triste. Cansou de ostentar essa mascara impressionante com que me commoveu. E revelou-se o que realmente é: uma mulher apenas. Uma mulher como as outras...

Agora, você está mudada. Não é mais aquella suave figura melancolica que eu conheci ha um mez. Não é mais aquella monja dolorosa dos primeiros dias. Tornou-se commum. Aprendeu a sorrir com esse desdém feminino que me desola. Transformou-se completamente. Vestiu-se com as roupagens immateriaes da alegria. Banalizou-se.

Minha surpresa foi menor do que a minha decepção. Eu a suppunha tão sincera, que acreditava nos seus olhos.

Tudo, porém, morreu: seus fingimentos e as minhas illusões. Tudo? Não, que ainda está vivo este amor imponderavel e envolvente que a luz dos seus olhos tristes accendeu no meu coração...

A Mulher Chic. — Um lindo modelo de popeline azul "vierge et georgette."

TREPAÇÕES

SI no Rio houvesse policia de costumes, nós recommendariamos a ella certo casal despudorado que, frequentemente, apparece em um dos postos de banho daquella praia aristocratica.

Quando se está em logares publicos, é necessario escolher attitudes que não firam as vistas alheias.

E' prova de má educação apparecer a gente em publico suppondo que tem a liberdade plena de movimentos, e que os demais, em redor, estão obrigados a tolerar scenas proprias de alcovas, isto mesmo tendo em conta, muitas vezes, que as paredes têm ouvidos...

Pois o casal de banhistas pensa que a praia é o paraiso dos que perderam a medida da vergonha, não assistindo nem mesmo aos outros o direito de reclamar o comparecimento da policia ao local do crime...

Creanças loucas!

DEPOIS da missa das dez, na sympathica matriz de Copacabana, as duas interessantes meninas não vão direitinhas rumo á casa.

Em frente ao templo, na praça ajardinada, ha sombras tentadoras para uma lazeira agradavel...

Sob a copa das figueiras protectoras lá estão, em guarda, dois rapazes elegantes, de bôas roupas, á espera de que ellas terminem a oração.

Quando ellas surgem, finda a missa, cada qual vae para o seu banco, e ficam esquecidas numa outra especie de oração...

Doce felicidade, que se renova ao fim de cada semana, porque só o pretexto da missa consegue illudir a vigilancia paterna, severissima, ao que dizem.

LYGIA Sarmento é a galante «estrella» da Companhia Jayme Costa, e é uma artista joven que tem muito talento e muita belleza. Ao lado de Jayme Costa, que está fazendo uma temporada brilhante no Trianon, Lygia Sarmento vem obtendo legitimos e merecidos successos na «boite» da Avenida.

* * *

AQUELLE automovel Nash, verde-garrafa, se pudesse falar, diria muita cousa interessante... Mas, o Nash, infelizmente, não fala: é forçado a ser discreto. Porque, se falasse, diria mais ou menos, o seguinte:

"Elles" encontram-se aqui em certa casa, e, para não dar muito nas vistas, tambem em Nictheroy, onde elle, que é casado, montou casa, para "ella", que é desquitada, ou quasi isso.

Não se pense, porém, que "ella" more ahi. Não; a linda casinha é só para o "rendez-vous" *de leur amour*, amor-peccado mortal, porque elle tem sua mulherzinha que de nada suspeita, e ella... ella é, e não é casada...

Se o "double-phaeton" verde-garrafa pudesse falar ou, ao menos, escrever, deixaria aqui as iniciaes "delle" e tambem as "della".

Mas, o "double-phaeton", tão elegante e tão lindo, apenas sabe fonfonar...

Se a "legitima" cara metade dessa trinca de duas damas e um só "rei" viesse a saber, por um telephonema indiscreto transmittido para sua residencia, em certo bairro... que "elle" engana a ella e ao marido da rival...

O abastado capitalista tem demasiada confiança na sua vida de aventuras.

Suppõe que, dispendendo uma fortuna com a boneca feiticeira que uma vez encontrou numa casa de chá, garante deste modo a sua felicidade e a felicidade de bem amado...

Entretanto, é elle sahir por uma porta e o outro a entrar, para fazer companhia á boneca.

E entre os dois *tête à tête* ha uma profunda differença, pois si um tem o aspecto de um ceremonial religioso, o outro tem a alegria dos guizos, é doido, é absolutamente encantador.

Assim, que se precavenha o nosso heróe, que tem a volupia de gastar tanto dinheiro com a boneca, illudindo-se a si proprio com uma felicidade impossivel de ser realizada, porque... só os moços sabem amar...

CLAUDIO

MEU SACY ENDIABRADO

(Para meu filhinho Cláudio Thibau, esta pagina, com a ternura immensa de sua mamãe).

O SACY

EU creio, eu creio, babá, que todos nós, nesta casa, estamos enganados.

Pensamos ingenuamente que temos commosco uma criança e estou principiando a desconfiar que agasalhamos um sacy...

E' um sacysete dos menores e dos mais turbulentos... Elle não pára um segundo: sempre a correr e a gritar, a rir e a fazer diabruras de toda a espécie.

Nada o perturba e bem poucas vezes chora. Si apanha, para brincar o leque da mamãe e lh'o tomam, vae logo puxando o livro de sobre a mesa, e, si é impedido nisso, corre a derramar o jarro das flores.

Não vê que não socega nem descansa?

Eu creio, eu creio, bábá, que tèmos commosco um sacy e dos mais espertos...

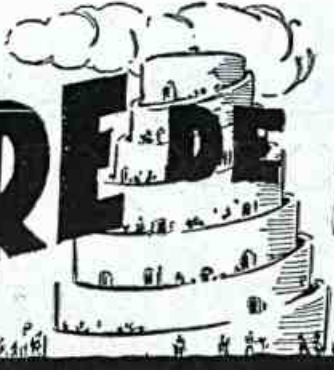
E' verdade que não é pretinho, não traz barrete na cabeça, nem pito na bocca risonha...

Porém, talvez elle se tenha pintado com a farinha alva que o luar peneira a noite inteira no terreiro.

E pôde ser que haja escondido o barrete e o pitinho nas moitas de pitangueira lá no fundo do quintal, afim de nos illudir...

Eu creio, eu creio, bábá, que todos nesta casa estamos enganados. Cuidamos ter commosco uma criança e agasalhamos um sacy endiabrado.

O PALHACINHO

CONHECEM o palhacinho desta casa? E' tamanhinho assim, gorducho e risonho quanto um bom palhaço deve ser.

Elle não precisa pintar o rosto de alvaiade, nem imitar, com traços e arrebiques, a expressão da alegria, pois esta já móra em suas faces brejeiras.

E' um palhacinho de mérito e engenho, e cada dia inventa, sem cessar, novas entradas cômicas e estrepolias novas.

Ell-o que põe o chapéo de papae enterrado até os olhos e principia a caminhar muito serio, como si já fora doutor... E depois pretende montar um cavallinho de um palmo, cáe e se ergue a rir para receber as palmas da assistência.

Quem pôde guardar o serio ante um palhacinho tão galante?

Meu filhinho é um actor generoso; como paga da alegria que espalha prodigamente com suas mãos tão pequeninas, só pede os beijos da mamãe.

Elle é também um figurante infatigavel. Representa o dia inteiro, e só se retira de scena quando a noite corre seu velario sobre o palco do dia.

Então... oh! então é de vel-o na caminha alva, os braços jogados, as pernas apartadas, os loiros cabellos revoltos, parecendo proseguir ainda, em sonhos, as diabruras de um minusculo polichinello.

Meu menino é um palhacinho que não precisa pintar o rosto de alvaiade, nem imitar, com traços e arrebiques, a expressão da alegria... pois esta mora tanto em suas faces brejeiras, que até dormindo seus lábios tremem em sorrisos indecisos.

DICTADOR

TÃO pequenino e já tão voluntarioso...

Menino, a quem pretendes assustar com teus modos desabridos? Ainda não levantas um palmo do chão, toquinho de gente que comsigo mal póde, e assim te revoltas contra os seres e as coisas?

Menino, em que obscuro atavismo de conductor de povos foste buscar a energia sobrehumana com que lanças pelos ares o desafio anarchico do teu «Não!»?

Teus olhos fusilam ameaças ignotas, tua vozinha meiga e balbuciante se modifica na clareza sonora do monosyllabo que mais presas, e sente-se todo o teu corpo frágil fremindo, emperrado nas negativas sublimes e inflexíveis de herdes já mortos.

Menino, com quem pretendes lutar com esses teus modos desabridos? Tão pequenino e já tão voluntarioso!... Com quem aprendeste a energia sobrehumana com que atiras pelos ares o teu grito de revolta «Não!»?

Em verdade, não creio que a voz do guerreiro, que prefere a morte á derrota, vibre com mais louca temeridade quando na trincheira ultima recusa render-se

Nem que tenha concentração maior de caracter dominador e ferreo a impassivel negativa de um dictador omnipotente.

O «Não!» de meu filhinho resôa pela casa como um clarim de batalha... O «Não!» de meu filhinho parece o martelar de uma sentença inappellavel.

Menino, a quem pretendes vencer com esses teus modos desabridos? Ah! Pobresinho! Elle ainda não sabe que á vida pouco assusta o «Não!» do homem... Elle ignora que debalde se luta contra a dôr com o «Não!» do desespero... Elle não póde comprehender que á morte ninguém venceu jamais com o supremo «Não!» da agonia...

PETITE SOURCE

Tudo que dóe e afflige, que é feio e triste vive na terra para o contraste luminoso que afugenta a monotonia.

O mundo não poderia ser melhor. Temos tudo para nosso enlevo: a vida, a poesia, o prazer... A sombra que nos esconde, nos dá a serenidade augusta dos fortes. Devassar os arcanos é tarefa inutil. Scismar é jubilo esplendido de um viver sem magoas.

A fluctuação no seio da esperança é o abrigo mais propicio.

A's vezes, me dissipo em cogitações. Por que a ingratidão? Por que os desencontros na vida do sentimento? E aggrupo as proposições logicas do raciocinio para reconstituir as impressões que me perturbam. Mas, á faina lacrimosa de interrogar succede uma tranquillidade de philosophia de descante.

O ninho de mitos presagios pertence a Saturno — o deus mão dos gemidos eternos. Venus e Apollo são os bemfeitores formosos que deveriam inspirar a humanidade. As expressões estheticas existem, em todos os recantos. Tambem no idael de amor que nos enche a vida, ha documentos de alegria e de felicidade, de duvida e de revolta.

Pensar muito equivale a desenganos immensos. O coração que se contráe escondendo um sentimento profundo, é o coração que se defende de desesperos futuros. A contingencia aniquila a felicidade, e a duvida exclue a alegria. Tenho pena de sentir a realidade. A delicia de viver está contida no prologo das delicias ambicionadas. Realizar é paralysar. Aspirar é ascender. Um carinho fugitivo que é retemperado pelo ciume accorda sensações ineditas. Sentimento que se esconde, é sentimento que transborda, e se despenha da altura de um sonho translucido ao fundo de uma caverna.

Na fervura de uma esperança, ha visões multiformes.

Cantar é adormecer...

No brilho da poesia que embala, e no sonho que mata as amarguras, ha o supremo recurso da capitulação.

A noção de verdade arregaçando a cortina esteril do desengano amortece todos os écos de alegria, numa recusa de felicidade. Aquella voz de poesia e de amor que um dia escutei para me insinuar uma traição a mim mesma, foi-me o presentimento de uma revelação. Não me illudo, porém. Confisco os meus proprios devaneios para gozal-os em recapitulação, sem soffrimento.

Escuta, sonoroso amigo: os retalhos de minha alma, que te offereço em carinhos esparsos, nunca serão amesquinhados pela tisna da corrupção. Trouxeste á minha pobreza de sentimental teimosa o luxo de fantasias preciosas. Ganharás em me fazeres soffrer? Perderei, eu, em divagar, quando dedilhas, no vacuo, as cordas invisiveis da tua seducção?

Feito o balanço, verificarás o lucro... A tua alma influirá no meu destino, fazendo-se a aurora e a fortuna das minhas inspirações.

Na successão alternada dos risos e dos pezares, eu estarei com o teu sorriso — clarão, com a tua magoa — amethysta, reflectindo grandezas, virtudes ou perversões, com a consciencia feliz de quem nunca soffreu o desprestigio de uma illusão...

Ha historias que se escrevem como sorrisos. Todos o corações sensiveis lucrarão com essas legendas que passam sem a grave autoridade de historiadores sapientes.

São legendas que não attingirão á posteridade.

No horizonte dos grandes destinos a alegria é uma borboleta. Esvoaça, apenas. E o coração dos fortes é o lago transparente que reflecte a realidade.

Como tu, sonoroso amigo, eu sou uma batalhadora da chimera. Sorrio para vencer. E recordo, milagrosamente, os meus sonhos de amor num quasi delirio de saudade...

Nunca a fantasia da saudade me entediou. O seu agro-sentir nunca me feriu de morte. O lyrismo jorrante das magoas que a saudade insufla, accorda, quem dorme de nostalgia, para o culto sagrado do amor. E' a reorganização do sentimento. A vida consoladora da emoção.

Discordancias de ordem sentimental podem maldizer a saudade reduzindo o seu poder á simples agudeza de um soffrimento. Era, principalmente, uma expressão improvisada de dôr, aquella velha saudade que os antigos choravam com abundancia de sentimento. Mas, o que lhe dera a essa dôr uma intensidade dramatica, fôra a gravidade dos corações medievaes que a sentiram pungentemente.

Eu gosto da saudade suave que não chega doer muito. Saudade que inspira sorrisos em vôos luminosos, em reticencias colleantes... O impulso doloroso que contribúe para a perpetuação do rosario de dôres que infeste o coração da humanidade passa á caritativa preoccupação de lealdade ao famoso postulado do valle de lagrimas... A flôr amorosa da saudade não se tinge ao sangue da desillusão.

Tenho saudade de ti, sonoroso amigo...

Das purpuras do teu espirito. Do esplendor dos teus perfumes indefinidos. Da imprevista belleza do teu pensamento.

A minha saudade é toda feita de risos cantantes. A minha saudade é uma concha verde, espumante, uma esmeralda liquefeita em anseios satanicos de magia...

Saudade — musa de corpo serpente...

Saudade que tem rastejos... Saudade que tem transcendencias de estrella e corporificação de peccados...

E dançando em minha alma o bailado singular desta saudade immortal, o meu amôr domina os rythmos de todas as paixões, para viver o delicioso sortilegio da sua propria saudade...

«FON-FON» NOS ESTADOS UNIDOS

O nosso illustre confrade de imprensa e apreciado escriptor Porto da Silveira, que se encontra, presentemente, nos Estados Unidos, em companhia de sua exma. familia, como delegado geral da propaganda do matte brasileiro, si tem trabalhado pela introducção do nosso producto naquelle paiz de gente tão vertiginosa e tão pratica, não se esquece de que o homem precisa, tambem, divertir-se... pelo menos nas horas vagas. E ahi o vemos num legitimo «garden-party» americano, a duas horas de Nova York, ás margens do civilizado Hudson, em cujas aguas (é elle quem nol-o manda dizer...) mergulhou seu corpo tropical... No grupo, onde os sorrisos femininos dão uma nota de alegria feliz, apparece o casal Porto da Silveira e seu filhinho Roberto.

A MELANCOLIA

A melancolia é um estado d'alma, cuja causa nem sempre podemos razoavelmente explicar.

Ella desce sobre nós como um sudario de névoas, cérra-nos as palpebras, quasi faz parar o coração.

Inútil qualquer esforço para fugir...

A's vezes, nos nossos melhores instantes, ella chega, domina.

E não temos como reagir.

....

La vie de l'homme oscille, comme un pendule, entre le douleur et l'ennui, tels sont en réalité ses deux derniers éléments. Les hommes ont dû exprimer cela d'une étrange manière; après avoir fait de l'enfer le séjour de tous les tourments et de toutes les souffrances, qu'est'il resté pour le ciel? Justement l'ennui.

Tinha razão Schopenhauer quando traçou estas palavras.

A vida do homem oscilla, como um pendulo, entre a dôr e a melancolia.

E não ha mesmo alegria que, no fundo, não traga uma nota de melancolia.

MARION

A NOSSA POLICIA DE VEHICULOS

Os drs. Armando Bernardes e Carlos Monte Vianna, respectivamente, inspector geral e sub-inspector geral de vehiculos, num instantaneo tomado no «stadium» do Fluminense F. C., durante o grande jogo do penultimo domingo. Os dois chefes da nossa policia de vehiculos estão sempre á frente do serviço de fiscalização do transito, prestigiando, com a sua presença, a autoridade dos guardas.

Fuga

um conto de MARTINS CAPISTRANO

O trem avançava na noite, cortando a floresta vestida de sombras, numa carreira vertiginosa pelos trilhos que guinchavam sob o peso do monstro resfolegante. Passava já de uma hora. A ultima estação ficára muito longe, e longe estava a estação seguinte. Era no caminho de São Paulo. Desde as vinte e uma horas que aquelle comboio de luxo corria pela estrada silenciosa e sombria.

— Você não vae dormir, Helena?

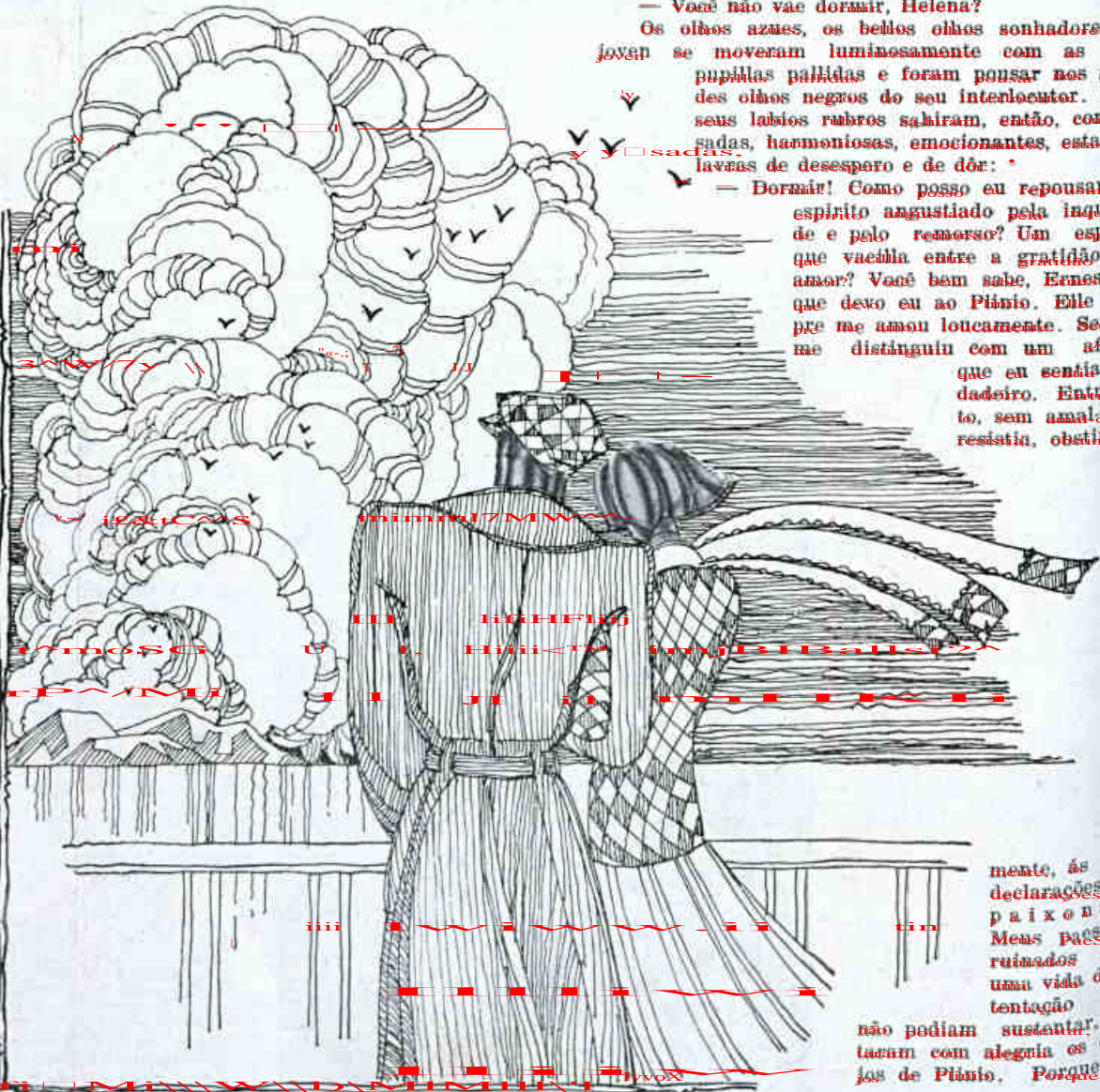
Quem assim falava era um homem de cerca de trinta annos, com uns olhos tristes fixando uma expressão de desalento num rosto moreno de brasileiro alto e forte.

Sua companheira de cabine era clara, loira e esplendente de belleza. Typo "mignon", de linhas aristocraticas. Vestia, elegantemente, um "ensemble" côr de cereja e estava ainda sentada sobre um dos dois leitos daquella alcova trepidante. Melancolicamente, contemplava, pela janella aberta, a paizagem negra que desfilava deante de seus olhos azues. Tinha a attitude impassivel de uma estatua. Não se movia. Nem falava. Até seus olhos, que fulguravam como luas saphyras á luz forte das lampadas da cabine — até seus olhos estavam parados. Seus olhos que reflectiam uma grande, uma dolorosa angustia interior.

O homem insistiu:

— Você não vae dormir, Helena?

Os olhos azues, os bellos olhos sonhadores da joven se moveram luminosamente com as suas pupillas pallidas e foram pousar nos grandes olhos negros do seu interlocutor. E de seus labios rubros sahiram, então, compassadas, harmoniosas, emocionantes, estas palavras de desespero e de dôr:

— Dormir! Como posso eu repousar um espirito angustiado pela inquietude e pelo remorso? Um espirito que vacilla entre a gratidão e o amor? Você bem sabe, Ernesto, o que devo eu ao Plinio. Elle sempre me amou loucamente. Sempre me distinguiu com um affecto que eu sentia verdadeiro. Entretanto, sem amal-o, eu resistia, obstinadamente, ás suas declarações apaixonadas. Meus paes, arruinados, vo- uma vida de tentação que não podiam sustentar, aceitaram com alegria os desejos de Plinio. Porque Plinio era rico e lhes offerecia, em troca de minha mão, o amparo material da sua fortuna e o prestigio social de seu nome. Eu continuei a resistir. Mas houve uma hora impressionante em que eu não pude mais resistir. As supplicas de meu pae e as lagrimas de minha mãe venceram a minha fragilidade de mulher. E eu tive mesmo que casar com o Plinio...

Agora, era Ernesto quem olhava, pela janella aberta, a noite que, lá fóra, enchia de mysterio e de sombra toda aquella floresta silenciosa.

Helena, com os seus olhos azues acariciando a attitude contemplativa do companheiro, fez uma pausa e esperou que Ernesto dissesse alguma cousa. Elle, porém, manteve o seu silencio impassivel. E a moça continuou, com uma flexão desolada na voz:

— Plinio salvou meus paes da ruina completa. E deu-me tudo o que exigia a minha mocidade radiante e a minha intensa vida mundana. Mas eu casára apenas para satisfazer á vontade de meus paes e não podia gostar daquelle homem tão bom, que tanto me queria...

— E que pretendeu comprar, com o seu ouro, aquillo que se não vende: o amor... — interrompeu Ernesto, olhando sempre a noite e o campo escuro, que parecia correr com o trem...

— Sim — confirmou Helena: — pretendeu comprar-me o coração... Apesar da natural repugnancia que sempre me causava aquelle homem gordo, aparvalhado, ingenuo, eu procurava, num esforço tremendo, disfarçar a minha indifferença, para alimentar a illusão de seus olhos, e pagar assim o immenso conforto material que elle me proporcionava. Mas, ah!, como eu soffria, meu amigo, para supportar aquella vida! A's vezes, tinha impetos de gritar a meu marido: "Idiota! Não vês que eu não posso ser sincera? Não vês que eu não posso amar-te? Por que não comprehendes o papel ridiculo que representas nesta comedia humana? Por que me não dás a liberdade que meu coração reclama? Idiota!" Continha-me, porém, pensando no nome illibado de minha familia, e pensando em meus paes...

— Que, afinal, não eram dignos de teu sacrificio....

— Não eram dignos, reconheço, mas sempre eram meus paes. Depois, a sociedade estava vigilante e implacavel deante de mim, e eu tinha horror ao escandalo. Soffria em silencio, resignada e heroica. Procurando transformar em risos, como aquelle palhaço francez, os amargos soluços de minha alma. Obrigada a beijar um homem a quem repellia meu instincto de mulher. Meu marido, porém, era tão bom na sua ignorancia, que eu, ás vezes, tinha vontade de querel-o, só para pagar em affecto o affecto que elle me dava. E meu coração se foi impregnando de uma grande piedade, que, de tão grande, chegou a ser quasi amor. Ultimamente, um anno depois de casada, eu começava já a supportal-o, e já sentia a falta de seu carinho, quando seus negocios o retinham mais tempo na rua. Havia em mim um sentimento que não era mais piedade, nem era amor. Um sentimento estranho, que até hoje não consegui comprehender. Foi quando você surgiu na minha vida. Surgiu de novo, depois de um longo esquecimento. Surgiu para desnortear-me, para fazer-me commetter esta loucura e fazer-me soffrer ainda mais. Eu sei que estou perdida. Meu marido nunca me perdoará. E, não sei por que, sinto uma vontade enorme de ajoelhar-me a seus pés e dizer-lhe que quero ser sua toda a vida. E sinto uma vontade enorme de beijal-o, beijal-o muito, voluptuosamente, ardentemente... No emtanto, não o amo ainda... Não o amo, Ernesto...

Um apito do trem annunciou a aproximação de Taubaté, que dentro de alguns minutos surgiu na noite, silenciosa e adormecida na sua quietude sonhadora. Os dois amorosos da cabine 34 olharam as luzes longinquas da cidade que avançava, emquanto o com-

(Continua na pag. seguinte)

illustrado por MARCELO ROBERTO

boio ia correndo pelos trilhos e os outros passageiros dormiam tranquillamente em seus camarotes.

Ernesto accendeu um cigarro. E dispoz-se a escutar, pacientemente, o resto daquella confissão amarga que revelavam as palavras de Helena. Esta, entretanto, tinha emmudecido. Seus lindos olhos azues contemplavam o reflexo da illuminação de Taubaté, que estava alli, á sua frente, com um mundo de recordações...

O trem parou. Alguns minutos, ou talvez alguns segundos, na estação, e partia de novo, resfolegante, immenso, mysterioso.

Taubaté já ficára atraz. E desapparecia na grande sombra melancolica daquella grande selva escura.

Helena resolvêra dormir. Estava exhausta, emocionada, pensativa. Não podia mais.

— Vamos dormir, meu amor? — disse a Ernesto.

E deitou-se como estava.

Ernesto poz fóra a ponta do cigarro que fumava, desceu a cortina de vidro da janella e foi para seu leito.

Meia hora depois, ambos dormiam pacificamente.

* * *

ERAM 9 horas da manhã de uma segunda-feira de abril quando aquelle trem peccador, que conduzia dois fugitivos, dava entrada na estação do Norte. São Paulo estava cinzento sob a garôa matinal. Aquella garôa que é todo o encanto metereologico da grande metropole. E uma cerração de inverno envolvia, como um grande manto branco, as casas, os vehiculos, as pessoas, tudo... A tres metros não se via nada. Ouvia-se, porém, o barulho da actividade paulista. Automoveis que businavam, trens que apitavam, *sirenes* que gritavam no alto das torres mettidas na bruma da manhã, vendedores de tudo que annunciavam, aos berros, seus artigos... O ruido da civilização.

Ernesto e Helena entregaram a bagagem a um carregador, e desembarcaram. Um taxi levou-os a um hotel do largo do Paysandú, onde elles se hospedaram com outro nome. Agora eram Bento Rodrigues e senhora. Procediam de Bello Horizonte. Elle era negociante. Estava lá no livro de entrada. Tomaram o apartamento 34, no terceiro andar. O mesmo numero da sua cabine do trem. Coincidencia...

O casal installou-se com a desconfiança e a reserva dos criminosos. Mas elles não eram criminosos. Não haviam assassinado ninguem, nem haviam roubado. Criminosos porque se amavam? Porque tinham levado para longe o segredo do seu amor?

Ah, o amor! O amor é o peccado, é a loucura. E' esse receio de ser visto, esse medo de ser descoberto. Essa inquietude, essa afflicção sentimental que se experimenta quando não se póde apparecer em publico ao lado da creatura amada...

Helena e Ernesto amavam-se por isso. Aquillo que ella sentia, e o tinha revelado ao companheiro, na cabine do trem, não era remorso, não era piedade, não era arrependimento. Era, apenas, o receio de castigo.

* * *

NO Rio de Janeiro, a fuga do casal de amantes havia produzido uma sensação desconcertante. O escandalo rebentára, a despeito do cuidado com que agira o marido enganado. A imprensa noticiou reservadamente o caso. Sem citar nomes. Sem comprometter familias.

Os protagonistas pertenciam á alta sociedade. Eram figuras dos salões elegantes. Figuras de prestigio.

O marido, os paes da fugitiva ficaram desalentados. Fecharam-se em casa. Não recebiam ninguem. Não saiam á rua. O vexame do escandalo fora

(Continúa na pag. 64)

O sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira, visitou, segunda-feira á tarde, o Salão dos Artistas Brasileiros, onde expressiva homenagem foi prestada a s. ex. por parte dos organizadores e expositores daquelle certamen.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Uma phrase de Rémy de Gourmont — *l'intelligence ne sert á rien, dans la vie, qu'á critiquer la vie* — diz bem do que seja a tortura de um homem, que, profissionalmente, *pour faire sa vie*, é forçado a utilizar-se quasi que ininterruptamente desse complicado apparelho mental de conhecimento e de critica, de exame e de analyse, das coisas, dos factos, dos homens e até... das mulheres... que são os enigmas mais indecifraveis, ou melhor, os signaes cabalisticos, até hoje, nunca de todo revelados, do grande, immenso livro do universo.

O homem, nem tanto: sempre foi um animal mais "aberto", de alma facilmente accessivel e coração generosamente hospitaleiro, onde sempre haverá um quarto vazio para a primeira mulher... bonita, — já se vê — que lhe bata á porta.

As coisas, porém, foram feitas assim e, com esse *rendez-vous* permanente, moto-continuo, no coração, era natural e logico mesmo que o homem ficasse logo conhecido em todas as particularidades de sua vida intima, interior, muito especialmente pelas mulheres.

Mas, estava a falar da intelligencia e dos maleficios e soffrimentos que ella tem carreado por esta vida a fóra, como instrumento de analyse e de critica e, por isso mesmo, de desillusão e desencanto. E fico a pensar que, no instincto, é que scintilla e refulge, de vez em vez, a scentelha do fogo, do espirito divino no homem. No instincto ou no coração, que é o orgão da vida profunda e mysteriosa, cheia de infinito e de céo.

Aliás, foi sempre pelo coração, por intermedio do instincto, do seu instincto de besta, que o homem adivinhou, sentiu ou comprehendeu as grandes revelações da vida, que a intelligencia, depois, foi coordenando, criticando, analysando, e, muitas vezes, destruindo, numa obra impiedosa de mutilação do homem na integridade de sua humanidade.

O instincto — o coração, agiu sempre, na vida, como um orgão de construcção e de fé, a semear nos campos mais estereis do espirito humano a semente fecunda e abençoada, generosa e consoladora da illusão, do sonho, da idéalidade. A intelligencia, como orgão de analyse, como apparelho de critica, contrariando, não raro, as grandes necessidades e exigencias da propria vida, deforma-a, constringindo-lhe e contendo-lhe as expressões, as fórmas, os impulsos mais naturaes, por mais instinctivos, nos circulos de ferro das construcções do raciocinio.

No emtanto, a maravilha e a festa deste mundo, o milagre de toda exaltação e de toda idealidade é ainda o instincto, o coração quem nol-o dá, agindo, na vida, com o prestigio, feitiço embora, ás vezes, de uma varinha de condão a encher a terra e os olhos do homem de encantamento e de fascinação.

Porque o homem, como disse ainda Remy de Gourmont, se não fosse o seu instincto de bésta, faria um bem triste papel na terra. Tudo, porém, que lhe passa pelos vasos sagrados do coração torna-se, para sempre, mysterioso e infinito. E as verdades, os postulados e os mandamentos superiores da vida, hontem como hoje, amanhã como sempre, elle ainda os ha de eternamente insculpir, em letras trabalhadas no coração, no azul immenso e illuminado do firmamento.

Porque *c'est le coeur qui sent Dieu et non la raison*. E o instincto ha de, eternamente, quer o queira ou não a intelligencia, a razão, prender o homem assim ás forças mais profundas da terra como ás palpitações mysteriosas do infinito. E o instincto, o coração, e não a intelligencia, a razão, é que dará sempre ao homem a noção do infinito, do divino, na natureza, na terra, nas coisas, na humanidade...

Minha pobre, apagada, modesta intelligencia, a mim que exalto, por tal maneira, o coração, tu me dirás, altiva e orgulhosa:

— Sim, elle — o coração, teu instincto, te dá real ou

Mlle. Clelia da Costa Moraes, com a sua graça brasileira.
(Photo De los Rios)

MLLE. Dulce de Saules é a festejada pianista que realizou ha pouco, no Instituto de Musica, um recital de arte, com um programma difficil, tendo obtido um exito digno de nota.

illusoriamente, tudo isso. Mas eu... oh grandissimo ingrato, eu te dou o pão do espirito e o pão com que te alimentas, porque tu vives de me explorar, a todo momento, a todo instante, sem que eu me queixe, sempre te attendendo, ora mais, ora menos generosamente...

SORRINDO...

Querida, abre teu sorriso para a vida, para a bondade, para o amor. E, commigo, de mãos entrelaçadas, vamos ambos, serenos e confiantes, indifferentes ao mal que possam dizer de nós os invejosos, os despeitados, a caminho da nossa felicidade.

Um dia, um dia talvez bem proximo, todos comprehenderão quanto era grande, quanto era sincero, quanto era leal e puro o nosso amor — este abençoado amor nascido numa tarde quente de verão, em pleno novembro azul.

Lembras-te?

Tenho ainda guardado, fixado na retina, cheia de ti, teu vulto, amigo e bom, tal qual o vi pela primeira vez. Em teus olhos negros, illuminados de bondade, ungidos de carinho, bebi o vinho eucharistico da minha fé em ti, porque tu te fizeste, desde logo, o evangelho do meu amor, da minha consolação, da minha vida.

Que importa que os que passam a nosso lado, sem nos comprehender, sem comprehender a nobreza dos nossos corações e a pureza dos nossos sentimentos — o que ha de elevado e de grande no amor que fez de nossas almas uma só alma — tenham para nós gestos de desdem, olhares de maldade, palavras de despeito?

Perdôa-lhes, como eu, e passa indifferente a elles e a tudo. Porque, minha filha, só os que amam como nos amamos, os que têm alma e coração como tua alma, como meu coração, poderiam ainda nos comprehender.

E são tão raros, hoje, os que sabem realmente amar...

Um dia, porém, virá em que os que, hoje, por não nos comprehenderem, nos fazem soffrer, talvez nos ajudem a juncar de flores de bondade e de carinho a estrada por onde, de mãos entrelaçadas, os teus lindos olhos negros a entrarem pela esmeralda verde dos meus, proseguiremos os dois, até velhinhos, sempre serenos e felizes, a marcha... nupcial do nosso amor...

SEARA ALHEIA

ARMONIA SUPREMA

EMILIO ORIBE

Bécquer se idealizaba en los jardines
bajo la immóvil beatitud del cielo;
Y el aire, de un piadoso terciopelo,
fingia una oración á los jazmines.

Dormia la floresta. Los violines
sollozaban un blanco desconsuelo,
y las crenchas sedeñas de tu pelo
perfumaban mis trémulos esplines.

Entre la paz de la nocturna hora,
te ensinuaste, como una encantadora
princesa de leyendas medioevales...

Y al confiarte el amor que mi alma invoca,
revivió en la amapola de tu boca
la miel de mis primeros madrigales...

ESTRELLAS CADENTES

Um adeus... Uma desillusão... A inquietação e a angustia de um novo soffrimento, a se me reflectirem nas pupillas amaradas, e a ansia da retina entristecida a querer reconstituir todo o verde e deslumbrante scenario da feitiça miragem do meu pobre sonho desfeito, do meu ultimo sonho de amor e de felicidade...

Esbatido nas sombras mesmas da nevoa de tristeza que desceu sobre mim e na qual, tacteante, busco em vão, um ponto luminoso, um refugio, uma consolação, teu vulto, ainda hoje tão amado, tão adorado, espalha no ambiente em que vivo, só, abandonado e triste, o perfume de folhas seccas da tua saudade.

Para chegar até ti, cheio de esperança e de fé, com minha alma de creança a cantar o hymno sagrado de meu louco amor, subi, um a um, os degráos da Escada de Jacob do sonho interior, com que, um dia, ha quasi um anno já, teus olhos negros, num aceno luminoso e cariciante, levaram-me, arrastaram-me a confiar toda minha felicidade, toda minha pobre vida já tão duramente provada.

Mas, estava escripto que assim teria de acontecer: o rastro luminoso com que deslumbraste minha vida para a festa e alegria de meus olhos fascinados, teve o brilho fugitivo e fallaz de uma estrella cadente a riscar, por um momento, no espaço, um lampejo de... cocotterie...

Perdôo-te, porém, todo o mal que me fizeste, eu, que já tinha motivos bastantes para não mais me deixar fascinar pelo feitiço encanto das miragens, mesmo quando ellas são suavemente illuminadas por dois olhos que me pareciam tão bons, que pareciam brilhar tão somente para mim...

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu amor e minha consolação — Confujo, hoje, para ti, Maria, para o refugio sagrado da minha consolação, com a alma nublada de tristeza e o coração intensa e profundamente amargurado. Minha filha, sei que vou levar a inquietação e a tortura a teu pobre coração. Que fazer, porém, se é em ti, no

teu seio amigo e generoso, sempre aberto para mim, oh, bemdita Santa Therezinha das rosas do meu céo, na terra, que vou encontrar conforto e consolação nos meus momentos de tristeza e de soffrimento.

E eu soffro, e estou triste, Maria do Céo! E corro para ti, como uma criança inquieta e afflicta para o regaço de sua "mamãe". Porque, meu amor, tu não és apenas para mim a santa que me guia na terra, a mulher que eu adoro e venero; és, tambem, minha irmã, minha "mãesinha"; e, tambem, minha... filhinha.

Estou sendo máu para ti, affligindo-te, inquietando-te. Perdôa-me. Tanto, porém, já tenho soffrido; tanto me fizeram soffrer outras mulheres, antes de ti, que já não sei enfrentar calma, serenamente, os imprevistos da dôr, quando ella me assalta e domina como agora está fazendo.

Olha, escuta: tenho os olhos cheios de ti, amarados de lagrimas... Que pieguice, Maria do Céo! E tudo isso porque já não supporto a tua saudade!...

PETIT-BLEU

Meu amor, o céo que se desdobra sobre nós, pontilhado de estrellas, é como um sorriso azul e illuminado do infinito a te namorar. E eu tenho ciume, ciume desse azul, mysterioso e diffuso, sombreado pelo velario da noite, que desce e desce, por que sinto que a elle os teus olhos negros tens presos que não a mim...

Meu amor, olha para mim, e escuta-me. Deixa-me ver e admirar o céo de teus olhos tão bem mais lindo que esse que te enche agora a alma de extase, dando-me a angustiante impressão de que estás, a meu lado, immaterializada, de que me vaes fugindo, fugindo, numa ascenção luminosa, para elle...

Meu amor, ouve, escuta a voz, o clamor de meu coração. O manto azul e illuminado do céo refulgente, palpitante de amor e de infinito, de beijos trocados na terra e que subiram para elle; de sorrisos e de olhares ternos, tambem aqui trocados, e que, depois, foram illuminar as estrellas, parece envolver-te a pouco e pouco, manso, manso...

Meu amor, tu és raiz humana, presa ás forças mysteriosas e fecundantes da terra; tu és a sagrada e abençoada raiz, tumida de seiva quente e generosa, a carrear, nas tuas veias, o vinho eucharistico do meu amor...

Mas estás, agora, tão affastada, tão longe de mim! Tão longe... Tão longe... na exaltação mystica que te arrasta para esse céo que te namora, illuminado e azul, como a me querer roubar-te, a querer arrancar-te de meus braços...

Meu amor... Mas tu és, então, o proprio céo, agora é que o noto. E como és bella assim, bella e radiante, toda vestida de azul, com as estrellas de teus olhos negros a brilharem, a scintillarem caricias illuminadas e suaves. E és minha: minha noivinha, sorridente e meiga, vestida de céo, de todo o azul infinito e mysterioso que se diffunde, suavemente, sobre a terra...

E eu, afflicto, não comprehendia, a principio, que, raizes humanas ambos — eu e tu — presos ás forças incultaveis e prodigiosas da terra, na exaltação pagã da sua eterna fecundação, tinhamos, pelo nosso amor, cheios a alma e o coração de infinito, de divino, de céo. Porque Deus é o Amor, e o Amor é uma palpitação, um sôpro quente de Deus, a fecundar a ansia dos labios que se procuram na terra... como os meus procuram os teus, neste momento...

SOCIEDADE

Elegancia — Este fim de estação está a prometter surpresas bem agradaveis ao nosso mundo elegante. Entre essas, certo a festa, cujo programma o departamento social do Fluminense F. C. está organizando — uma encantadora vesperal de arte, a ali realizar-se sob a direcção das gentis senhoritas Magdála da Gama Oliveira e Lou de Moraes Santos.

— Tambem o Automovel Club encerrará a temporada de 1929, realizando, este mez, linda festa de arte cujo programma está sendo organizado pela senhora Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça.

— Nos salões do Tijuca Tennis Club realiza-se hoje uma *soirée* dansante, que vinha sendo esperada ansiosamente, tal o encanto e o attractivo de que se revestem, ultimamente, as reuniões elegantes daquelle centro mundano.

Recepções — Os salões do palacete da senhora Nazareth Prado, á praia do Flamengo 126, abrem-se, hoje, para receber o notavel pensador e philosopho allemão sr. conde de Keyserling.

Musica — Foi uma linda festa de arte a que a senhorita Helena Coelho offereceu, terça-feira ultima, em seu palacete, ás pessoas do seu alto e distincto circulo de relações na sociedade carioca, proporcionando-lhes um recital caprichosamente organizado, ao qual prestaram valioso concurso figuras de relevo no nosso meio artistico.

— Obedecendo ao programma abaixo, a senhorita Maria Antonietta Vieira realizou, hontem, no Municipal, um magnifico recital de piano, que valeu calorosos e enthusiasticos applausos á talentosa discipula do professor Guilherme Fontainha.

Foi este o programma executado, num excellente piano Bechstein:

Sonata, Op. 57 (appassionata) allegro assi, andante com moto, allegro ma non trapo, de Beethoven. *Nocturno*, de Respighi. *Wiener Tanzer n. I*, de Friedman-Garther. *Nocturno* (mão esquerda só), de Seriabine. *La fille aux cheveux de lin* e *La plus que lente*, de Debussy. *Nocturno*. *Op.* 9. 5, *Estudo*. *Op.* 25 *n.* 9 e *Ballada n.* 1. *Op.* 23, de Chopin. *Rhapsodia Hespanhola*, de Liszt.

— Para o proximo sabbado está annunciada, no Theatro Municipal, ás 16 horas, em beneficio do Natal das Crianças Pobres, e sob os auspicios da directoria do Fluminense F. C., a vesperal organizada pelos professores Pierre Michailowsky, Véra Grabinska e suas discipulas.

NOS circulos literarios do norte, Juanita Machado é um nome de larga projecção. Como escriptora, ella se distingue pela facilidade com que aborda o conto, o ensaio critico, a novella, o artigo de jornal, a poesia, etc., revelando sempre as suas excellentes caracteristicas. Juanita Machado acaba de publicar, com successo, o livro «Terra Cabocla», que é um estudo ameno da vida e das coisas amazonicas. E nesse volume, mais uma vez, a escriptora patricia reaffirma o seu formoso talento.

MEU PIANO

De Baroneza de Brancchion

COM que volúpia, com que pro-fundo sentimento, eu me entrego, á hora sonhadora do crepusculo, ao meu doce piano!

Com que suave emoção contemplo, na languidez sadia dessa emoção sublime, de olhos semi-cerrados, num supremo gozo espiritual, esquecida do mundo, de tudo, os meus flebeis dedos igeis, pallidos e enluarados da branda luz que escôa do «abat-jour» côr de rosa do meu pequenino quarto todo roseo e virginal!

A meia luz se derrama de manso sobre as minhas mãos côr de jambo, tornando-as quasi brancas... e eu sinto que perpassam pela minha alma sombras doces do passado, fluidicas imagens do futuro incerto, porque o presente não existe nesse momento.

Chopin, Ravina, e mesmo a alma dos tangos, cheios de magoa e sensualidade, e das valsas commoventes e fidalgas, passam como nuvens sonoras pelo meu espirito, embalando-o no gozo de uma musica divina, como que um farfalhar de rendas caras e de sedas raras...

E o meu espirito é todo sonho!... Sinto que sou immortal.

♣

DOMINGO passado realizou-se mais um encontro sensacional da temporada sportiva, que prosegue tão brilhante. No «stadium» do Vasco da Gama, o America e o São Christovão proporcionaram a uma colossal multidão, que se derramava por todo o campo enorme de São Januario, uma tarde de grande vibração e de intenso enthusiasmo. Os lan-

ces mais empolgantes dessa pugna sportiva estão fixados nestas duas paginas do FON-FON. E' uma bella defesa de Balthazar, «goal-keeper» do São Christovão. E' uma investida da linha alvi-negra ao «goal» do America. E' a linha do America avançando ao «goal» do São Christovão. E', finalmente, Joel, do America, defendendo seu «goal».

Que existo em verdade, e que o meu ser é tão infinito e eterno como Deus e como a Eternidade!

Aquelle que, um momento, ao menos, póde elevar-se da rasteira vida material; aquelle que póde abstrahir-se soberanamente, que póde sonhar, elevar seu pensamento a Deus — esse não póde duvidar da eternidade da alma e da infinita grandeza do Creador, porque o espirito, por mais que avance na escala do sonho, não cansa nunca e tem sempre um novo rumo a tomar.

Sonho... e o coração, por fim, se me confrange suavemente... alagam-se-me os olhos, sem que, no emtanto, role pelo meu rosto uma só lagrima.

Gozar penando!... Que estranho gozo e que suave soffrimento!...

E como é bom sonhar dedilhando o piano... o meu piano velho e amigo!...

E como é bom amar... amar soffrendo, amar assim como eu te amo!...

Oh! Que ruido atroz! Arrancou-me ao doce extase! Despertei...

Tenho impetos de fechar o piano e fugir...

Quando toco, não gosto de ouvir siquer passos... Amo o silencio da vida quando me entrego á caricia sonora do meu piano.

O auditorio de uma conferencia visto por dentro

CONFERENCIA de um notavel homem de letras sobre Ibsen.

O publico que enchia a sala da Academia X. era selecto.

Desse escolhido auditorio nem todos comprehendiam, nem todos prestavam attenção e nem todos apreciavam, admiravam, o que ouviam.

Uma mocinha olhava embevecidamente o orador.

Parecia ser toda ouvidos, attenção, para as suas palavras.

Entretanto, si os sons dos vocabulos a elles chegavam, para a significação intellectual delles não havia a menor attenção. Esta dirigida estava, exclusivamente, ao physico do conferencista, aos seus gestos, ao timbre agradabilissimo da sua voz.

Namorava a pessoa do orador, em vez de prestar attenção ao que elle dizia.

Um rapaz elegante pouquissimo comprehendia da conferencia.

A significação de certas palavras era-lhe completamente desconhecida.

"Subconsciente", "psychanalyse", "egotismo", "sortilegio", etc., eram-lhe, apenas, um agglomerado sonoro, cuja significação mental lhe era tão estranha como a um fox-terrier.

Um unico pensamento o empolgava, um unico desejo o animava — ser visto por aquellas pessoas conhecidas da alta sociedade, que presentes estavam.

Queria que ellas commentassem a sua presença naquella reunião intellectual. Imaginava e gozava o que, a seu respeito, poderia ser dito: — "Lá está o F. Não sabia que elle era dado ás coisas da intelligencia. Vejam que injustiça! Dizem, por ahi, que elle é, apenas, um futil, um rapaz que só se preoccupa com danças, roupas e football.

Ahi está o desmentido. Lá está elle ouvindo, attentamente, uma conferencia sobre Ibsen."

Um homem maduro, de cabelleira encanecida, parecia, exteriormente, attento á conferencia. Apparencia, apenas. Intimamente, pensava em coisas sem a menor relação com a obra do autor da "Dama do Mar".

Cogitava num concurso que ia fazer para professor de uma das nossas escolas superiores.

A presença na sala de um dos seus temiveis competidores nelle — o havia afastado das idéas do orador.

No grande e fino auditorio havia pessoas que, por cansaço mental, só com sacrificio podiam fixar a attenção no que dizia o conferencista.

Outras que, por enfado, por aborrecimento, a desviavam dos conceitos por elle expendidos.

GASTÃO FRANCA AMARAL

Outras que, subitamente, assaltadas por graves preoccupações moraes — eram levadas a cogitações muito distantes das abordadas pelo orador.

Quanto á comprehensão do pensamento do notavel escriptor — havia nas differentes intelligencias componentes do auditorio — uma verdadeira escala mental, que ia desde o que muito pouco o assimilava até o que muito o assimilava.

Pouquissimos eram aquelles que conservavam a attenção sempre dirigida para as idéas do orador.

A mór parte tinha alternativas de attenção e desattenção.

De quando em quando, um pensamento estranho ao assumpto da conferencia desviava-lhe a attenção.

Emquanto o notavel homem de letras discorria sobre Ibsen — esse pensamento estranho cogitava de morte, molestia, negocios, gloria, amor e riqueza.

Quando o conferencista se referiu aos "Espectros", alguns ouvintes se recordaram de Zacconi e Novelli.

Que complexidade psychica é o auditorio de uma conferencia!

Quem dirá, vendo toda aquella gente, apparentemente, attenta ás palavras do conferencista — que grande parte della — tem o pensamento inteiramente desviado do que elle expõe!

Si um conferencista, por mais empolgante e famoso que seja, — pudesse descortinar o que, intimamente, se passa no mundo interior de um auditorio — certamente, experimentaria grande desillusão; e talvez, mesmo, jamais tivesse animo para, ainda, falar em publico...

UM AUTOGRAPHO

Um fervente admirador de Alexandre Dumas propoz-se obter um autographo do grande novellista. Mas este já se vira tantas vezes incommodado, que não queria concedel-o.

Como o collecionador soubesse o café em que Dumas ia todas as noites, postou-se á porta do estabelecimento, e, quando o literato ia entrando, pisou-lhe um dos pés.

— Cuidado, imbecil! — gritou Dumas.

— Senhor — exclamou, com grande dignidade, o outro, — não supportarei nem um momento...

— Como?

— Chamar-me imbecil é demais!

E o homem tirou do bolso um cartão e deu lh'o.

— Aqui está o meu — disse Dumas.

No dia seguinte, o collecionador apresentou-se em casa do escriptor.

— Bom dia, mestre; sou eu, seu adversario — disse, sorrindo.

Surpresa de Dumas, que já não se recordava do que tinha acontecido na vespera.

— Tenho a escolha das armas, não é verdade? — continuou o visitante. — Sou o offendido.

— Evidentemente.

— Pois bem: a arma que escolho é esta. Aqui trago uma obra sua; ponha-lhe uma dedicatoria.

Dumas, ainda que não achasse muita graça no pedido, apreciou o engenho do seu admirador, e poz no começo do livro as seguintes palavras:

"A esse imbecil X..., que me parece dotado de certa dóse de astucia. Mas que não repita a façanha!"

A senhorita Mariazinha Fernandes da Costa Mattos, gentil figura de nossa sociedade, no dia de seu enlace com o sr. Jobert Domingos de Oliveira Fontes, que apparece a seu lado. A cerimonia realizou-se no Hotel Gloria e foi uma nota de grande brilho mundano.
(Photo De los Rios)

UM PEQUENO ESCULPTOR

ESSE joven é um artista precoce que, aos 13 annos, sem nenhuma noção de esculptura, modela bustos e physionomias de homens illustres, com a facilidade com que soltaria um pião. E' elle o joven Fernando Cavalcanti, alumno do Pedro II, e filho do reputado clinico dr. Arnaldo Cavalcanti e da sua exma. esposa, a professora Véra Vasconcellos Cavalcanti. Muitos são já os trabalhos executados pelo joven artista. Mas só agora foi que o professor Laurindo Ramos o convidou para frequentar o seu «atelier», afim de lhe ministrar algumas lições de artes plasticas.

LANTERNAS DE PAPEL

A CANÇAO DE AMOR DO GEROME DO JUNQUEIRO

Sou Gerome do Junqueiro
da fala branda e macia.
Atravesso uma lagôa
que a agua não se arripia.
Piso no chão devagar
que a foia sêca não chia.

O prof. Octavio Domingues, da Escola Superior de Agricultura de Piracicaba, S. Paulo, é o autor do recente livro «A Hereditariedade em face da Educação».

. . .

Assubi de páu arriba
e desci pela furquia.
Passei tres dia assubindo,
levei dois quando descia.
Peguei na perna da veia,
cuidando fôsse da fia.
Desculpe senhora dona,
que tava escuro e eu não via.
Perna de moça é quentinha,
a perna da veia é fria.
Perna de veia é cascuda,
perna de moça é macia.
A pelle da moça é lisa,
a da veia é de cutia.
A moça dorme quieta,
a veia ronca e assobia.
A veia é mãe do diabo,
a moça de Deus é fia.
No tempo da sêca grande,
no anno da carestia,
que a carne sêca era rara
e a farinha subia;
os boi tava escavacado
e os retirante fugia;
de peste e necessidade
o povo todo morria;
as muié comia os fio,
acabava-se as famia;
urubusada nos d
era só o que se via;
o gunverno andava tonto
— tres annos que não chovia;
eu saltei no Ceará
da meia noite p'r'o dia.
Tocava caixa de guerra
que era mesmo uma folia,
o povão batia os chifre
e os foguete assubia,
os sino tocava brabo
e as corneta gemia.
Logo na beira da praia
eu fiz mil estrepolia
As muié batia palma,
a menimada se ria.
Tinha tanta lamparina
que eu pensava que era dia.
Os maioral de joelo
minha bençam me pedia.
As ruas tava enfeitada
e as igreja se abria.
Mode se casá commigo
as moças se offerecia.
Havia cada belleza
que meu peito estremecia
e os baque do coração
nas costella retinia.
As gallinhas cacarejava
das proezas que eu fazia,
os mortos se alevantava
e as catacumbas tremia.
Lá nas alturas do céo
duas estrellas corria!
Ahi o rei me chamou
por meu nome que sabia,
agradou-me e abraçou-me,
fez-me muita cortezia.
Depois, foi e convidou-me
p'r'a casá com sua fia.
O dote que o rei me dava
— Europa, França e Bahia,
paiz de muito valor,
terras de mil maravia;

HELIO Peixoto é o joven poeta de «Foguete de Lagrimas», livro de versos modernos, que revelam uma sensibilidade de artista identificado com o espirito vertiginoso do seculo.

sobrado de dez andaime,
casa de cem moradia;
muita prata e muito ouro,
enchendo muita bacia;
lotes de burros e béstas,
cavallo de estrebaria;
muito panno, muita joia,
riquezas e galizia;
um carro todo doirado,
fôrro de séda macia,
as rodas de páu setim,
os vidro de fantasia,
que era vê um oratorio
p'ra quem nelle se metia;
e a musga do rei na frente,
musga de pancadaria!
Abalei com a cabeça,
respondi que não servia;
que negocio desse geito
não tinha p'ra mim valia;
que eu voltava p'r'o sertão,
mode casá com a Maria,
que era a unica pessôa
que meu coração queria.
E o rei de tanto desgosto
de madrugada morria.

(Está conforme)

CLAUDIO FRANÇA

O academico João Lourenço Silva, autor de alguns trabalhos sobre sociologia, e que publicará, dentro em breve, o seu livro intitulado «Inter-Americanismo».

(Photo De Los Rios)

O dr. Simoens da Silva realizou, no Theatro Municipal, sob os auspicios do Touring Club do Brasil, uma conferencia sobre o que viu e observou na sua recente viagem aos Estados Unidos da America do Norte, á Colombia Britannica (Canadá do lado do Pacifico, ao territorio do Alaska e ao archipelago de Sandwich ou do Hawaii, apresentando typos

femininos da China, do Japão e do Hawaii, com suas vestes caracteristicas. O conferencista apparece nesta pagina por occasião de sua palestra, vendo-se, tambem, as meninas Yvonne, Turqueza e Perola S. da Silva, respectivamente, em trajes hawaiano, chinez e japonez, usados pelos habitantes do archipelago de Sandwich.

. . .

QUINQUILHARIAS

Os poetas são os unicos responsaveis pela vaidade das mulheres.

•

O melhor sabor da vida é aquelle que a gente nunca fruiu.

•

A mulher feia, em geral, cultiva com carinho a intelligencia. Porque sabe que, onde não ha belleza que vença, póde haver espirito que convença.

•

Todas as mulheres são mais ou menos capazes de amar um poeta sem fortuna; nenhuma, porém, seria capaz de casar-se com elle...

•

Qual dos dois mais infeliz: o homem que nunca amou, ou o que ama alguem que o detesta? São ambos desgraçados: o primeiro porque não vive; o segundo porque morreu para a vida.

. . .

A doçura de um beijo de mulher depende muitas vezes da conformação dos labios della...

•

Desconfia da mulher que te nega um beijo... para concedel-o si insistires.

•

O amor verdadeiro acceita o recato, mas repelle o pudor.

•

Quando uma mulher te jurar que é só tua, sem que lh'o perguntes, trata de saber quem são os teus socios...

•

Cincoenta por cento dos homens casados desejariam ser solteiros. Os outros cincoenta por cento se contentariam apenas em trocar de esposa...

MATTOS ALÉM.

A CASCAVEL E O AUTOMOVEL

A cascavel tem o guiso,
o automovel, a busina.
Em vista disso, menina,
tenha juizo!
Sempre que chegue a uma esquina,
ouça bem e veja bem
si algum automovel vem.

A cascavel tem o guiso,
o automovel, a busina.
Não é por nada, menina,
mas veja bem, é preciso:
Automovel, cascavel,
qualquer delles dois termina
na mesma syllaba — vel.
E eu só não sei, ó menina,
qual dos dois é mais cruel.

Com o guiso, ou com a busina,
ambos dão o seu aviso:
Ao se approximar da esquina
— Juizo!
Uma envenena, outro esmaga,
mas, no fim, é a mesma a pena,
a mesma praga,
tanto mata a que envenena,
como "liquida", o que esmaga.

E ambos têm sua lealdade,
sua consciencia, seu siso:
Avisam — isso é verdade —
mas, uma vez dado o aviso,
é o "salve-se quem puder",
seja rapaz ou menina,
seja varão ou mulher
— Attenção, calma, juizo,
quando escutar a busina
ou o guiso.

Antes, tormenta, saraiva,
ventania e chuva á bessa,
antes corisco, saraiva,
que automovel, cascavel.
Pois a cascavel tem raiva,
pois o automovel tem pressa,
e, quando querem passagem,
cada qual é mais cruel
e mais selvagem.

Sim, mais cruel, mais selvagem,
mais selvagem, mais cruel.
Mas, não se zangue com a imagem.
Seu automovel, menina,
não é como a cascavel.
Não. A sua pequenina
baratinha
marca-Chrysler-Imperial,
é, quando muito, menina,
uma cobrinha,
uma cobrinha-coral...

R. ARGELÉS

ARGELE'S é bem a pintura da Hespanha. Não permaneceu no ambiente classico. Não avançou para dentro dos dominios de Picasso. Acceita o moderno no equilibrio das coisas bellas. Busca na pintura dos museos as lições dos que fizeram florir a pintura subjectiva, religiosa ou historica. Argelés tem muito das influencias de seus contemporaneos. Na frescura de suas creanças, de suas "cabecitas rubias", tem a sensibilidade de José Pinazo Martinez, e a factura e o arranjo de Sottomayor; em "Sueño burlado" mostra-se um tanto Alcalá Galiano; é, quasi todo, Julio Romero de Torres em "Entierro de Cristo"; evidencia processos de composição dos Zubiaurre, principalmente de Ramon; possue o encanto das "mulheres" de Eugenio Hermoso e R. Carazo. De Gabriel Morcillo tem a espiritualidade, o descriptivo, mas propende para o pathetico, para o melodramatico, genero em que se especializou.

Vejam-se por exemplo os quadros desta pagina: á esquerda, em cima "Huerganas", á direita "Solas", e em baixo o já citado "Enterro de Christo", premiado na Exposição de Madrid e actualmente no Museo dessa cidade. Com "Sós" tambem premiado e conservado em museo, bastariam para dizer das propensões e dos meritos de um artista. As atavicas influencias de Velasquez e Murillo com o ambiente romano, onde Argelés viveu no gozo de seu premio de viagem, ha quinze annos, — crearam este *estado d'alma* que se não modificou jamais. Senhor de um desenho absoluto, conhecedor de todos os recursos de sua arte Argelés é dos mais fortes pintores que têm pisado a nossa terra. Essa sua primeira exposição, actualmente aberta na "Galeria Jorge", tã oamiga e tão franca aos grandes artistas, tem logrado um exito invulgar não só no meio dos collegas de Argelés mas entre os amadores e mesmo profanos na materia. A pintura desse moço de trinta e poucos annos é de molde a ser comprehendida com facilidade. Elle vê a natureza quasi como ella é; apanha-a em flagrantes que a Arte corrige, aperfeiçoando-os. Não é preciso mais para realçar o valor de Argelés. De sua collecção, inexhaurivel manancial de emoções superiores, destacam-se as seguintes télas, em que melhor espelhou o colorido luminoso da alma:

"A vaccina", "Virgensita", "Andaluza", "O rapaz do melão", "Carmen", "Um picador", "Uma cigana", "Limpando gumes", "A da flôr", "Sexta-feira Santa", "Cabecinha de oiro", "Uma rua de Santiago", "Retratos de E. P. e de menina", "Cabeça de Mulher", e o formidavel "Somno burlado".

"Typos de Ansó" é esplendido; magnificos o pincelar e o contraste dos extremos: a esperança de um olhar e a desillusão morando no consolo dos outros olhos!...

Argelés escreve um romance inteiro lendo-nos apenas uma pagina illustrada pelo espirito bohemio e sonhador, mas que soffre todos os soffrimentos de seus "leit-motivs" tão profundos de verdade, tão seductores de phantasia...

HERNANI DE IRAJÁ.

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

JACOB, meu irmão de grandes olhos negros e profundos, o espirito sceptico e pratico, ao mesmo tempo, que tanto ridicularizara meu modo de ser sentimental de cavalleiro andante da Edade Media, a viver, nos dias trepidantes e materialistas dos tempos modernos, seu sonho de idéalidade e de fé, nas coisas menos... idéalizaveis e menos... criveis de hoje — a mulher e o amor; Jacob, como vinha dizendo, foi ferido em pleno coração. E anda sombrio e triste, a carregar dentro de si a noite escura de todo um grande e fulminante amor, que lhe fez apenas vislumbrar, feiticeiramente, através dos "lampejos" de uns olhos côr de oiro, a terra verde, ansiosamente acariciada e perseguida da Chanaan de felicidade com que sonha todo homem que ama.

•

OS raios doirados e fatidicos de um olhar de mulher feriram de... amor — o coração de meu irmão. E eu que julgava que elle não tivesse coração — vejo, agora, com surpresa, que o que lhe bate no peito é do tamanho de um bonde — um bonde que descarrilou, pulando fóra dos trilhos por onde, calmo e seguro de si, ia fazendo a sua trajectoria na vida, só porque o "raio" de uns olhos côr de oiro, scintillando caricias, fascinaram, deslumbraram e acabaram por "fulminar" seu habil e experimentado motorneiro.

•

A vida, porém, ha de ser sempre assim, feita de um jogo continuo de imprevistos e de contrastes. Jacob tanto me atanazava e arrepiava os nervos com as suas arengas conselheiraes a respeito da minha pieguice sentimental, e do meu "béguin" por todas essas criaturinhas vaporosas e damnadamente voluveis que são as melindrosas desta bôa terra carioca, que eu, ultimamente, estava quasi inclinado a me classificar, o mais naturalmente possivel, no numero dos mais perfeitos e acabados idiotas que já vieram a este mundo de maluquice.

•

O exemplo que elle proprio me dava é o que eu deveria seguir — dizia-me. "Com mulheres, Esaú, deve-se agir como quem age com o turco das prestações — fazendo uma "defesa" em regra das algibeiras. Substitue estas pelo coração, no caso das mulheres, que só sabem amar a prestações, e defende, defende teu coração, já que não tens cabeça, que não tens juizo, meu irmão!"

•

POBRE Jacob! Pois ele é o homem frio, cauteloso e calculista, no amor como nos negocios, é quem, agora, recorre para mim, para a minha arte de fazer andar pelo beicinho uma melindrosa qualquer, com os unicos e exclusivos recursos da minha imbecilidade sentimental a se reflectir, babosa e candidamente blandiciosa, na paz serena e verde da esmeralda de meus olhos!

Puxa! Ficou até bonito, bestamente bonito, o que disse acima!

•

ORA, em materia de dar conselho, de mostrar aos outros o bom caminho, o rumo a seguir, a maneira de se desapertar, não ha quem me leve a palma. E disse a Jacob, a puxar uma baforada de meu cigarro, numa "pose" superior de homem a quem mulher não engana (como se quasi diariamente eu não fosse enganado por ellas):

— Eu, no teu caso, Jacob, só encontro uma sahida...

— Qual, Esaú, dize-m'e, aconselha-me...

— Dar o "fóra".

— Dar o "fóra"? Mas tu não comprehendes, então, que eu a amo até a loucura, que ella é tudo para mim na vida?...

— Baboseiras! Pieguice! Maluquice, que passa... felizmente. Se tudo isso não passasse, eu já teria dado entrada centenas de vezes no hospicio, e outras tantas teria varado a cabeça com uma bala, o que quer dizer... já teria morrido um sem numero de vezes.

•

SABEM o que aconteceu? Jacob damnou-se commigo e acabou por me dizer que eu era uma... besta.

Eu, porém, não me zanguei; ri, sómente, e estou a aguardar a "cura" de meu pobre irmão. Um homem apaixonado é um homem que sempre julga os outros por si...

ESAU' & JACOB

A menina Eglée, filhinha do casal Eduardo Barbosa, e que tomou parte brilhante na festa de arte promovida pela Escola Figueiredo, no Instituto Nacional de Musica, executando ao piano trechos de varios autores.

Senhoritas Nair Brunner Rosas, Rosa Barcellos, Oscarina Ferreira Cardoso, Elba Oddone e Maria Linhares, que pertencem á turma deste anno da Faculdade de Pharmacia da Universidade do Rio de Janeiro.

(Photos De los Rios)

DERROTA

De Maura de Senna Pereira.

— E's um derrotado differente dos outros. Quem olha para a tua fronte erguida, para os teus olhos ardentes de visionario, acredita immediatamente na bravura morena da tua fé, no triumpho imperador da tua derrota.

— E como são os outros derrotados? Fala, fala, minha doce amiga.

— Os outros? Oh! pois quantas vezes os tenho visto na attitude humilde dos servos ou dos criminosos, olhos postos na terra, derramando lagrimas sem pudor e sem orgulho, unhas flagellando em desespero o sonho morto.... E que horrivel é uma derrota assim!

— E's a musa do meu destino! E eu pergunto aos deuses como então a tua bocca haveria de bem dizer — com que faceirice? com que fervor? — si a victoria me tivesse vindo coróar com as suas rosas serenas...

— Com o mesmo fervor e com a mesma faceirice, como que estou bendizendo o teu momento de derrotado magnifico.

— Fala ainda, ó amada! Dize: não vês outra attitude, senão a minha, para aquelles que não provaram o triumpho? Fala ainda, ó amada!

— Vejo outra: a do silencio. Não o silencio curvado, pusillanime, flexivel, mas o silencio — força, o silencio-vingança, que desorienta, que desarma, que vence o vencedor! A tua derrota, porém, descortina bellezas maximas á minha visão e á minha sensibilidade: porque, sem o estremecimento do vencido, continuarás a cantar, num verbo arrepiante, de sorriso nos labios, a tua grande crença, até morrer....

Lumilio Medeiros é o orador da turma de pharmacolandos de 1929, escolhido unanimemente pelos seus collegas.

(Photo De los Rios)

O Estado do Rio na Federação

A acção fecunda do presidente Manoel Duarte

A mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, a 1.º de outubro corrente, pelo presidente Manoel Duarte, é um documento de alto e expressivo valor, em que vem exposto, com clareza e segura comprehensão dos multiplos problemas de ordem politica, administrativa, social, economica e financeira, o bem inspirado programma de trabalho e de fecundas realizações que o actual governo daquella futurosa unidade da Federação está executando.

Publicando, a seguir, alguns trechos dessa peça official, em que se positivam os patrioticos e elevados propositos que animam a politica de reconstituição financeira e estimulo economico, adoptada pelo eminente homem publico que ora dirige os destinos do Estado do Rio, FON-FON, em seu proximo numero, reserva-se para analysar, de conjuncto, a actuação serena e fecunda do presidente Manuel Duarte durante este ultimo periodo governamental.

O presidente Manoel Duarte, ao saltar em frente ao palacio da Assembléa Legislativa do Estado, recebe os primeiros cumprimentos de membros daquella casa.

SITUAÇÃO ECONOMICA

«Economicamente o Estado continúa em auspicioso movimento que justifica bôas previsões. O trabalho por toda a parte se desenvolve, melhorando quanto á applicação dos melhores processos que conduzam a ter uma producção mais barata e mais apurada, relativamente aos typos commerciaveis. Assim succede na agricultura, propriamente, como na industria de fabricação e na de creação animal, dando á actividade rural um aspecto de maior segurança para a economia do Estado.

Nos municipios em que predomina a lavoura cerealifera e que são de mais densa população e de propriedade mais dividida a vida se processa sem graves crises, porque os cereaes têm sempre garantidos os mercados de consumo, sem exageradas fluctuações de preço. O productor, dono quasi sempre de sua pequena área, lavra em terreno proprio, garante as suas provisões de bocca, contenta-se com a mediania e transpõe, sem maiores embaraços, as épocas de entresafra.

Dos demais productos agricolas do Estado, o café e a canna preoccupam justificadamente o Governo. A lavoura e o commercio do café, vivendo, como vivem, sob regulamentos severos, constituem hoje uma actividade a que o Estado dá uma immediata assistencia, attento sempre ás surprezas que, de uma hora para outra, podem arrastal-a e perturbal-a. Sem embargo disso ou talvez por isso mesmo, as lavouras de café ganham novas áreas, sobretudo nos municipios do norte.»

SITUAÇÃO FINANCEIRA

«Theoricamente, uma bôa situação economica deveria valer, de modo absoluto, por uma tambem bôa situação financeira. Praticamente, as cousas não têm o mesmo aspecto.

Bom, está claro, é o estado economico de uma região em que a producção e o consumo se equivalem, ao menos, pelo seu valor. Quem vende o que produz por um preço que lhe chega para adquirir tudo quanto não produz e de que, no entanto, precisa e ainda lhe sobra um saldo, está economicamente prospero. É isso o que, porém e infelizmente, não succede com o Estado, como erario publico, como thesouro. A sua producção, tanto vale dizer, a sua arrecadação, é pequena, é mesmo insi-

O illustre chefe do governo fluminense lê sua mensagem, tendo a seu lado, além do presidente, vários outros membros da mesa da Assembléa Legislativa do Estado.

gnificante, deante do seu consumo, que se determina pelas suas necessidades.

O Estado póde, assim, estar prospero e as finanças do seu thesouro publico não. Tal o que acontece comnosco.

Por isso mesmo que é o Estado de mais densa população do Paiz, mais proximo do centro de maior civilização e cujo territorio não tem um logar distante mais de quinze horas da Capital da Republica, o Estado do Rio de Janeiro está occupado por uma população justamente exigente, com habitos de commodidades, de conforto, de exigencias quanto a serviços publicos como nenhuma outra do interior de qualquer Estado.

Os serviços publicos precisam ser de primeira ordem: hygiene, policia, ensino, justiça. A administração torna-se, assim, dispendiosa, não só por esses motivos, como porque os seus funccionarios, trabalhando num meio de vida cara e difficil, egualmente reclamam melhores ordenados.

Por todas essas razões, a receita do Estado mal dá para os seus serviços normaes e rudimentares.

Para melhorar, desdobrar e intensificar o que existe e crear serviços novos, os recursos são escassos. Dahi não ser possivel ter optimas finanças.

Quando temos que emprehender qualquer obra ou melhoramento novo, somos obrigados a soccorrer-nos do credito, porque se foramos esperar que as rendas ordinarias nos dessem sobras, reduziriamos a administração a uma machina de despachar expediente e mentiriamos á obrigação de fazer do Governo um necessario apparelho de beneficiamento e aperfeiçoamento geraes.

Foi o que nos levou ao emprestimo externo de que damos conta em outro logar.

Apezar, porém, de tudo isso, vamos vivendo e conservando o nosso credito prestigiadissimo, dentro e fóra do Paiz. E' se não mentem as leis que regem os phenomenos economico-financeiros, podemos affrontar com segurança os dias do futuro.

ENSINO

O Governo realizou uma reforma parcial no ensino primario, profissional e normal, cujos detalhes se encontram no capitulo propriamente consagrado á instrucção publica. Sem nenhum prurido de innovar pelo prazer das modificações, chegou, entretanto, a convencer-se de que era necessario introduzir disposições novas e fazer algumas creações indispensaveis ao apparelho do ensino, de maneira a tornal-o mais efficiente e mais bem conformado ás necessidades palpitantes.

Neste rapido recapitulo, que é a parte preambular da Mensagem, cabe apenas assignalar o confortador movimento ascendente da matricula e da frequencia escolares no Estado, povoando compensadoramente as escolas que já existiam e as que o Governo creou no periodo do anno decorrido.

O recenseamento escolar realizado para colher os dados com que se pudesse avaliar a população em edade de ensino primario, deu magnificos resultados. Foram encontradas, em todo o territorio do Estado, 180.267 crianças em edade de frequentar escolas e destas 94.586 eram do sexo masculino e 85.681 do feminino. Das 180.267 crianças já sabem ler 79.108, sendo 40.750 meninos e 38.358 meninas. A verdade, porém, é que já frequentam escolas 94.980, sendo 49.526 meninos e 45.460 meninas, o que diminue, dia a dia, a cifra dos analphabetos, porque, quanto a estes, já está iniciado o processo de alphabetização.

Ainda, porém, sem incluir estes mesmos ultimos, que, a esta hora, já saberão ler e escrever, verifica-se que a cifra de analphabetos em relação á população infantil é de 56 %, o que demonstra que o esforço pelo ensino intenso vae sendo coroado de exito.

Já agora o governo, em virtude de recenseamento, conhecendo os centros e

Outro flagrante colhido na occasião em que o presidente Manoel Duarte fazia a leitura de sua ultima mensagem.

pontos onde mais necessarias se fazem escolas, providenciará de molde a, dentro de dois annos, assegurar uma matricula superior a 120.000 alumnos nas aulas publicas primarias, o que não será estimativa exagerada, pois, no corrente anno lectivo já excederá de 90.000.

Ainda no meu Governo se procederá ao segundo recenseamento e, portanto, será possível avaliar os resultados dos esforços empregados em beneficio do ensino primário, após o primeiro inquérito censitario e como consequencia delle.

Nos dados apresentados não foram incluídos alguns districtos afastados, que não devolveram as listas distribuidas.

O numero de escolas estaduaes augmentou, em 1929, de 89, passando de 853 a 942. A matricula, que no anno de 1928 attingira a 70.050 creanças, subiu, em 1929, a 80.781, com o accrescimo, pois, de 10.731 num anno. Isso até setembro.

Durante o periodo do actual governo, de 1927 para cá, foram creadas 198 escolas, subindo a matricula de 58.770, em 1927, a 80.781, em 1929.

O recenseamento escolar a que alludi acima foi realizado, em todo o territorio fluminense, a 1.° de julho do corrente anno, pelos benemeritos professores estaduaes, que, assim, deram mais uma impressionante demonstração de sua solicitude, disciplina e amor ao ensino.

Pelo dec. n. 2.450, de 23 de setembro ultimo, e baseado na lei n. 2.299, de 7 de janeiro deste anno, acaba o Governo de crear a Faculdade Fluminense de Medicina, com os cursos e organização administrativa constantes dos respectivos regulamentos e regimento interno.

A Faculdade, assim creada, recebeu o patrimonio e a organização da extincta Faculdade de Medicina, de iniciativa e existencia privada, que funccionava nesta capital, dentro, aliás, de uma perfeita estructuração organica, com excellente corpo docente e centenas de academicos em vários gráos do curso até o 4.° anno.

Incorporando e officializando esse acreditado instituto, o Governo, pelo decreto de creação, validou, como era de justiça, todos os actos e decisões da extincta Faculdade, do modo que os cursos prosigam daqui por deante sem qualquer solução de continuidade.

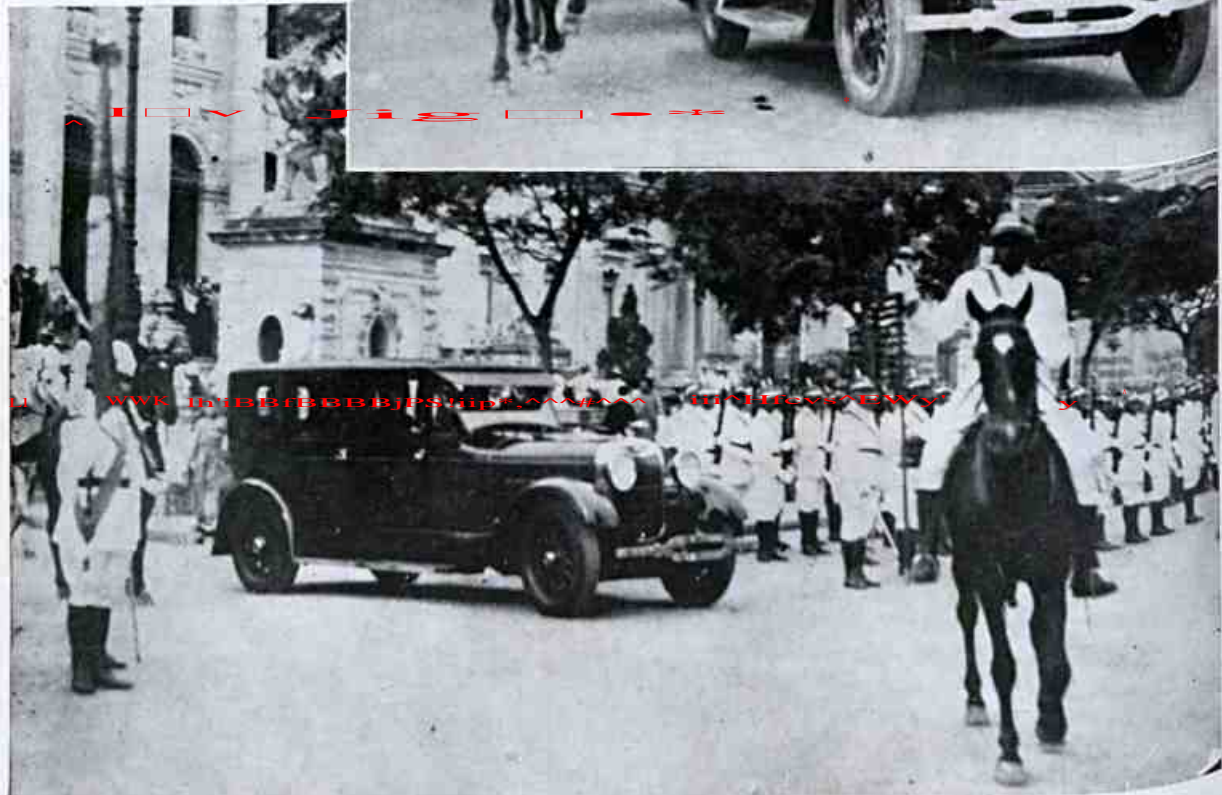
O plano de organização da Faculdade official foi calcado no dos melhores institutos congeneres do paiz, notadamente nos da Capital Federal e do Estado de S. Paulo.

Com essa creação fica dado mais um passo para que se dote o Estado do Rio do seu necessário apparelhamento, quanto aos institutos que integram o programma geral do ensino publico, a começar nas escolas primarias, grupos escolares, lyceus, escolas profissionaes, escolas normaes, outros estabelecimentos technicos e academias de especialização profissional superior.

DESPEZAS COM O ENSINO

No exercício de 1928, a despeza com o ensino publico attingiu a réis 8.089:632$925, que se distribuem pela seguinte fôrma:

Directoria de Instrucção ...... 289:240$921

Ensino pri-

EM frente ao palacio da Assembléa Legislativa do Estado, um contingente da força publica fluminense presta as continências do estylo ao presidente Manoel Duarte, na occasião em que s. excia. deixa aquelle edifício. Ao alto, o auto presidencial, acompanhado por uma guarda de honra, em demanda do palacio do Ingá.

O presidente Manoel Duarte, no salão nobre do palacio do Ingá, cercado pelos illustres membros da Assembléa Legislativa do Estado, que, incorporados, foram levar a s. excia. seus cumprimentos e hypothecar sua solidariedade ao eminente chefe do governo fluminense.

...tario	5.275:375$368
Ensino normal	497:418$226
Ensino profissional ..	1.638:482$678
Ensino secundario .	162:628$832
Ensino ambulante ..	3:600$000
Ensino subvencionado.	102:635$400
Subvenções.	89:600$000
Diarias e ajudas de custo	17:001$000
Transporte .	13:630$000
	5.089:632$925

Essa importancia corresponde a 20,2 % sobre a receita arrecadada, que é de [illegible]263:342$332. Não haverá testemunho mais expressivo do quanto porfia meu governo em tratar com especiaes cuidados a causa da educação popular. A despeza no anno de 1927, com o mesmo serviço, se fixará em réis [illegible]661:957$565.

RODOVIAS

A construcção de novas estradas para automoveis, vem concorrendo incontestavelmente para o augmento da riqueza particular, valorisando propriedades, incrementando o reerguimento de industrias, proporcionando o rapido transporte dos productos para os centros consumidores, facilitando o seu intercambio, estimulando as zonas productoras e contribuindo poderosamente para o augmento das rendas publicas.

Não podia, portanto, o governo descurar de tão serio problema, dedicando sua attenção á construcção e reparação das estradas de rodagem, como necessidade economica e factor propulsivo do progresso e desenvolvimento dos municipios fluminenses.

Não foi facil a tarefa executada. A inclemencia do tempo nos ultimos mezes do anno findo acarretou difficuldades no tocante á conservação das rodovias existentes, embaraçando sobremodo a construcção das obras iniciadas, elevando extraordinariamente as despesas com os respectivos serviços.

O resultado satisfactorio alcançado compensou animadoramente o arduo trabalho despendido.

QUADRO DAS RODOVIAS

	Kms.
Construidas e reconstruidas até 1928 . .	2.488.700
Em construcção e reconstrucção	1.045.260
Conservadas . .	1.803.210

INSTITUTO DE FOMENTO E ECONOMIA AGRICOLA

Não desmereceu o Instituto de Fomento e Economia Agricola da confiança que, desde os seus primeiros dias de trabalho, soube inspirar á grande classe dos agricultores fluminenses, nem desmentiu, no periodo a que se refere esta Mensagem, as espectativas do legislador de 1926, traçadas na Lei n. 2.014, de 15 de agosto de 1926.

Participando das iniciativas daquelle Instituto, pelos orgãos que o representam em seu corpo director, especialmente por seu presidente, que é o Secretario de Estado das Finanças, vae o governo do Estado acompanhando a efficiencia das medidas executadas, em varios dominios, no interesse e no proveito da agricultura, da industria e, consequentemente, do commercio das populações fluminenses.

O ESTADO E O MOMENTO POLITICO

Não obstante o interesse politico que no momento empolga a opinião geral e, consequentemente, a do Estado do Rio de Janeiro, calmo, sereno, de absoluta segurança é o ambiente em que se processa a vida normal fluminense.

Essa tranquillidade de animo, mesmo na perspectiva de uma intensa luta partidaria, advem, certamente, da justa confiança da Nação no alto patriotismo e no senso directivo que caracterizam a acção, quer politica quer administrativa, do integro compatricio e nosso eminente coestadiano que, nesta hora, exerce a suprema magistratura da Republica.

Ao seu lado, sem tibieza nem reticencias, antes com o animo decidido e resoluto dos que bem se apercebem dos seus deveres civicos e de suas responsabilidades, o meu Governo cuida estar correspondendo ao sentimento da grande maioria, quasi unanimidade, dos fluminenses que vêem no illustre estadista uma empolgante personalidade, que é, no momento, a propria vida e a expressão dos grandes e fundamentaes interesses da Republica e do Brasil.

O Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio e seu novo edificio

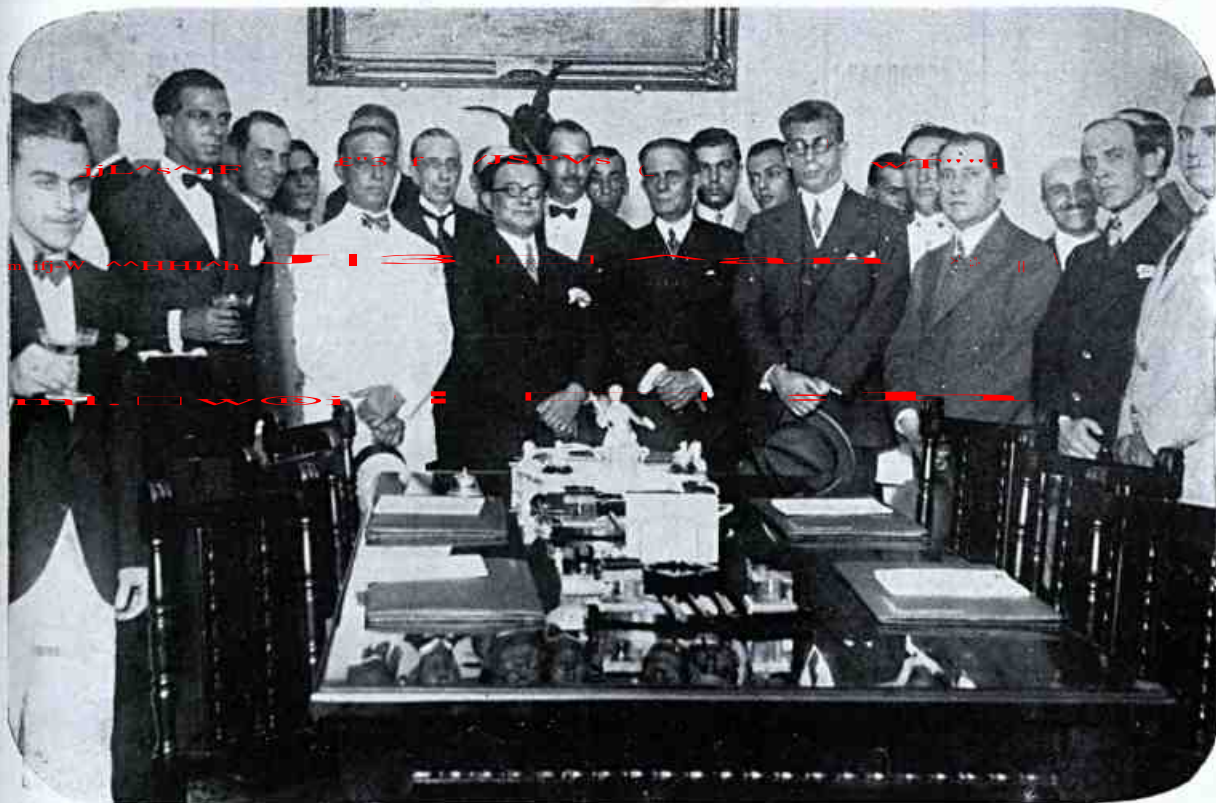
O novo e imponente edificio do Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio de Janeiro.

O Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio de Janeiro inaugurou, a 2 do corrente, na avenida Feliciano Sodré, em Nictheroy, a sua nova séde, que é um edificio imponente e de linhas severas.

A cerimonia teve o brilho de um acontecimento notavel, realizando-se com a presença do presidente Manoel Duarte, do dr. Joaquim de Mello, secretario das Finanças do governo fluminense e presidente do Instituto de Fomento; do ministro da Fazenda, dr. Oliveira Botelho; do senador Feliciano Sodré, dos deputados Mauricio de Medeiros, Bocayuva Cunha, Arnaldo Tavares e Jayme de Barros; dos drs. Pio Borges e Alvaro Neves, de jornalistas e outras pessoas gradas.

Foi no salão da directoria, sobriamente decorado, que se deu o acto inaugural do novo edificio. Ali se reuniram o presidente do Estado do Rio e demais autoridades e convidados, para a solennidade.

O dr. Joaquim de Mello deu inicio á mesma proferindo um discurso em que fez detalhada exposição das finalidades do Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio de Janeiro e salientou os serviços mais importantes prestados á lavoura fluminense pelo mesmo Instituto. Alludindo ao edificio que ali se inaugurava, o secretario das Finanças do Estado do Rio disse ser obra de dois presidentes — os drs. Feliciano Sodré e Manoel Duarte — cuja acção administrativa elogiou.

O orador que se seguiu ao dr. Joaquim de Mello foi o presidente Manoel Duarte. Declarou s. ex. que ao seu antecessor no governo fluminense, dr. Feliciano Sodré,

Um flagrante da cerimonia inaugural do novo edificio do Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio de Janeiro, vendo-se o presidente Manoel Duarte, o senador Feliciano Sodré, o ministro Oliveira Botelho, o dr. Joaquim de Mello e outras autoridades presentes.

cabia a gloria de ter sido o iniciador da grande obra que é o Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio de Janeiro. Terminou dando por inaugurada a nova séde do Instituto.

Aos presentes foram, então, servidos doces e "champagne".

Os directores do Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio de Janeiro estiveram reunidos, antes da cerimonia inaugural do novo edificio, para approvar os estatutos elaborados de accordo com o novo regulamento daquelle departamento, consubstanciando medidas attinentes ao seu perfeito funccionamento.

Grupo tomado á sahida do edificio recem-inaugurado, após a cerimonia do dia 2 do corrente.

FUGA

Continuação

um choque terrivel para elles.

Na sociedade, os commentarios eram dolorosamente amargos. Só se falava na fuga de Helena Simões do Amaral.

— Tambem — dizia-se — ella não amava aquelle marido, que não era homem para tão linda mulher. Via-se pelo modo como o tratava. Pelo modo como se exhibia ao seu lado. Na rua, nos theatros, nos salões de baile, em toda parte. Respeitava-o pela sua posição. Apenas. Mas dedicava-lhe uma indifferença que havia de ter esse resultado triste.

Ernesto Moraes fôra, sempre, a grande paixão de Helena. Rapaz insinuante, bonito mesmo, e trajando com apuro, ella o adorava, procurando afastal-o da seducção feminina das suas amigas mais formosas. E Ernesto, entre todas as suas namoradas daquelle tempo, dava certa preferencia a Helena, que tinha encantos que as outras não possuiam.

Mas, um dia, inopinadamente, deixára o Rio, e durante muito tempo não se tivera noticia delle. Seguira para a Europa, no desempenho de uma commissão official. Lá do Velho Mundo, nunca mandára um cartão siquer áquella que tanto o amava.

Fôra tambem por isso que Helena Simões resolvêra satisfazer ás supplicas paternas, casando-se com Plinio Amaral.

Um casamento de interesse e de despeito. Um casamento como muitos que se realizam nesta nossa pobre terra.

Alguns mezes depois do enlace, que constituira uma nota mundana de requintada elegancia em nossa sociedade, aqui chegava, de regresso da Europa, o joven Ernesto Moraes. Helena já o tinha esquecido. Ou fingia que não mais se lembrava delle. E demonstrava-o desinteressando-se da vida do antigo namorado. Nem siquer o cumprimentava, quando, acompanhada do esposo, passava por elle, na rua, ou o encontrava nas casas de chá e noutros logares publicos.

Por isso fôra maior a surpresa que causára, entre as relações de Helena Simões, a noticia de sua fuga em companhia de Ernesto Moraes.

* * *

NA capital paulista, o casal clandestino pouco sahia do hotel. Era no seu appartamento que os dois conversavam longamente e, longamente, se entregavam aos enlevos de seu amor.

— Fizemos uma loucura, Ernesto! — dizia ella. — Uma loucura que terá, de certo, consequencias bem desastrosas para nós. O Plinio é um homem bom, mas é um homem vingativo. E eu tenho muito medo delle, Ernesto... Muito medo...

— Mas o que está feito está feito, — respondeu Ernesto. — E o nosso amor não merece, porventura, um pouco de sacrificio?

— E meus paes, Ernesto? Que será de meus paes depois deste episodio?

— Elles saberão se arranjar com teu marido. São elles os unicos culpados da tua situação e deste resultado que o mundo condemna. Mas, que devemos nós ao mundo?

— Não sei... Tambem não sei o que será de mim, o que será de ti, o que será de nós, Ernesto... Emfim...

— Tudo está consumado. Vamos dormir, que já é tarde, querida. Esqueçamos a nossa loucura, teu marido e teus paes. Esqueçamos a sociedade. Esqueçamos tudo e nos lembremos só do nosso amor.

A noite paulista estava gottejante e fria. A chuva cahia, torrencialmente, lá fóra. Molhando as ruas e quebrando o silencio daquella hora placida da grande noite melancolica. De espaço a espaço, um automovel passava maciamente.

(Conclúe na pag. 88)

Ver o passado no cinema equivale a viver de novo

"LEMBRO-ME"—escreve um amador da cinematographia—"que quando era pequeno e ia a um cinema, sempre invejava as pessoas que appareciam com frequencia na tela."

"Lembro-me que mais de uma vez pensei (e qual é o adolescente que não pensa o mesmo?) que tambem gostaria de apparecer na tela e de guardar todos os films em que tomasse parte, afim de possuir um diario vivido, *em acção*, dos acontecimentos mais importantes da minha vida."

"Até que um dia, sendo já maior, deparei com um annuncio intitulado: *Qualquer pessoa pode filmar* . . . Seria possivel? Continuando a lêl-o, pareceu-me cada vez mais sensato, e dahi a pouco tempo estava comprando o apparelho annunciado. O meu sonho convertera-se em fascinante realidade."

Um diario graphico em acção

Haverá quem não comprehenda o que significa para qualquer pessoa o poder tirar as suas proprias fitas? Os casamentos e outros acontecimentos memoraveis, os primeiros passos do *bébé*, as travessuras e passatempos das crianças, tudo isso pode ser filmado e projectado em casa.

Mais tarde, depois de alguns annos, os mesmos acontecimentos podem ser vistos de novo—revividos.

O cinema ao alcance de muitos

Filmar com o Cine-Kodak e

O Cine-Kodak, Modelo B, f.1.9

projectar com o Kodascope é tão facil como tirar instantaneos com uma Kodak.

O Cine-Kodak e o Kodascope representam, de facto, a cinematographia ao alcance dos amadores, pelo methodo Kodak.

Para filmar, basta apontar o Cine-Kodak e apertar uma alavancazinha. Os nossos laboratorios se encarregarão de revelar o film gratuitamente e de devolvel-o prompto para a projecção.

Para projectar com o Kodascope, basta ligal-o á rede da illuminação electrica da casa.

Se V.S. desejar informações e preços, queira remetter-nos o coupon abaixo.

KODAK BRASILEIRA, LTD.,
Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro

Nome..............................

Endereço..........................

FUGA

Conclussão

Elles adormeceram embalados pela chuva e pelo rythmo de seus corações unidos...

* * *

O *Saturnia* tinha chegado ao porto de Santos, procedente do Rio, e dentro de algumas horas zarparia com destino a Buenos-Aires.

Entre os nomes que figuravam na lista dos passageiros que se destinavam á capital argentina estavam os de *Ernesto Moraes e sua senhora*. Viajariam no camarote 34. Esse numero, positivamente, estava a perseguil-os. O vapor da Cosulich fazia sua primeira viagem á America do Sul. Na tarde do dia 8 de agosto de 1927, Ernesto Moraes e Helena Simões embarcavam em Santos. Deixavam o Brasil para nunca mais voltar.

Na mesma tarde, chegava a São Paulo, pelo rapido, o marido de Helena, Plinio Amaral. E foi hospedar-se no mesmo hotel que, horas antes, ainda acolhia os dois fugitivos.

Estes, já em alto mar, longe de São Paulo, longe do Brasil, longe de seu perseguidor, nem se lembravam mais do hotel do largo do Paysandú.

Estavam, inteiramente, preoccupados com a victoria de seu amor.

(Do livro "Vertigem", a apparecer brevemente)

CORAÇÃO FLORIDO

"Amar é pactuar com a dôr".
(Mlle. de L'Espinasse).

DOIS corações acharam-se juntos, certo dia. O primeiro, cravejado de espinhos, produzia flamma viva que alimentava uma flôr, linda e immaculada. O outro, liso, arido. Este iniciou o dialogo:

— Por que soffres tanto? Qual a causa desses espinhos? Qual o nome dessa flôr pura, de perfume estranho, que não se consome nessa chamma ardente?

— Estes espinhos, que me torturam deliciosamente, é o principio da minha vida feliz. Vês este maior? Representa a ultima rixa amorosa, motivada por ciumes.

— ...!

— Os menores, pequeninas incertezas, desconfianças, ausencia...

— ...!

— Esta flôr nivea, que arde em flamma rubra, sem se consumir, semelhante á sarça do monte Horeb, chama-se Amor...

— ...!

— Sua fragrancia, divina, suaviza os tristes dias do mortal sobre a terra. Tirem-n'a do mundo, e ella se converterá em degredo melancolico. Das florestas desappareceriam a fauna e a flôra. Nos rios não veriamos os peixes; nem as aves nos ares. Tudo seria ermo e sombrio.

— ...!

— Por que não contribues para a vida do universo? Por que vives assim uma existencia inutil, cheia de nada? Por que não amas? Temes os espinhos?

Em resposta, o outro coração verteu uma lagrima silenciosa. Lagrima de coração esteril. Lagrima de coração que não ama...

JOSÉ BENEDICTO CURSINO.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

O PAGÃO

DA METRO

Cinema PALACIO — Este film alcançou um exito extraordinario em New-York. Não é muito original quanto ao caracter da personagem do primeiro interprete. Assemelha-se a *White Shadows*, que a platéa carioca já viu. Temos mais uma vez o ambiente dos mares do sul, que já anda bastante cansado. Em todo o caso trata-se d'um film superior, nomeadamente quanto a direcção. Em que pese ás apaixonadas do efeminado Ramon Novarro, o heroe deste film não lhes appareceu na téla; ficou occulto. Chama-se Van Dyke.

Um indigena novo e bello, que passa preguiçosamente o seu tempo a cantar, apaixona-se por uma joven indigena que um branco adoptou. Quando ella deixa a ilha a bordo do navio do tutor, elle põe-se a trabalhar, por ter ouvido dizer que entre os brancos era uma forma de se tornar digno da sua amada. No regresso da rapariga, comprehende que a palavra dos brancos está sujeita a variações e rapta a joven no momento em que o seu protector quer obrigal-a a que o acceite por marido. Este ultimo torna a apoderar-se della e leva-a para o seu navio. O

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

NOS CINEMAS DA AVENIDA (Conclusão)

indigena apparece, combate e fogem juntos, emquanto o branco é devorado pelos tubarões.

Enredo um pouco infantil, mas em que se enquadra perfeitamente o feitio artistico de Ramon, "astro" da Metro canta. Canta e ouve-se com agrado, não obstante a gente, ao ouvil-o, ficar a pensar n'aquella "formidavel" voz que os reclames norte-americanos nos diziam sublime.

A parte sonora valoriza a pellicula. Além da adapatação musical, tem o canto, "leitmotiv", de Ramon, cantos religiosos de bastante harmonia, cantos de passaros e ruidos.

A technica, mórmente a photographia, é digna de todos os louvores, pondo de parte certos exageros de paizagem... inventada.

Da interpretação Novarro apresenta um bom trabalho, um pouco menos frio que o dos papeis anteriores. Renée Adorée é surprehendente n'uma ponta.

Cotação — BOM

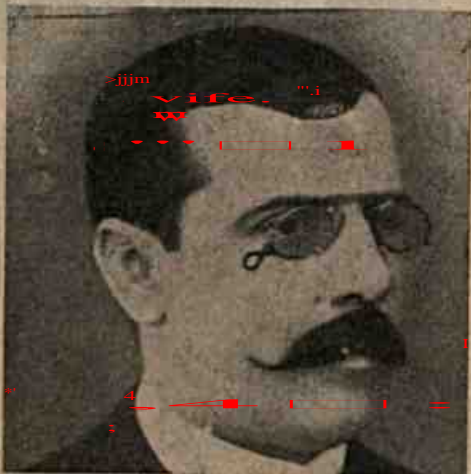
OS PECCADOS DOS PAES

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Um film de Emil Jannings é uma garantia de bilheteria, synchronizado ou não. O que o publico procura n'estas bôas pelliculas não é a musica adaptada, um dialogo mais ou menos curto, o som das cousas mas sim esse poder formidavel que possue um grande artista, que tanto nos impressiona, nos commove, nos sensibiliza. A tendencia classica destes actos é a dramatização. E' impolgante. Devemos, porém, confessar que elle possue tambem o bom humor germanico, esse typico feitio de bonacheirão que sabe arrancar de si uma impressão de bohemia e de graça, que não nos faz gargalhar, mas nos faz sorrir.

Esta pellicula tem um intuito manifesto de moral social: o combate ao alcool. Não diremos que alcance o objectivo... nos paizes onde não ha prohibição. Pondo de parte esse objectivo moralista, apreciamos o film como obra de arte. Emil está dentro da acção n'um cambiante que vae da alegria simples d'um pae feliz ao tragico tumultuar d'uma alma, agitada pelo remorso que lhe corróe a consciencia. N'este desenrolar da acção, as *nuances* que esse grande artista nos apresenta são, cada uma d'ellas, a demonstração do valor incommensuravel d'este creador de almas. Comquanto o "tam-tam" do reclame não tenha levado ás nuvens este estupendo trabalho podemos e devemos consideral-o um dos melhores do eminente artista.

O "cast", ainda que apagado pelo "astro", era excellente. Bôa direcção. Quem não dirijirá bem Emil?... A technica muito bôa.

Cotação — OPTIMO

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserval-o abundante, brilhante e em bôas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

O automovel de Genoveva

POR QUE não havia de entrar? De certo deve ser uma grande contrariedade contemplar tantas maravilhas e se ver, depois, obrigada a tomar o bonde para voltar á casa. Mas... Cheio de automoveis, o grande local recebe a senhora Lancelot como si acabasse de illuminar-se para ella.

Para vêr o Salão do Automovel, Genoveva poz suas melhores galas.

Não tem carro, mas circula pelas salas como si o houvesse deixado á porta.

Que desgraça ter um marido trabalhador, mas sem genio commercial! O senhor Lancelot, conhecido fabricante de moveis, ganha, mas não o bastante para offerecer a sua esposa um automovel a que toda mulher joven e bonita tem direito na sociedade moderna.

Nisso pensa a senhora Lancelot, mulher joven, bonita e honrada, mas que não tem automovel...

* * *

— Bella acquisição, não é verdade, madame?

Genoveva volta-se, sobresaltada. Um moço elegante e sympathico descobre-se e a cumprimenta cortezmente.

— Perdão, madame; mas ha mais de cinco minutos que a vejo com os olhos fixos nesse automovel, e julgo advinhar que elle a enthusiasma.

— Com effeito, é precioso.

— Não muito para o que v. ex. merece.

O moço ruborizou-se ao dizer isso. Talvez se tenha espantado de sua audacia. E' um homem encantador. Genoveva sorri, e responde:

— E' o senhor muito amavel, cavalheiro. Obrigada.

— E' a pura verdade, madame. Que alegria para mim vêl-a installada no volante desse carro!

E acrescentou, sorrindo por sua vez:

— *Graças a mim.*

Que declaração terminante e inesperada! Genoveva ouvira falar muitas vezes nas paixões repentinas, mas não acreditava nellas!

E eis que agora observa que o moço de tão ousada galanteria exerce sobre ella uma attracção estranha.

Após um momento de silencio, Genoveva responde, gratamente perturbada:

— Não creia, cavalheiro, que, porque me veja só aqui, seu uma mulher livre. Dependo de meu marido.

Ora, senhora! Com um marido tudo se arranja.

Genoveva está deante de um moço que a conhece

Um conto de

Henrique Falk

ha dez minutos, e que, si ella quizesse, lhe daria prazeroso o que seu marido lhe nega ha dez annos, isto é, desde que se casaram. Ah marido!

— Perdão, cavalheiro: mas vou um momento ao "buffet".

— Permitte-me que a acompanhe e lhe offereça um calice de vinho do Porto? Falaremos do carro de v. ex.

Genoveva, sobresaltada, procura sorrir.

— Meu carro! Rogo-lhe que não empregue essas palavras.

— Por que não? Só depende de v. ex. Passemos ao "stand". Veremos o carro mais de perto.

— Para que?

— Estou certo de que acabará decidindo-se. Vamos, madame. Rogo-lho.

O moço cumprimentou o director do "stand" e estreitou-lhe a mão.

— Quer mostrar esse carro a madame?

— Com muito prazer!

O director dá explicações sobre as excellencias do carro e detalhes technicos.

— Queira entrar, madame. Ponha-se ao volante. Sentir-se-á melhor do que na mais commoda poltrona.

Genoveva não póde resistir ao prazer de vêr transformado seu sonho em realidade, embora seja só por um minuto.

Com o ar de uma pessoa competente, exclama:

— E' perfeito, effectivamente.

Tem o orgulho de vêr-se admirada pelos outros. São do "cabriolet" dizendo:

— A gente está como em sua propria casa.

— Então... — sorri, commercialmente, o director para o moço. — Fazemos o pedido?

— Isso depende do que resolva madame.

Genoveva sente bater-lhe com violencia o coração. Experimenta como que uma vertigem. Vae commetter a loucura de... acceitar! Ou não? Hesita...

— E, além do mais, a casa facilita o pagamento, madame — torna o moço elegante e sympathico. Aqui está meu cartão. Sou o representante directo.

Genoveva fechou os olhos. Vae cahir desfallecida. Reage. Machinalmente, recebe o cartão do agente, tem a força de responder que pensará sobre o caso, e sáe precipitadamente.

O moço segue-a com o olhar, e, voltando-se para o director, diz, com despeito:

— Outro que não sabe o que quer! E eu que julgava já a tinha convencido! Ora, bolas!

ESPIRITO ALHEIO

A vingança do marido...

— Bem, não te esqueças. Si te perguntarem, dize que teu pae foi para o campo por um mez. E não vás commetter um erro dizendo que foi por trinta dias. Ouviste?

IDA E VOLTA

— Quando eu era moço, andei, uma vez, cinco leguas para ir dar uma surra num amigo.
— E voltou a pé?
— Não, senhor. Voltei em uma cama...

— Ha alguma cozinheira bôa que procure trabalho?
— Sim. Ha cinco, na sala de espera.
— Peça-lhes, então, que venham vêr-me; talvez eu seja do agrado de alguma...

— Senhor, seu filho acaba de atirar-me uma pedra.
— E a senhora foi attingida?
— Não. Felizmente.
— Então não foi meu filho...

— Você andou mexendo com o barometro, Genoveva?
— Sim, patrão. Como hoje é meu dia de sahida, sacudi-o, para que marcasse bom tempo...

— Conheço a idade de um perú pelos dentes.
— Mas, si o perú não tem dentes!
— Mas os tenho eu...

Montepio Geral de Economia dos Servidores do Estado

Ao Funccionalismo Publico

CIVIL E MILITAR

O Montepio Geral de Economia dos Servidores do Estado, com séde á travessa das Bellas Artes, n.º 15, e com 94 annos de existencia, acaba de modificar as suas tabellas de inscripção, tornando-as accessiveis a todos os funccionarios, afim de lhes facilitar a instituição de uma pensão para o seus herdeiros.

Este acto de previdencia deve ser a preoccupação maxima de um chefe de familia, que, consciente dos seus deveres, não póde deixar ao desamparo os entes que lhe são caros — As pensões do Montepio, que são vitalicias, estão egualmente isentas de penhora e arrestos e só serão pagas aos pensionistas ou aos seus representantes legaes — A pensão vitalicia offerece sobre o peculio a vantagem de garantir para todo o sempre o sustento da familia, não podendo, em hypothese alguma, lhe faltar este amparo. — Remettem-se fasciculos com as instrucções a quem os solicitar e a secretaria do Montepio acha-se apta para prestar todos os esclarecimentos desejados.

A secretaria acha-se aberta todos os dias uteis, de 7 horas ás 10 horas da manhã e tambem de 4 horas ás 6 horas da tarde do dia 1 ao dia 10 de cada mez.

TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

CAPPUCCINI & C.

RUA DA ALFANDEGA, 172-Rio de Janeiro - Tel. N. 3347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

MACHINAS DE COSTURA

"GRITZNER"

DE MÃO E DE PÉ, COM TAMPA

Unicos representantes:

HERM. STOLTZ & Co.

Avenida Rio Branco, 66-74 — RIO DE JANEIRO
Tel. N. 6121 — Caixa Postal 200

OS RAIOS K

E. JOLICLER

ESTE verão, encontrei um joven "gentleman" no trem de São Paulo. Era estrangeiro. Falava correctamente o portuguez com uma pronuncia ligeiramente estranha, mas não desagradavel. Tomei-o por um centro-americano, mas elle mesmo me desenganou: era italiano.

Travámos conversação a proposito de um artigo de jornal que eu estava lendo e no qual se tratava do recente invento do engenheiro italiano Ulivi.

— Sim — disse meu companheiro de viagem, — é importante esse descobrimento, e o nome de Ulivi honra a Italia, que conta já com um grande numero de sabios.

Obter a distancia, por meio da resonancia, a inflammação de explosivos encerrados nos recipientes metallicos, é maravilhoso, e os raios F, de Ulivi, que não são, por outro lado, sinão os raios infra-vermelho, produzirão uma revolução na arte da guerra.

— Isso será espantoso! — exclamei eu.

— Espantoso.... Esse é o termo. Quando se pensa que com um só gesto se poderá fazer saltarem os torpedos nos torpedeiros, os obuzes nos canhões, os cartuchos nos fusis.... Virgem!.... Isso gela o sangue no coração. E, no emtanto, ha cousa peor.... Não! Engano-me.... Ha cousa melhor!

— Deveras?

— Como estou lhe dizendo! Ha os raios K, cujo inventor fui eu.

— E que raios são esses? — perguntei.

— São raios que se projectam do mesmo modo que os raios F ou os raios da telegraphia sem fios, mas com um apparelho differente. Tudo o que se encontra dentro de seu raio de acção, comtanto que seja substancia metallica, fica instantaneamente volatilizado.

E meu interlocutor, enthusiasmando-se pouco a pouco, continuou:

— Uma supposição. Eu me encontro em presença de um exercito. Aqui a cavallaria. (Seu dedo assignalou em meu peito esquadrões imaginarios). A infantaria, aqui. (Meu ventre, tambem em hypothese, se encheu de regimentos). Mais longe, a artilharia. (A artilharia tomou posições sobre diversas alturas ao longo de minhas costas).

Retrocedeu, abaixou-se e disparou sobre mim uma caixa de phosphoros.

— Aqui estão meus apparelhos... E' uma supposição! Eu dirijo uma série de raios contra a cavallaria... *Per Baco!* Que espectaculo o que o senhor contempla! Tudo volatilizado: cascos, couraças e sabres. Os cavallos ficam sem ferraduras, que se dissolvem aos bocados... A debandada! Em seguida, ataco a artilharia. Adeus, canhões, balas, obuses... Adeus, tudo! Não ficam nem signaes. Tudo desappareceu!

— E a infantaria?...

— Os fusis, pff! As bayonetas, pff! Os revólvers, pff! Num abrir e fechar de olhos, tudo isso se volatiliza e até os pregos do scalçados, os botões dos casacos e das calças. Toda a infantaria só pensa numa cousa: em segurar as calças. Vê o espectaculo? Eu o vejo muito bem. E' a victoria sem verter uma gotta de sangue!

Havia outros viajantes em nosso compartimento. No rosto de um delles surprehendi um sorriso de troça, que dizia claramente:

— Esse imbecil tragou tudo!

Eu me contive. Podia ter feito a reflexão de que os nescios são os que negam ou affirmam, com uma segurança igual á sua ignorancia, as cousas que lhe são desconhecidas. Mas não.

Quando desceu do trem o italiano, eu me voltei para o viajante sceptico, e, em tom compassivo, lhe disse:

— Esse pobre rapaz é um maniaco. Como si os corpos solidos, como os metaes, pudessem volatilizar-se tão facilmente!

Só quando cheguei a São Paulo fiz outra observação. Meu relogio e minha corrente de ouro e minha bolsa de prata haviam desapparecido. Era tudo o que, em metal, eu levava sobre mim.

E pude convencer-me, então, que, effectivamente, o metal se "volatiliza" com os raios K.

A SORTE

José M. Braña

MANOEL Lubarro affirmava submetter tudo á sorte. Deante de qualquer problema, economico ou sentimental, atirava uma moeda ao ar e acatava, satisfeito, a sentença do metal, fosse ella conveniente ou não para seus interesses ou para sua felicidade. Mas ninguem, alheio a sua familia, sabia a legitima verdade: isto é, que Manoel Lubarro tinha duas moedas fabricadas de proposito: uma com duas caras, outra com duas corôas, e cada uma em um bolso differente. Assim, pois, quando se via no caso de ter que resolver alguma cousa, resolvia-o de accordo com sua conveniencia — embora affirmasse o contrario — utilizando-se da moeda correspondente. Esta, como é de suppôr, de qualquer lado que cahisse dava a mesma sentença que era reputada por Manoel como decisiva, inappelavel.

Todos o julgavam legal, a se espantavam do sangue frio com que Lubarro se submettia ao accaso. Só sua filha estava ao par de sua artimanha, mas, como filha de tal pae, guardava para si aquelle segredo. Dentro de pouco tempo foi *vox populi* sua idiosyncrasia, e no bairro o baptizaram pelo nome de "o homem da moeda".

•

MANOEL Lubarro era viuvo e, como acima ficou dito, tinha uma filha a ponto de dal-a para casar. *Anjo*, chamavam-na quantos a conheciam, e não estavam errados, uma vez que seu nome era Angela.

Ao completar vinte e tres annos Angela Lubarro, seguindo uma tradição familiar, havia arranjado noivo. Digo *tradição familiar* porque todos os seus antepassados, ao attingir a esse idade haviam parado no amor a elle entregando-se desesperadamente.

Regino Cayena, o noivo que arranjára Angela, era uma especie de pombinho tonto, que, em um transporte passional, lhe havia jurado querel-a por espaço de um seculo e meio seguido... E Angela, embora não o achasse desagradavel, antepoz a sua paixão um *mas*.

— Por minha parte, estou resolvida a deixar-me amar por você — disse-lhe — e ainda a amal-o. Mas...

— Que mas ha, minha querida?

— Um muito grande: meu pae. Eu sei que papel terá satisfação em acceital-o como genro, pois, tratando-se de mim, não olha sacrificios; mas submetterá o caso á sorte da moedinha, e a moedilha bem poderá destroçar nossos corações, uma vez que será inappellavel sua sentença.

— Então...

— Tudo depende, Regino de minha alma, da sorte da moeda. Si a moeda disser que sim, papae lhe abrirá as portas desta casa, e ainda as de seu bolso. Si disser o contrario...

— Hei de ter sorte! Pedirei o auxilio da Virgem Maria. Mas, no caso de ser bem succedido, você, Angela de meu coração, consentiria em acceitar-me como esposo? Acceitar um triste empregadinho publico, sem outro futuro além de uma longinqua aposentadoria?

— Com a mesma alegria com que acceitaria um principe abysmio carregado de ouro.

Embora a moça houvesse dito essas palavras com espontaneidade, si Regino Cayena fôsse um pouquinho observador, lhe teria visto mudar de côr mais vezes que um cameleão.

•

QUANDO o flamante noivo se viu deante do autor dos dias de sua noiva, no amplo gabinete de sua casa, não soube si devia tremer de medo ou si devia saltar de alegria. Com sua voz aflautada, expoz ao estranho senhor o motivo de sua visita. Pintou seu amor como um pintor futurista, e terminou sua entrevista com um "rogo-lhe, pois, que me conceda a mão de sua preciosa filha".

Manoel Lubarro, que o escutára attentamente, olhou-o da cabeça aos pés, pigarreou duas ou tres vezes, poz a mão no queixo, em attitude pensativa, e, por fim, com um ar de ministro, tomou a palavra:

— Eu não sei, joven, si conhece a minha idiosyncrasia, isto é, que submetto tudo ao accaso. Mas, si o ignorava, fica sabendo. Atiro uma moeda ao ar, e essa moeda dicta a sentença, umas vezes favoravel e outra adversa, tanto para os outros como para mim. Minha filha já me falou do senhor. Disse-me que se trata de um moço distincto, embora muito pobre, e eu terei muito prazer em acolhel-o no seio de minha familia. Mas, como já lhe disse, a moeda decidirá. Dará sua sentença, e esta será inappelavel! Inappellavel! ouvindo o senhor? Pois bem: vou atirar a moeda. Que diz o senhor que sahirá? Cara ou corôa?

— Cara! — exclamou Regino tremendo de emoção.

Manoel Lubarro metteu a mão em um dos bolsos do paletó, tirou uma moeda e lançou-a ao ar. Quando a moeda cahiu, os dois homens se inclinaram junto della, exclamando, ao mesmo tempo:

— Cara!

Após uma breve pausa, sem se ter ainda refeito da emoção, Manoel disse ao moço apaixonado:

— A sorte o favoreceu, joven! O senhor ganhou minha filha e meu dinheiro...

•

MEIA hora depois, a sós pae e filha, esta desapprovava a decisão paterna, uma vez que haviam combinado fazer a sorte recusar aquelle noivo, pois se tratava de um pobre diabo sem outros bens além de seu misero emprego. E Manoel Lubarro desculpou-se muito sinceramente:

— A sorte assim o quiz, Angela! Enganei-me de bolso...

CREANÇAS FRACAS
MAGRAS
ANEMICAS
?
TONICO INFANTIL
VIDRO-5$000
LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

E aquella mulher, cuja alma soffrêra grave ferida pelo despreso, concebeu um plano terrivel, uma idéa sinistra, que só uma paixão como a sua e um despeito como o seu poderiam inspirar.

E ella resolveu celebrar uma boda macabra, como a da Salomé de que falam as Escripturas. Decidiu mandar um famulo decepar a cabeça de Láo-Tsé, para que ella tivesse a ventura de beijar os labios frios do propheta que a repudiára.

A principio, hesitou em executar esse terrivel plano. Mais tarde, porém, havendo Tong-Li, sob a suggestão dos discursos do propheta, abandonado o lar materno para seguil-o na sua peregrinação através das terras barbaras, a illustrissima senhora Tsesú-Li encarregou o seu fiel mordomo de levar-lhe a cabeça de Láo-Tsé.

A' noite, no rico palacio de Tsesú-Li, estava posta a mesa como si fôra para o rito nupcial. A illustrissima senhora, cheia de ansiedade, aguardava o regresso do emissario.

Láo-Tsé e Tong-Li marchavam

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

. . .

rumo ás portas de Lhassa. O propheta explicava ao discipulo passagens do Livro Sagrado, exaltando, com a eloquencia habitual, os preceitos de Buddha. Ao pé da collina de Sakurada, Tong-Li, voltando-se para Láo-Tsé, disse-lhe: "Mestre, estou cansado. Sangram-me os pés. Si me consentes, descançarei um pouco."

Láo-Tsé concedeu ao discipulo licença para descansar. E como o frio era cortante, envolveu Tong-Li, que dormia, no seu longo manto azul. Feito isto, subiu a uma penedia e se poz a orar. Das sombras, surgiu, nesse momento, empunhando um longo yatagan, que scintillava aos reflexos do luar, o fiel emmisario da illustrissima senhora Tsesú-Li.

Só as sombras da noite viram o que então se passou, pois uma nuvem negra cobriu por completo o rosto alvo da lua...

Só as sombras da noite, viram um homem esgueirar-se, por entre as alamedas de cerejeiras floridas, carregando uma sacola, tinta aqui e ali de sangrentas manchas.

Já ia alta a noite, quando o emissario regressou ao palacio. Tsesú-Li, ansiosa, arrebatou-lhe e, erguendo pelos cabellos uma cabeça de que ainda o sangue lentamente gottejava, soltou um grito de horror... A cabeça era a de Tong-Li, o muito amado filho da illustrissima senhora Tsesú-Li.

Montepio Geral de Economia dos Servidores do Estado

Pedimos a especial attenção dos innumeros leitores desta revista, especialmente a dos srs. funccionarios publicos, para um annuncio inserto numa de suas paginas, da conceituada associação, cujo nome bastante conhecido, encima estas linhas, de real interesse, sobretudo para os servidores do Estado.

N.º 275, de 2-7-1912 Ap. D. N. S. P.

No Reino de Neptuno

Jader de Carvalho é digno official reformado do nosso Exercito e autorizado escriptor literario acerca de assumptos militares. Escreve contos bem graciosos, conhecedor, como o é, dos quarteis, dos acampamentos.

A palestrarmos, ha poucos dias, com o general Francisco R. de Andrade Neves, neto, pelo lado paterno, do inolvidavel barão do Triumpho, nosso ex-addido militar na França, na Belgica, e em cujo venturoso lar estivemos referiu-nos o illustre engenheiro uma singularidade de Jader, a qual, por muito estranha, se nos afigura interessantissima.

Conversavamos acerca de viagens maritimas e, em consequencia, trouxemos á baila o enjôo nas suas diversas modalidades, para o qual entra o systema nervoso com a sua quota.

Pessoas ha que, ao botar o pé no navio, ainda preso ao cáes, já se sentem enjoadas. Lembramo-nos de ter ouvido o doutor Cassiano do Nascimento contar, certa vez, que o doutor Homero Baptista, ministro da Fazenda do governo Epitacio, ao entrar no navio em que viajava, ia direito ao beliche e deitava-se immediatamente, sem se despir, para evitar as ansias, os calafrios do abdomen, e só se levantava nos portos de escala, afim de ir á terra nutrir-se de fructas, porquanto a bordo não se podia alimentar de cousa alguma. Os seus nervos exigiam isso.

E isso narravamos, quando o culto general citou, a proposito, o caso do nosso confrade.

— O Jader — affirmou, sorrindo — enjôa pela reminiscencia. Uma vez, eu o vi levar um companheiro a bordo; depois que o navio partiu, elle se encostou a um poste e, revelando a existencia de uma affecção morbida, com todo o symptoma do enjôo, vomitou barbaramente. Disse-me estar enjoado, mas muito o aborrecia era, com certeza, julgarem que aquillo fosse um *pileque!*

De outra feita desembarcou em Rio Grande, jantou com um camarada e á noite foram os dois ao cinema. Estava muito bem disposto a conversar com o companheiro, quando entrara o commandante do navio em que viajava. Foi a conta: sahiu ás pressas e, mal chegou á rua e sem grande esforço, deitou fóra o lauto jantar!

Certa vez, em companhia de outros alumnos da extincta Escola Militar de Porto Alegre, embarcou no "Mercedes", um navio gaiola que fazia viagens entre a capital do Estado sulino e a cidade do Rio Grande. C a l m a r i a completa. O Guahyba parecia colossal lamina de vidro. O "Mercedes" estava alinhado naquella tarde magnifica: ao de leve não jogava. Desatracado de velha ponte de madeira, rumou para a Lagôa dos Patos.

Jader achava-se encorajado para o jantar. Foi á mesa, mas, por prudencia, não ficou até o fim.

No tombadilho do andar superior do navio observara um alumno que, desde a sahida do barco, f i c a r a no andar mais baixo, a modo em elevação do espirito a altissimas contemplações. Naturalmente as saudades da noiva lhe haviam alienado os sentidos. Em abstracto scismava, certo extasiado tambem pelo espectaculo maravilhoso que tinha deante de si — o occaso: raios multicores matizando os m o r r o s realçando as nuvens.

Jader sentia-se bem, mas, por uma trepidação inesperada, produzida por intempestiva manobra do leme e maior força dada ás machinas, vieram-lhe á mente as vascas, sentiu os calafrios no abdomen e lá se foi a refeição com o *zurrapa* que o Lloyd Brasileiro fornecia naquelle tempo, — lá se foi tudo para cima do alumno saudoso e contemplativo.

E grita elle do alto:

"Desculpa, companheiro! São coisas que acontecem!"

* * *

Com a breca! Espera lá, toma cautela, caro leitor, que nem tudo é como se diz: juntamos alguns episodios narrados em amistosa palestra pelo general Andrade Neves, coronel Toledo Bordini e atiramos tudo ás costas do pobre Jader, que, na intimidade, poderia aguentar tão grandes responsabilidades, não sabendo nós, emtanto, como as receberia em letra de fórma! Pertence-lhe, de facto, o primeiro episodio, e, como só delle pretendiamos tratar, folgaram o Dunguinha, Anhumim e outros alumnos da Escola Militar, que tambem tinham aversão ás bopedarias movediças no Reino de Neptuno.

Hormino L[illegible]

VERSOS

EU...

Sou alma, tedio, amôr, paixão sangrenta,
Desmanchador dos bens da humanidade;
Sou riqueza, remorso que atormenta,
Sou lagrima, alegria, sou saudade.

Sou lembrança, virtude que acalenta
O coração p'ra toda a eternidade;
Sou o amôr, que na vida representa
A alegria triumphal da mocidade.

Destino e intelligencia eu sou tambem,
A tristeza, essa morte simulada;
Constantemente visitar-me vem.

Sou o romper subtil da madrugada.
Quero ser muito, quero ser alguem,
E acabo por ser tudo e não ser nada.

José Maria Morgade Miranda.

TÃO grande tem sido a procura dos Tapetes Congoleum, que a producção das suas gigantescas fabricas é a maior do mundo, o que permitte reduzir grandemente o custo da fabricação e, consequentemente, o seu preço de venda.

Lindos e artisticos desenhos

Um factor importante do successo destes tapetes é a belleza rara e incomparavel dos seus padrões, producção dos mais celebres especialistas de Paris, Londres e Nova York.

Os Tapetes Congoleum são os mais duraveis dentre todos os tapetes estampados.

Impermeaveis e hygienicos

O Congoleum é impermeavel e a sua superficie não dá abrigo a germens e poeira. A sua limpeza é facil e rapida — basta passar sobre o tapete um panno molhado e, num instante, elle se torna hygienicamente limpo. Nada de poeira incommoda e perigosa, nada de trabalho fatigante!

O Congoleum adapta-se por si ao soalho, não sendo preciso pregal-o ou collal-o de forma alguma.

Note os preços baixos

Tamanhos	Preços	Tamanhos	Preços
2m75 x 4m58	210$000	2m75 x 3m66	173$000
2m29 x 2m75	111$600	1m83 x 2m75	87$000
2m75 x 3m20	155$000	2m75 x 2m75	133$000
0m92 x 1m83	30$000	0m92 x 1m37	22$500
0m46 x 0m92	7$500		

Nos Estados os preços são ligeiramente mais altos devido ao frete.

Insista pelo legitimo

Para sua propria protecção, quando comprar um tapete, não acceite sinão o verdadeiro Congoleum, que se identifica pelo *Sello de Ouro* que se acha collado em uma das pontas de todo o legitimo Tapete Artistico Congoleum Sello de Ouro.

Á venda em todas as bôas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Company of Delaware

Caixa Postal 1605 — Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 12 — São Paulo

Mande-nos este "coupon" e lhe enviaremos reproducções a côres dos bellissimos padrões Congoleum.

GRATIS—Lindo Folheto Colorido

Congoleum Company of Delaware, Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro

Nome ______________________________

Rua e No. ______________________________

Cidade e Estado ______________________________

ESCREVA CLARAMENTE

Kola-Cardinette
Kola Cardinette
Kola-Cardinette
O Fortificante de Effeitos Rapidos